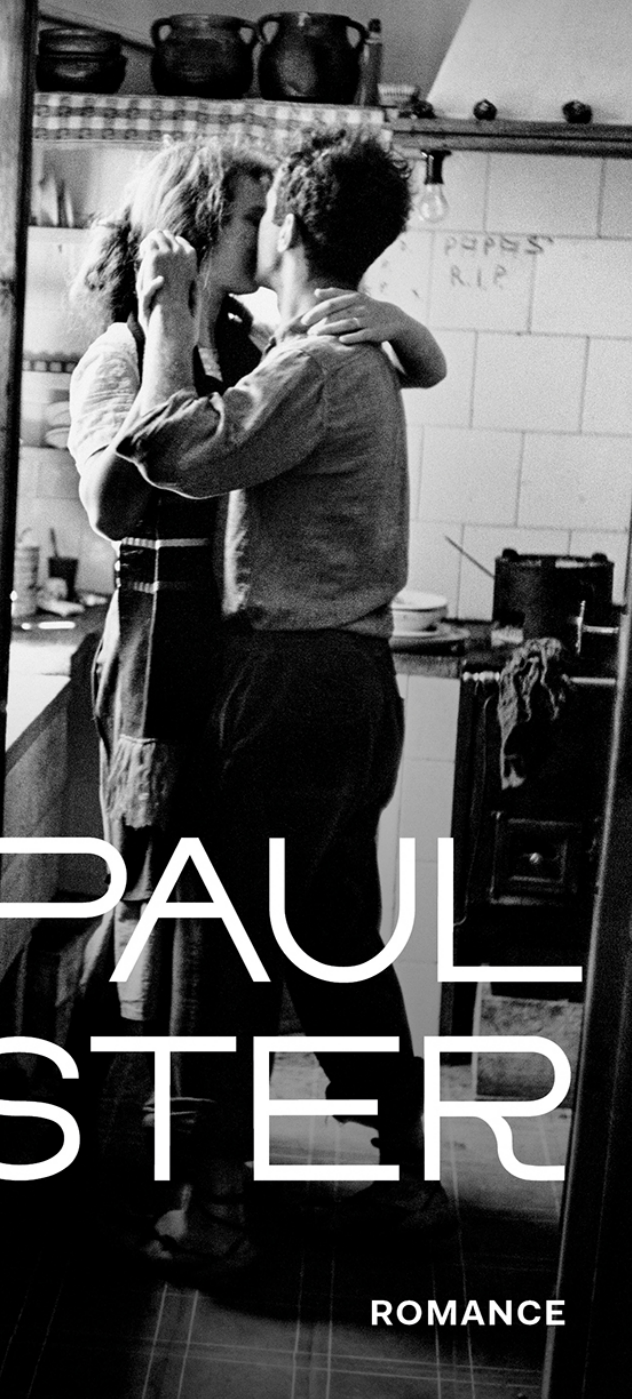


Baumgartner



PAUL AUSTER



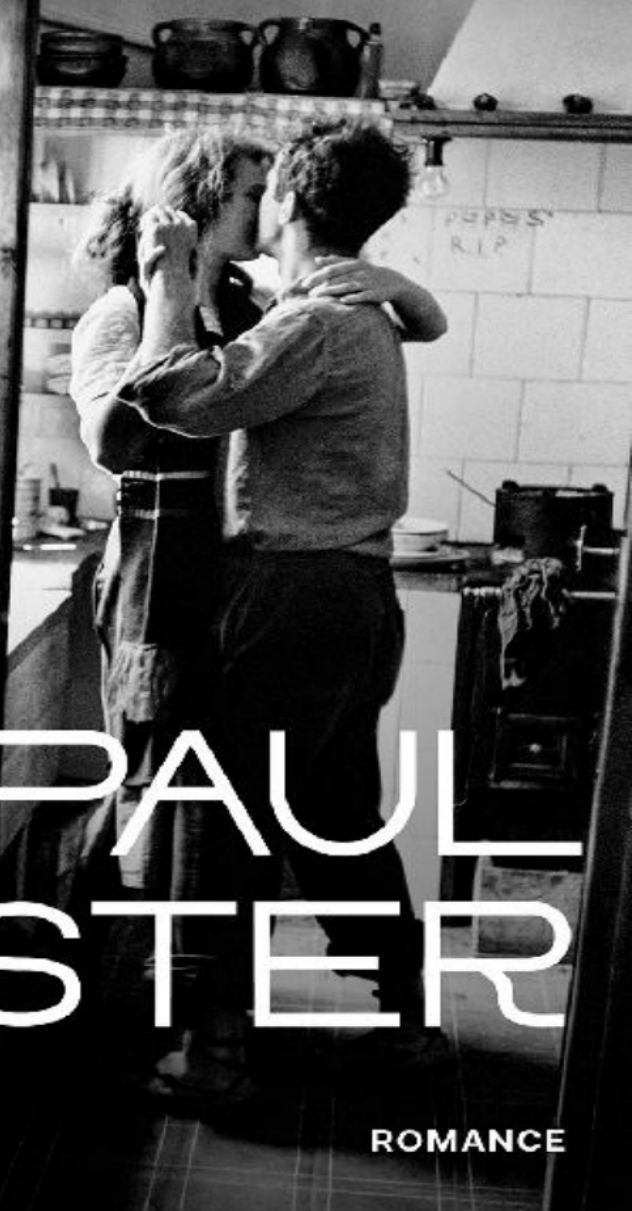
COMPANHIA DAS LETRAS

ROMANCE

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Baumgartner



PAUL AUSTER



COMPANHIA DAS LETRAS

ROMANCE

PAUL ADSTER

Baumgartner

Verlag
Johann Neumann



Sumário

Capa	
Folha de rosto	
Sumário	
1.	
2.	
3.	
4.	
5.	

Sobre o autor
Créditos

Landmarks

Cover	
Title Page	
Table of Contents	
Copyright Page	

BAUMGARTNER

1.

Baumgartner estava sentado em sua mesa de trabalho no aposento do segundo andar a que ele por vezes se referia como seu escritório, seu *cogitorium* ou seu cantinho. Caneta na mão, estava no meio de uma frase do terceiro capítulo de sua monografia sobre os pseudônimos de Kierkegaard quando lhe ocorreu que o livro do qual necessitava extrair uma citação para terminar a frase tinha ficado na sala de visita do andar de baixo, onde o deixara antes de ir dormir na noite anterior. Ao descer para pegar o livro, também lhe ocorreu que havia prometido chamar sua irmã às dez horas daquela manhã e, como já eram quase dez, decidiu que iria até a cozinha fazer a chamada antes de recuperar o livro na sala de visita. Entretanto, ao entrar na cozinha, parou subitamente devido a um cheiro forte e penetrante. Deu-se conta de que alguma coisa estava queimando e, quando avançou na direção do fogão, viu que uma das bocas da frente tinha permanecido acesa e que a chama baixa e persistente corroía o fundo de uma pequena panela de alumínio que usara três horas antes para cozinhar os dois ovos que comera no café da manhã. Apagou o fogo e depois, sem pensar duas vezes, isto é, sem se dar ao trabalho de apanhar uma luva de cozinha ou uma toalha, queimou a mão ao erguer a panelinha destruída e fumegante. Baumgartner gritou de dor. Uma fração de segundo mais tarde deixou cair a panela, que bateu no chão com um agudo tilintar metálico, e ainda urrando de dor correu para a pia, abriu a torneira de água fria, pôs a mão direita debaixo da bica e a manteve lá por três ou quatro minutos enquanto o jorro frio escorria por sua pele.

Com a esperança de ter evitado bolhas potenciais nos dedos e na palma da mão, Baumgartner cuidadosamente os secou com um pano de prato, parou por um momento a fim de flexionar os dedos, aplicou suavemente o pano

sobre a mão mais algumas vezes e depois se perguntou o que estava fazendo na cozinha. Antes que pudesse se lembrar de que devia telefonar para a irmã, o telefone tocou. Levantou o fone do gancho e resmungou um cauteloso *alô*. Devia ser ela, imaginou, finalmente lembrando por que estava ali e, já tendo passado das dez, que deixara de ligar para sua rabugenta irmã mais nova, que sem dúvida começaria a conversa o repreendendo por *mais uma vez e como sempre* não ter ligado para ela. Mas, quando a pessoa começou a falar, ele verificou que não se tratava de Naomi e sim de um homem, um homem desconhecido, com uma voz nada familiar, que gaguejava uma espécie de desculpa por estar atrasado. Atrasado para quê?, perguntou Baumgartner. Para ler seu registro, disse o homem. Eu devia estar aí às nove, não se lembra? Não, Baumgartner não se lembrava, era incapaz de recordar um único momento nos últimos dias e semanas em que tivesse combinado que o funcionário da companhia de eletricidade leria o registro às nove horas. Por isso, disse ao sujeito que não se preocupasse porque estaria em casa de manhã e de tarde; no entanto, o funcionário da companhia elétrica, que tinha uma voz jovem e parecia inexperiente, desejoso de agradar, insistiu em dizer que não tinha tempo para explicar exatamente por que não aparecera na hora marcada, mas que havia *uma boa razão* para aquilo, uma razão que *escapava a seu controle*, e que iria lá tão logo pudesse. Muito bem, disse Baumgartner, nos vemos então. Desligou o telefone e olhou para a mão direita, que havia começado a latejar devido à queimadura. Porém, ao examinar a palma e os dedos, não viu nenhuma bolha nem sinal de que a pele estivesse se soltando, apenas uma vermelhidão geral. Podia ser pior, ele pensou, dá para aguentar isso — e depois, dirigindo-se a si próprio, concluiu: Seu idiota, dessa vez você teve sorte.

Ocorreu-lhe que deveria telefonar para Naomi naquele instante *antes que ela tomasse a iniciativa*, mas, ao levantar o fone do gancho para discar o número, a campainha da porta tocou. Um longo suspiro escapou dos pulmões de Baumgartner. Com o tom de discagem ainda vibrando em sua mão, repôs o fone no gancho e começou a se encaminhar para a porta da frente, chutando com raiva a panela com o fundo carbonizado para o lado ao sair da cozinha.

Seu humor melhorou ao abrir a porta e ver que era a mulher da empresa de entrega de encomendas, Molly, uma visitante frequente que, com o correr

do tempo, adquirira o status de... o quê? Não de fato uma amiga, e sim de uma conhecida, pois costumava vir à sua porta duas ou três vezes por semana durante os últimos cinco anos. A verdade é que o solitário Baumgartner, cuja esposa morrera há quase uma década, sentia alguma coisa por aquela mulher corpulenta de trinta e tantos anos cujo sobrenome nem sabia, pois, mesmo ela sendo negra e sua esposa branca, sempre que ele a via alguma coisa no olhar de Molly o fazia pensar na falecida Anna. Isso nunca deixava de acontecer, mas exatamente do que se tratava ele era incapaz de dizer. Talvez uma sensação de vivacidade, embora fosse bem mais que isso, ou quem sabe algo passível de ser descrito como uma *vigilância radiosa* ou, se não isso, simplesmente o poder de uma *personalidade iluminada*: o entusiasmo humano em todo seu vibrante esplendor emanando de dentro numa dança complexa e entrelaçada de sentimento e reflexão — talvez alguma coisa assim, se isso fizesse algum sentido; mas, como quer que chamemos a coisa que Anna tinha, Molly também a possuía. Por esse motivo, Baumgartner passara a encomendar livros de que não necessitava e que, sem jamais abri-los, doaria à biblioteca pública local, uma vez que seu único objetivo era passar um minuto ou dois na companhia de Molly todas as vezes que ela tocava a campainha a fim de entregar um dos volumes.

Bom dia, professor, ela disse, oferecendo-lhe seu sorriso iluminado como se fosse uma bênção. Outro livro para o senhor.

Obrigado, Molly, disse Baumgartner, sorrindo de volta quando ela entregou o fino embrulho em papel pardo. Como vai você?

Cedo ainda para dizer, cedo demais, mas até agora os pontos positivos são maiores que os negativos. Difícil se sentir triste numa manhã tão linda quanto a de hoje.

Primeiro dia bom da primavera — o melhor dia do ano. Tratemos de aproveitar enquanto dura, Molly. Nunca se sabe o que vai acontecer.

Verdade da boa, retrucou Molly. Deu uma risadinha de cumplicidade e depois, antes que ele pudesse pensar em algum comentário inteligente ou engraçado que prolongasse a conversa, ela deu um aceno de adeus e caminhou de volta para o furgão.

Essa era outra das muitas coisas que Baumgartner gostava em Molly. Ela sempre ria ao ouvir suas observações insípidas, até mesmo as mais tolas, as mais bobocas.

Caminhou de volta para a cozinha e pôs o livro ainda fechado no topo da pilha de embrulhos idênticos que ficava espremida num canto perto da mesa. A torre crescera tanto recentemente que dava a impressão de que a adição de um ou dois daqueles retângulos de um marrom-pálido derrubaria a coisa toda. Baumgartner fez uma anotação mental de que mais tarde deveria desembalar os livros e transferi-los desnudos para a caixa menos cheia das muitas que, na varanda fechada dos fundos, tinham sido postas junto de outros livros indesejados, para serem doados à biblioteca pública. Sim, sim, Baumgartner disse a si mesmo, sei que prometi fazer isso na última vez em que Molly esteve aqui, e também na vez anterior, mas agora é pra valer.

Olhou para o relógio de pulso e viu que eram dez e quinze. Ficando tarde, pensou, mas talvez não tarde demais para ligar para Naomi e evitar o pior antes que ela comesse a brindá-lo com insultos e xingamentos. Já ia tirar o fone do gancho quando o diabo do aparelho tocou de novo. Outra vez presumiu que era a irmã, outra vez se enganou.

Uma vizinha trêmula respondeu a seu abafado alô com uma pergunta quase inaudível: *Sr. Baumgartner?* As palavras foram pronunciadas por alguém tão jovem e tão claramente agoniado que Baumgartner se sentiu invadido por uma sensação de alarme, como se todos os órgãos em seu corpo de repente estivessem funcionando no dobro da velocidade normal. Quando perguntou quem era, a voz disse *Rosita*, e subitamente ele soube que alguma coisa devia ter acontecido com a sra. Flores, a primeira mulher que viera limpar a casa alguns dias depois do enterro de Anna e, desde então, vinha duas vezes por semana passar um pano úmido no chão e o aspirador de pó nos tapetes, cuidar da roupa suja e executar as numerosas outras tarefas domésticas, o que o havia impedido de viver em meio à sujeira e à desordem nos últimos nove anos e meio. A boa, firme, introvertida e quase silenciosa sra. Flores, com seu marido operário de obras e três filhos, dois rapazes e a mais nova, Rosita, uma garota magricela de doze anos que sempre vinha à sua casa no Dia das Bruxas para pegar seu saquinho de balas.

O que é que houve, Rosita?, perguntou Baumgartner. Aconteceu alguma coisa com sua mãe?

Não, respondeu Rosita, com minha mãe não. Com papai.

Baumgartner esperou alguns momentos para que as lágrimas retidas da menina jorrassem num choro curto e sufocado: como ela estava tentando se

controlar e não cair de todo no pranto, sua respiração havia se transformado numa série de soluços trêmulos. Baumgartner entendeu que, como a sra. Flores devia vir naquela tarde e estávamos em meio às férias de primavera, Rosita não tinha ido à escola e fora instruída a informá-lo da emergência enquanto a mãe enfrentava o que quer que tivesse acontecido com o marido.

Depois que os arquejos e as lágrimas sufocadas tinham se reduzido um pouco, Baumgartner fez a pergunta seguinte. Juntando os fragmentos do relato de tudo que a menina tinha ouvido da mãe, que por sua vez ouvira de outra pessoa, ele entendeu que, naquela manhã, o sr. Flores fazia uma restauração numa cozinha e, ao serrar algumas tábuas no porão do cliente, numa operação que executara centenas senão milhares de vezes no passado, tinha de algum modo decepado dois dedos da mão direita.

Baumgartner viu os dois dedos amputados caindo em cima de uma pilha de serragem no chão. Viu o sangue jorrando dos cotocos sem pele. Ouviu o sr. Flores gritar.

Finalmente disse: Não se preocupe, Rosita. Sei que parece horrível. Mas os médicos podem dar um jeito nisso. Podem repor os dedos do seu pai no lugar e, quando você voltar à escola no outono, ele vai estar em plena forma.

Verdade?

Sim, é verdade. Prometo.

Como a garota estava sozinha em casa e ficara paralisada num estado de puro pânico desde que a mãe saiu para o hospital, Baumgartner continuou a falar com ela por dez minutos. Lá para o fim da conversa, conseguiu extrair de Rosita algo parecido com uma risada e, quando por fim desligaram, aquela pequena desculpa para um riso foi o que ficou com ele, pois tinha quase certeza absoluta de que seria a coisa mais importante que faria naquele dia.

No entanto, Baumgartner ficou chocado. Puxou uma cadeira e se sentou, fixando o olhar numa velha mancha de xícara de café ao repassar a cena mentalmente. Angel Flores, carpinteiro veterano de quarenta e oito anos, ao fazer alguma coisa que vinha fazendo repetidamente ao longo de muitos anos, de repente e sem nenhuma justificativa perdeu o controle e, devido a um instante de desatenção, se feriu gravemente. Por quê? O que causou a perda de concentração e afastou seus pensamentos da tarefa em curso, coisa simples quando a pessoa está concentrada e perigosa quando não está? Será

que algum companheiro o distraiu ao descer pela escada naquele momento? Será que um pensamento vadio inadvertidamente penetrou em sua mente? Uma mosca pousou em seu nariz? Sentiu uma súbita dor no estômago? Bebeu demais na noite anterior ou brigou com a mulher antes de sair de casa ou... De repente ocorreu-lhe que talvez o sr. Flores decepava os dedos no momento exato em que ele, Baumgartner, queimava a mão na panelinha. Cada qual causando a própria infelicidade, mesmo que a de um fosse muitíssimo maior que a do outro. E, contudo, em cada caso...

A campainha da porta soou, interrompendo o fluxo dos pensamentos errantes de Baumgartner. Merda, ele disse, ao se levantar lentamente da cadeira e arrastar os pés até a frente da casa. Um homem não pode nem pensar aqui nesta casa.

Ao abrir a porta, Baumgartner se viu encarando o leitor de registros, um sujeito alto e forte de uns vinte e tantos ou trinta e poucos anos, vestindo a camisa azul obrigatória da companhia elétrica com o logo estampado no bolso esquerdo e, abaixo dele, num vívido bordado em linhas amarelas, o nome do funcionário: Ed. Tanto quanto Baumgartner podia dizer, o olhar de Ed era ao mesmo tempo esperançoso e angustiado. Estranha combinação, ele pensou, e, quando Ed ofereceu um sorriso hesitante como forma de saudação, o efeito foi ainda mais confuso — como se o sujeito estivesse esperando que a porta fosse batida na sua cara. Para acalmar suas ansiedades, Baumgartner o convidou a entrar.

Obrigado, sr. Boom Garden, disse o homem ao entrar. Muito obrigado mesmo.

Mais divertido que ofendido com a deturpação de seu nome, Baumgartner disse: Por que não nos chamamos pelo primeiro nome? Como já sei o seu — Ed —, por que não deixamos de lado esse negócio de senhor e você não me chama de Sy?

Sai?, perguntou Ed. Que tipo de nome é esse?

É isso aí, só S e Y. Abreviação de Seymour, o nome ridículo que meus pais me deram quando nasci. Sy não é nenhuma maravilha, concordo, mas é melhor que Seymour.

Quer dizer que você também, disse o leitor de registros.

Eu também o quê?, perguntou Baumgartner.

Carrega um nome de que não gosta.

O que há de errado com Ed?

Nada. É o sobrenome que me chateia.

Ah, é mesmo? Qual é esse sobrenome?

Papadopoulos.

Não há nada de errado com ele. Um belo sobrenome grego.

Talvez para alguém que viva na Grécia. Mas faz o pessoal aqui nos Estados Unidos rir. Os garotos riam de mim na escola e, quando eu era lançador de beisebol na segunda liga uns anos atrás, o público ria quando meu nome era anunciado nos alto-falantes. Causa em qualquer um aquele troço... um complexo.

Se incomoda tanto a você, por que não muda?

Não posso. Ia partir o coração do meu pai.

Baumgartner estava ficando entediado. Se não desse um basta naquelas irrelevâncias sinuosas, Ed Papadopoulos dentro em breve contaria toda a história da vida do pai ou desfiaria reminiscências sobre sua ascensão e queda nas ligas inferiores de beisebol. Por isso, Sy, abreviação de Seymour, abruptamente mudou de assunto e perguntou a Ed se ele gostaria de dar uma olhada no registro situado no porão. Ficou então sabendo que aquele era seu dia de estreia no trabalho e o registro no porão seria o primeiro a ser feito por ele como empregado formal da companhia. Isso explicava a razão de não ter aparecido na hora marcada — não por culpa dele, é bom dizer, mas porque um grupo de leitores de registro veteranos lhe pregou uma peça naquela manhã, a primeira manhã no emprego!, esvaziando o tanque de gasolina de sua caminhonete. Tinham deixado apenas combustível suficiente para que ele dirigisse por menos de um quilômetro, fazendo o veículo parar numa rua movimentada bem na hora do rush, o que havia provocado aquele atraso embaraçoso. Disse que sentia muito, que estava tremendamente aborrecido por criar um inconveniente. Teria chegado a tempo se ao menos houvesse tido o bom senso de verificar o marcador de gasolina antes de começar a jornada de trabalho, mas aqueles brincalhões idiotas tinham que lhe pregar uma peça só porque era o novato, e levaria uma baita duma bronca do supervisor por causa daquilo. Mais um deslize desses e ficaria na marca do pênalti. Mais dois, e provavelmente seria posto na rua.

A essa altura Baumgartner estava prestes a gritar. De onde tinha vindo aquele tagarela grandalhão e como podia fazer cessar a torrente interminável

de palavras? No entanto, apesar de sua crescente irritação, não pôde deixar de sentir certa simpatia pelo bobalhão bem-intencionado. Assim, em vez de soltar um urro a plenos pulmões, Baumgartner emitiu um tênue suspiro, quase inaudível, e caminhou na direção da porta que dava para o porão.

É lá embaixo, ele disse, na parede dos fundos, à esquerda. Mas, ao acionar o interruptor, o porão continuou às escuras. Merda, disse Baumgartner, lutando para não perder o controle da mesma forma que a pequena Rosita tinha se esforçado para não chorar ao conversarem mais cedo. A lâmpada deve ter queimado.

Não é problema, disse Ed. Tenho uma lanterna. Equipamento obrigatório, sabe?

Que bom. Tenho certeza de que você vai encontrá-lo.

Talvez sim, talvez não, disse o leitor de registros novato. Se importa de descer e me mostrar onde fica? Só essa vez, assim não vou gastar mais do seu tempo.

Ocorreu a Baumgartner que Ed Papadopoulos tinha medo do escuro, ou talvez apenas de porões às escuras, especialmente em casas velhas como aquela, com teias de aranha penduradas das vigas, insetos gigantescos rastejando pelo chão e sabe-se lá que objetos invisíveis bloqueando a passagem até o registro; por isso, embora não tivesse dúvida de que Naomi telefonaria assim que ele pisasse no último degrau, Baumgartner relutantemente consentiu em ir na frente.

A escada para o porão era instável e decrepita, mais uma coisa que Baumgartner havia se prometido consertar e não consertara, nem mesmo depois de anos repetindo a mesma promessa com o mesmo senso de determinação, pois nunca pensava nela até se ver descendo para o porão. Depois que subia, fechava a porta e voltava a esquecer da escada. Agora, sem a lâmpada no teto para iluminá-la e apenas com a luz da lanterna de Ed às suas costas, Baumgartner cautelosamente se agarrou ao corrimão de madeira cheio de farpas. Mas, ao segurá-lo com força, a palma da mão e os dedos queimados pareceram ter sido perfurados por mil agulhas fantasmagóricas — como se estivessem sendo queimados de novo. Ele recolheu a mão imediatamente e, como não havia corrimão no lado esquerdo, não tinha mais onde se apoiar. Porém, confiante por conhecer bem aquela escada depois de morar tantos anos na casa, aventurou um primeiro passo para baixo, deixou

de fazer contato com o degrau por alguns centímetros, perdeu o equilíbrio no escuro e desceu aos tropeções, ferindo um ombro, depois o outro e esborrachando o joelho direito no chão duro de concreto.

Pela segunda vez naquela manhã, Baumgartner urrou de dor.

O grito dissipou-se num prolongado espasmo de gemidos enquanto seu corpo amassado se contorcia no chão úmido. Ele não tinha ideia de que seus membros estivessem se mexendo, mas sabia que continuava consciente porque inúmeros pensamentos desconexos irrompiam em sua mente, até mesmo alguns obscuros e incompreensíveis que, ele supôs, não seriam qualificados como genuínos pensamentos, sendo relegados à categoria de quase pensamentos ou não pensamentos, exceto que talvez, apesar da dor que assaltava seus ombros e o joelho direito, não havia dor na cabeça, o que sugeria que o crânio sobrevivera à queda sem choques graves, o que por sua vez sugeria que, quando tudo estivesse terminado, o acidente não o teria transformado num idiota que babava e dizia coisas sem nexos, um traste humano de todo inútil. No entanto, um momento depois, quando Ed se aproximou e iluminou seu rosto, Baumgartner foi incapaz de lhe dizer que desviasse o foco da lanterna e, em vez disso, soltou outro gemido e cobriu os olhos com a mão direita. A incapacidade de articular seus pensamentos o perturbou, até o assustou. Quando nada, comprovava que o cérebro ainda estava embaralhado, se não permanentemente estropiado, ou por ora apenas confuso devido à dor que se espalhava para outras partes do corpo além da cabeça, em especial o cotovelo direito, que pareceu pegar fogo quando ele levantou o braço a fim de cobrir os olhos com a mão, a mesma mão direita que já tinha sido queimada de manhã e ainda doía, sem dúvida porque ele aparara o último estágio da queda pondo as mãos na frente do corpo antes de bater no chão de cimento, embora não se recordasse minimamente de ter feito tal coisa.

Putá merda, disse Ed. Você está bem?

Depois de longa pausa, Baumgartner por fim conseguiu expelir algumas palavras. Difícil saber, ele disse. Embora fosse gratificante verificar que não perdera o poder da fala, a dor ainda era forte demais para que a vitória o deixasse exultante. Pelo menos não morri, ele continuou, acho que isso já é alguma coisa.

Claro que é, retrucou o leitor de registros, é tudo que interessa. Mas me

diga, Sy, onde está doendo?

Enquanto Baumgartner enumerava os lugares doloridos em seu corpo, Ed, assumindo o papel de treinador profissional, avaliou cuidadosamente o dano potencial a cada músculo, tendão e osso impactado. Terminado o inventário, perguntou a Baumgartner se podia erguê-lo e o ajudar a subir a escada.

Vamos tentar, Baumgartner respondeu. Se não puder, vamos ficar logo sabendo.

Por isso, Ed Papadopoulos, um estranho que entrara em sua casa havia menos de dez minutos, levantou o idoso Baumgartner do chão com a mão direita enquanto segurava a lanterna com a esquerda, enlaçando-lhe depois firmemente o torso e as costelas com o braço direito e iniciando o laborioso processo de ampará-lo ao subir a escada estreita e instável. De todas as coisas que doíam, Baumgartner descobriu que o joelho era o mais dolorido, doía tanto que o mero fato de se apoiar nele gerava uma espécie de dor lancinante comparável ao clamor estridente de quarenta lobos uivantes. Todavia, encorajado pela gratidão à solicitude de Ed, com seu braço competente e musculoso, Baumgartner decidiu fazer um grande esforço e não se queixar, sufocando os uivos e lamentos num silêncio rigoroso e estoico. Assim, quando Ed se lançou no relato sobre seu próprio problema no joelho ocorrido quatro anos antes, um menisco rompido que o afastou dos estádios pela maior parte da temporada, e em última instância acabou com sua carreira como lançador, Baumgartner só emitiu um grunhido ocasional; e nem falou ou gritou quando Ed passou a explicar que, ao voltar após a recuperação, seus arremessos tinham perdido a força e a precisão, e se seguiu aquele famoso *bye, bye, amigo, que bom te conhecer*. E, mesmo então, enquanto continuou enredado na longa narrativa do ex-lançador sobre seus sonhos frustrados e copinhos com café que nunca foram tomados, a qual se estendeu pelos quatro minutos gastos na subida da escada, Baumgartner não levou aquilo a mal e se agarrou às palavras de Ed como uma forma cruel mas bem-vinda de não atentar para a dor.

Chegando ao topo da escada, Baumgartner continuou a se apoiar em Ed enquanto capengava a caminho da sala de visita, onde seu protetor o ajudou a recostar-se no sofá e ajeitou sob sua cabeça duas almofadas com bordados. Temos que pôr um gelo nesse joelho, disse Ed, e, antes que Baumgartner pudesse lhe informar que o freezer da geladeira estava quebrado, ele já havia

desaparecido. Baumgartner ouviu o compartimento do freezer ser aberto e fechado. Segundos depois, Ed reapareceu com uma expressão de perplexidade e pesar. Não tem gelo, ele disse, com o tom de voz desamparado de uma criança que acaba de descobrir que Papai Noel não existe, ou um adolescente curioso que acaba de descobrir que Deus não existe, ou o moribundo que acaba de descobrir que não haverá um amanhã.

Não se preocupe com isso, disse Baumgartner, vou ficar bem.

Não sei, não, disse o leitor de registros. Você parece bem abalado, Sy. Cabelos desgrehados, a calça toda suja e manchada. Provavelmente devíamos ir a um hospital tirar umas radiografias. Só para ter certeza de que não quebrou nada.

Esquece isso, disse Baumgartner. Nada de hospital, nada de raios X. Só preciso dar uma descansada, ter uma chance de me recuperar. Daqui a pouco, vou conseguir andar.

Bom, você é que sabe, disse Ed, olhando bem seu paciente à medida que pequenas e invisíveis engrenagens começaram a girar em sua cabeça. Pelo menos me deixe lhe dar um copo d'água, pode ser?

Obrigado. Um copo d'água vai cair bem.

Um minuto e meio depois, enquanto Baumgartner bebia a água, Ed de repente sentou no chão e se inclinou para a frente até que seu rosto quase tocasse o de Baumgartner. Me diga, Sy, em que ano nós estamos?

Baumgartner fez uma pausa, engoliu a água que já tinha na boca e disse: Que pergunta é essa?

Só me faz um agrado, Sy. Em que ano nós estamos?

Bem, vejamos. Se for possível eliminar 1906 e 1687, assim como 1777 e 1944, então deve ser 2018. Que tal? Passei perto?

Ed sorriu e disse: Acertou na mosca.

Satisfeito?

Duas ou três mais — só de brincadeirinha.

Dando um grande suspiro de exasperação, Baumgartner pensou se dava um soco na cara de Ed ou topava a brincadeira com toda a cortesia. Fechou os olhos, contemplando a encruzilhada entre um velho ranheta e um sábio de outro mundo, e por fim respondeu: Tudo bem, doutor, próxima pergunta.

Onde estamos?

Onde? Ora, claro que estamos aqui, onde sempre estivemos — homens e

mulheres, cada qual aprisionado dentro do seu corpo desde o dia em que nascemos até o dia em que morremos.

É verdade. Mas estou pensando mais em que cidade estamos. O lugar no mapa em que nós dois estamos agora.

Bom, nesse caso estamos em Princeton, não é mesmo? Princeton, estado de Nova Jersey para ser exato. Na minha opinião, um lugar bonito mas monótono. Mas essa é apenas minha opinião. O que você acha?

Sei lá. Nunca estive aqui antes. Me parece bem bonito, mas não moro aqui como você, por isso não posso dizer com certeza.

Baumgartner sentiu vontade de continuar a provocar Ed nas perguntas seguintes, mas não foi capaz de fazê-lo. A ilimitada boa vontade do jovem superava qualquer impulso de zombar dele; assim, terminada a curta sessão de perguntas e respostas, o leitor de registros ficou convencido de que seu paciente não tinha sofrido nenhuma concussão cerebral nem apresentava outros sintomas que ameaçassem sua vida. Baumgartner então lhe disse que, como já havia tomado muito do seu tempo, ele deveria retomar suas visitas, rapidinho, já que havia outros registros a ler durante o dia. Isso fez Ed lembrar-se de repente que, graças à confusão que se seguira ao tombo de Baumgartner escada abaixo, ele tinha se esquecido de ler o registro. Sem pensar duas vezes, pegou a lanterna e saiu correndo da sala para completar seu primeiro trabalho como funcionário da companhia de eletricidade.

Ouvindo o som das botas pesadas que desciam a escada para o porão, Baumgartner refletiu sobre a curiosa sequência de circunstâncias que o puseram deitado com um par de cotovelos pulsantes e um joelho dolorosamente inchado, o que sem dúvida o faria andar mancando durante muitas semanas, talvez até o fim do verão ou, quem sabe, da vida. Nada a fazer com relação a isso, ele disse a si mesmo, e então seus pensamentos se voltaram para o coitado do sr. Flores e aquele pavoroso negócio de amputar dois dedos. Como deveria ter sido horrível se ver fazendo isso no próprio corpo, pensou Baumgartner, não só vendo os dedos se separarem da mão, mas sabendo que ele mesmo tinha sido responsável pela mutilação. Pelo que sabia, agora, rotineiramente, os médicos eram capazes de costurar de volta dedos amputados e fazê-los voltar a funcionar normalmente, mas, como ele não conhecia ninguém que tivesse sido objeto de uma dessas restaurações milagrosas, esperava não ter mentido a Rosita quando prometeu que seu pai

voltaria a ficar inteiro. Pois nunca se deve mentir para as crianças, em nenhuma hipótese, mesmo que essa regra possa ser quebrada vez por outra quando se trata de adultos.

A essa altura, ele tinha esquecido tudo acerca do ensaio sobre Kierkegaard e o livro que planejava levar para o andar de cima a fim de terminar a frase que vinha escrevendo. Esquecera também do telefonema para a irmã e até mesmo do fato de que tinha uma irmã, porque tanta coisa tinha acontecido desde que essas coisas foram importantes e urgentes que elas poderiam fazer parte da vida de outrem. No momento, seus únicos planos consistiam em continuar a descansar por algum tempo e aguardar o retorno de Ed da leitura do registro no porão, quando lhe agradeceria por suas várias gentilezas e se despediria. Fechou os olhos, e, durante um ou dois minutos, seus pensamentos continuaram a saltar de uma coisa para outra. No entanto, logo depois não havia nenhuma dessas coisas e os pensamentos foram substituídos por uma sucessão de imagens de sonho. A maior parte delas de Anna quando moça: sorrindo para ele, franzindo a testa para ele, rodopiando por algum aposento, sentando-se em alguma cadeira, ficando na ponta dos pés e esticando os braços na direção do teto.

Quando acordou, a luz que penetrava na sala sugeriu que algum tempo se passara. Baumgartner presumiu que tinham sido uns doze ou quinze minutos, mas, ao olhar o relógio, os ponteiros marcavam dez para a uma, o que significava que ele esteve fora do ar por quarenta e cinco minutos ou uma hora. Imediatamente deu uma olhada para a mesinha de centro à sua direita e viu uma nota escrita à mão sobre uma pilha de livros. Quis lê-la, mas teria de estender o braço direito a fim de pegar a folha com a ponta dos dedos, o que adicionalmente o obrigaria a testar a condição do ombro. Mas, que se dane, pensou, tome coragem e faça isso, razão pela qual Baumgartner o fez; e, embora o ombro estivesse dolorido e magoado, a dor não foi tão terrível a ponto de exigir um grunhido alto.

Caro Sy, Você estava dormindo quando subi. Não quis perturbar seu sono, por isso fui embora. Quando terminar o trabalho, vou até a loja e trago para você um saco de gelo. Vai ajudar seu joelho e diminuir o inchaço. Também vou comprar uma lâmpada para o porão. Me espere entre seis e seis e meia. Abraço, Ed Papadopoulos.

Extraordinário, Baumgartner disse com seus botões. Um estranho total

saindo do seu caminho para fazer tudo isso. Num mundo cheio de idiotas e animais egoístas, não é que aparece um inocente de bom coração como um anjo misericordioso — e, sim, o gelo iria certamente ajudar, uma vez que o joelho estava sensível e a carne em volta da rótula agora inchada, cheia de sangue e de tecido ferido, ou o que quer que se junte debaixo da pele quando uma parte do corpo começa a inchar.

Baumgartner fez uma anotação mental para chamar o supervisor de Ed na companhia elétrica e elogiar entusiasticamente as virtudes notáveis do novo funcionário da equipe.

O único telefone do andar térreo ficava na cozinha, e quando Baumgartner pensou em ir até lá, compreendeu que estava com fome, tão faminto que, se e quando conseguisse andar, não apenas iria fazer a chamada para a companhia mas também preparar um almoço.

Rolar para fora do sofá foi menos difícil do que ele imaginara, mas ficar de pé comprovou ser uma tortura, assim como o ato de mover a perna direita para a frente, em especial ao pisar com o pé direito. Os grunhidos ajudavam um pouco, mas não muito; e, conquanto a solução ideal fosse atravessar a sala pulando só na perna esquerda, ele temia perder o equilíbrio e cair, muito embora no passado tivesse sido considerado um excelente atleta, um dos melhores da escola quando era moço, isso porém pertencia ao passado remoto, toda uma vida quando parava para calcular quantos anos já tinham transcorrido desde então. Baumgartner entendeu como era tolo até mesmo considerar a possibilidade de correr esse risco, apesar de já ter sido capaz de pegar o pé esquerdo com a mão direita e pular por cima da perna esquerda com a perna direita sem largar o pé esquerdo segurado pela mão direita. Tratava-se de um feito que inspirava admiração entre os amigos e fazia as garotas soltarem arquejos de aflição, pois ele era a única pessoa capaz de executar aquela manobra bizarra e insensata. Mas aquilo tinha sido antes e isso era agora, ele disse a si mesmo, não tendo outra opção senão ir mancando e grunhindo até a cozinha com passos lentos e cautelosos, rezando para não cair antes de chegar lá.

Quase desabou mas se manteve de pé, quase não chegou lá, porém, ao cruzar a linha de chegada, estava tão exaurido pelo esforço que se deixou cair numa das cadeiras espalhadas em volta da mesa da cozinha. Desnecessário dizer que era uma das mais próximas da porta por onde entrou, mas também

a única da qual se podia contemplar todo o quintal pela janela e, voltando-se ligeiramente em outra direção, ver todo o cômodo. Resfolegando e ainda sofrendo os efeitos do deslocamento, Baumgartner soube que levaria um tempão até que pudesse voltar a se levantar e empreender a jornada da cadeira até o armário e depois até a geladeira, o fogão, a pia e o telefone de parede. Lá ficou sentado em meio a um nevoeiro de dor e cansaço, indiferente ao que estava vendo, se é que via alguma coisa. Por acaso, aterrissara na cadeira de tal modo que sua cabeça estava voltada na direção do aposento e, à medida que a respiração aos poucos retomou um nível mais ou menos normal, começou a olhar em volta e terminou por ver a panelinha carbonizada no chão. Aquilo tinha sido o começo de tudo, ele disse a si mesmo, o primeiro contratempo que levou a todos os outros naquele dia de intermináveis contratempos. Porém, continuando a olhar para a panela de alumínio enegrecida do outro lado da cozinha, seus pensamentos lentamente se distanciaram das trapalhadas matinais rumo ao passado, o passado remoto, tremeluzindo nas fronteiras da memória. E tudo voltou em fragmentos diminutos, o mundo perdido do “era uma vez”: lá estava ele e seu corpo recentemente formado, um estudante pobretão no primeiro ano do mestrado caminhando à tarde no noroeste de Manhattan em busca de algumas coisas para o primeiro apartamento em que viveria a sós. Ia comprar na Goodwill da Amsterdam Avenue utensílios baratos, de segunda mão, para sua microscópica quitinete e, naquele lugar insosso e entupido de objetos, foi onde viu pela primeira vez Anna, a moça de olhos brilhantes e perspicazes, com uns dezoito anos, ela também estudante moradora na vizinhança. Não trocaram uma só palavra, apenas alguns olhares em que se avaliaram, testando os prós e contras do que poderia ou não começar a acontecer caso começasse a acontecer. Um sorrisinho dela, um sorrisinho dele, isso foi tudo: ela se foi na tarde de setembro enquanto o sr. Tímido ficou para trás como o bobalhão que era e ainda é, terminando por comprar a rele panelinha de alumínio que custou dez centavos e permaneceu com ele por todos aqueles anos até encontrar seu fim pela manhã.

Oito meses se passaram até que voltou a vê-la, mas evidentemente se lembrava dela e, por razões que ainda era incapaz de compreender, Anna também se lembrava dele. E então tudo começou pouco a pouco até se casarem cinco anos depois e sua vida ter início de verdade. Sua única vida,

que durou até ela correr para a arrebentação numa praia de Cape Cod, nove verões atrás, e uma onda feroz e monstruosa quebrar sua coluna e matá-la. E desde aquela tarde, desde aquela tarde... *não*, Baumgartner se disse, você não deve ir lá agora, seu infeliz de merda, se segura e desvia os olhos da panelinha, seu babaca. Ou vou estrangulá-lo com minhas próprias mãos.

Por isso Baumgartner afastou os olhos da panela no chão e contemplou o quintal, que era pouco mais que uma pequena área coberta de grama malcuidada e um único corniso ainda não florido mas começando a exibir alguns brotos. E, veja só, ele disse a si mesmo, um pintarroxo acabou de pousar na grama sem dúvida para investigar o território e caçar minhocas. Atenção, achou uma, puxou para fora com o bico, jogou na grama e saltitou em volta por alguns segundos a fim de inspecionar outras coisas, mas, de repente, saltou de volta para cima da minhoca, a sacudiu no bico, mordeu um pedacinho e jogou outra vez na grama. Saltitou ao redor mais um pouco e, por fim, baixou a cabeça, pela última vez, pegou a minhoca e a engoliu inteirinha.

Baumgartner manteve os olhos fixos no pintarroxo enquanto ele cuidava de pegar e devorar minhocas, pois havia muitas daquelas criaturas sob a superfície do quintal, muitas mais do que ele imaginava. E, vendo o passarinho continuar a arrancá-las da terra, Baumgartner começou a se perguntar qual o gosto de uma minhoca e qual seria a sensação de pôr uma delas viva e se mexendo na boca antes de engoli-la.

2.

Baumgartner trabalhava numa nova ideia. Estávamos em junho e, com o livrinho sobre Kierkegaard terminado e o joelho machucado praticamente sem dor, ele vinha pesquisando o complexo e intratável dilema neurofisiológico conhecido como *síndrome do membro fantasma*. Suspeitava que a ideia tivesse sido plantada em sua cabeça no mês de abril quando Rosita lhe contou sobre o acidente do pai com a serra elétrica, porque, mesmo sem que ela lhe fornecesse nenhum detalhe, Baumgartner havia preenchido as lacunas, imaginando a cena sangrenta tantas vezes nas horas seguintes que tinha a impressão de ter visto com os próprios olhos a lâmina cortar a carne do carpinteiro. Misericordiosamente, os dois dedos amputados do sr. Flores tinham sido costurados em sua mão naquela manhã, porém Baumgartner ficara sabendo desde então que, em casos de amputação permanente, quase todas as pessoas que perdem um braço ou uma perna continuam a sentir durante muitos anos o membro ainda preso ao corpo, com frequência acompanhado de dor aguda, coceira, espasmos involuntários e a sensação de que o membro murchara ou se contorcera numa posição lancinante. Baumgartner havia pesquisado cuidadosamente a literatura médica sobre o assunto com sua costumeira diligência, estudando os trabalhos de Mitchell, Sacks, Melzack, Pons, Hull, Ramachandran, Collins, Barbin e numerosos outros, apesar de entender que seu interesse real não residia nos aspectos biológicos e/ou neurológicos da síndrome, e sim em seu poder de servir como uma metáfora para o sofrimento e a perda humanos.

Era esse tropo que Baumgartner vinha procurando havia muito, desde a morte repentina de Anna dez anos antes, a analogia mais persuasiva e convincente para descrever o que lhe acontecera a partir daquela tarde quente e ventosa em agosto de 2008 quando os deuses houveram por bem

roubar sua mulher em pleno vigor do corpo ainda moço. E, num instante, os membros dele tinham sido arrancados, todos os quatro, braços e pernas juntos e ao mesmo tempo. E, se sua cabeça e seu coração haviam sido poupados do ataque, era apenas porque os deuses perversos e zombeteiros lhe tinham concedido o direito duvidoso de seguir vivendo sem ela. Agora ele era nada mais que o toco de um homem, um homem que perdera aquela metade de si que o fazia inteiro — e, sim, os membros perdidos ainda estavam lá, ainda doíam, doíam tanto que por vezes sentia que seu corpo estava prestes a pegar fogo e ser consumido ali mesmo.

Durante os primeiros seis meses, ele viveu num estado de confusão tão profunda que às vezes despertava pela manhã e esquecia que Anna estava morta. Como ela sempre acordava mais cedo, já ativa pelo menos quarenta minutos ou uma hora antes que ele conseguisse abrir os olhos, Baumgarten se acostumou a descer de uma cama vazia e ir como um sonâmbulo até a cozinha deserta para preparar uma caneca de café, frequentemente acompanhado pelo som tênue da máquina de escrever de Anna na salinha que ficava na outra extremidade do andar térreo, quando não por seus passos num dos quartos do segundo andar ou por som nenhum, o que significava apenas que ela lia algum livro, olhava pela janela ou executava uma atividade silenciosa em outra parte da casa. Isso explicava por que todos aqueles grotescos lapsos de memória ocorriam cedo pela manhã, antes que ele tivesse recuperado a plena consciência e, ainda zonzó, fizesse as coisas sob o feitiço dos velhos hábitos criados ao longo de toda uma vida compartilhada com Anna. Como na manhã, somente dez dias após o funeral, em que se sentou numa das cadeiras da cozinha com a caneca de café fumegante e seus olhos varreram uma pilha desorganizada de revistas abertas em cima da mesa. Uma página em especial se destacou das demais e ele viu o que parecia ser uma manchete na *New York Review of Books* que dizia: “O que são as condições meteorológicas”. O livro resenhado tinha como título *Águas do mundo* e o nome da autora era Sarah Dry.

Águas do mundo — por Sarah Dry, Sarah Seco!

A combinação era tão inesperada, e tão simples em sua simetria infantil, que Baumgartner soltou uma curta risada de surpresa. Bateu na mesa com as duas mãos e se levantou.

Anna, veja só isso aqui, ele disse, ao começar a caminhar rumo à sala de

visita. Você vai se mijar de tanto rir!

Devia estar na sala de visita, ele presumiu, devido ao silêncio da máquina de escrever e dos aposentos no andar de cima. Assim, estaria aninhada no sofá com um livro e um lápis na mão direita para marcar os trechos que lhe interessassem; e, caso não usasse o lápis naquela hora, sem dúvida o teria enfiado na boca para morder distraidamente a cinta de metal em volta da gorducha borrachinha cor-de-rosa. Todas essas imagens passaram por sua cabeça enquanto caminhava na direção dela envolto num nevoeiro de esquecimento — até entrar na sala de visita vazia e lembrar-se. De imediato seus pensamentos voltaram ao funeral: lá estava ele com todo mundo havia dez dias, de pé diante da cova aberta, enfrentando o tempo pesado e ventoso trazido pela tempestade tropical que avançava pela costa com rajadas cada vez mais fortes, como a que varreu o chapéu da cabeça de sua irmã e fez com que aquela coisa preta voasse em zigue-zague pelos ares como um pássaro demente até se enredar nos galhos mais altos de uma árvore.

A terapeuta do luto disse: Você está entorpecido. Ainda não absorveu o que aconteceu.

O que quer que tenha acontecido, respondeu Baumgartner, não aconteceu comigo mas com Anna. Ela está morta por causa disso e, como vi seu corpo morto na praia, como carreguei nos braços aquele corpo morto, absorvi totalmente o que aconteceu com ela. O que me aborrece é que ela insistiu em voltar para a água pela última vez, embora, a essa altura, o vento estivesse mais forte e o mar agitado, com ondas crescendo cada vez mais e arrebatando. Mas, quando eu lhe disse que estava ficando tarde e devíamos ir para casa, ela riu de mim e correu para a arrebentação. Anna era assim, uma pessoa que fazia o que bem queria e não aceitava um não como resposta, impulsiva e voluntariosa. Além de exímia nadadora.

Você se culpa, disse a terapeuta, é o que está me falando.

Não, não me culpo. Teria sido inútil insistir. Ela não era alguém que fazia o que lhe fosse dito, que aceitasse ordens. Era uma mulher adulta, não uma criança, e sua decisão de adulta era que ia cair na água de novo. Eu não podia impedi-la, não tinha esse direito.

Se não é culpa, então é uma sensação de arrependimento, até de remorso.

Não e não de novo. Posso ver em sua expressão que sente que estou resistindo a você, mas não estou. É só que preciso definir bem nossos termos

antes de mergulharmos na conversa. Sim, ela ainda estaria viva se não tivesse voltado para a água, mas também não teríamos durado juntos mais de trinta anos se eu tivesse tentado fazer coisas do tipo impedir que voltasse a cair na água quando quisesse. A vida é perigosa, Marion, e tudo pode acontecer conosco a cada minuto. Você sabe disso, eu sei disso, todo mundo sabe — e, quem não sabe, bom, não está prestando atenção. E, se você não presta atenção, não está de todo vivo.

Como é que você está se sentindo agora, neste momento?

Arreventado, infeliz. Estraçalhado em mil pedacinhos.

Em outras palavras, dissociado, não inteiramente você.

Acho que sim. Mas, na medida em que posso compreender o que está se passando agora, posso dizer honestamente que não tenho pena de mim, que não estou tomado pela autocomiseração ou lamentando aos céus. Por que eu? Por que não eu? As pessoas morrem. Morrem moças, morrem velhas, morrem aos cinquenta e oito anos. Eu sinto falta dela, isso é tudo. Era a única pessoa no mundo que amei, e agora tenho de encontrar uma maneira de continuar a viver sem ela.

Naquela noite há dez anos, depois da primeira e derradeira sessão com Marion, a terapeuta do luto, Baumgartner foi para a salinha de trabalho de Anna no andar térreo e passou várias horas examinando seus papéis e manuscritos. O closet estava cheio do chão até a altura do queixo com rascunhos e provas de suas traduções publicadas, ao menos quinze ou dezesseis livros nos últimos vinte e cinco anos, a maioria do francês e do espanhol, mas algumas também do português, aproximadamente o mesmo número de romances quanto de coletâneas de poemas, todos os quais ele lera duas ou três vezes e conhecia perfeitamente. Por isso, fechou a porta do closet e se dirigiu ao armário-arquivo num canto da sala, quatro gavetas amplas e fundas que continham seus escritos em vários estágios de elaboração, uma grossa pilha de poemas que datavam dos anos de ensino médio e marchavam até três semanas antes de afogar-se, as páginas datilografadas e corrigidas à mão de dois romances abortados, vários contos, uma dúzia de resenhas e uma caixa de tamanho médio com anotações autobiográficas que ocupava sozinha a gaveta de baixo. Baumgartner pegou a caixa, levou para a mesa de trabalho de Anna, se sentou em sua cadeira e abriu a tampa. As páginas do documento no topo da pilha estavam presas por

um clipe enferrujado, indicando que era coisa antiga, escrita anos e anos atrás, talvez nos primeiros tempos do casamento deles, quem sabe até antes disso. Tirou-o da caixa e começou a ler.

FRANKIE BOYLE

Lá nos albores da infância, naqueles anos que vão dos cinco aos oito quando não somos ninguém, o beisebol era meu esporte predileto e eu jogava com os meninos, coisa que só consegui após tirar sangue do nariz do Marvin Howells, que liderava a matilha. Ganhei com isso o respeito da gangue e pude participar das partidas depois da escola e nos fins de semana, mostrando que era tão boa quanto qualquer um deles e melhor que a maioria porque, naqueles tempos de minha glória andrógina de garota, eu corria mais que todos e tinha posição garantida como campista central nos times em que jogava. Além da velocidade das minhas pernas e pés, meu braço era mais que adequado, pois eu não lançava a bola como uma menina e sim como um menino. E, embora me faltasse força para rebater a bola muito longe com o bastão, eu conquistava regularmente a primeira base e às vezes a segunda acertando um espaço vazio entre os defensores; ganhava tantas vezes as bases que me tornei a primeira batedora e instigadora das entradas com mais de dois pontos. Então todos nós fizemos nove anos e os senhores da ignorância me deram o primeiro tapa forte na cara. Tínhamos idade suficiente para entrar na Liga Infantil, nossa chance de praticar um beisebol organizado depois de anos jogando nos parques públicos e terrenos baldios, um brilhante mundo novo de campos com dimensões regulares, times uniformizados, técnicos, juízes e arquibancadas para os espectadores, uma versão em miniatura do jogo de verdade. No entanto, segundo as regras da época, as regras medievais que duraram tempo demais para que eu me beneficiasse de sua eliminação, a Liga Infantil era só para meninos e, desse modo, a campista de pés alados e batidas regulares foi impedida de adentrar o reino encantado e viu chegar ao fim sua curta carreira no esporte preferido do país.

Uma grande sacanagem, como costumávamos dizer então, e o desapontamento me feriu tanto que fiquei magoada por mais tempo do que devia, ao longo da maior parte de um ano. Meu único consolo espiritual foram as aulas de ginástica que, reunindo meninos e meninas,

continuaram até o fim do curso elementar, isto é, até os onze ou doze anos, com partidas de beisebol e queimada em que eu ainda jogava de igual para igual contra os ungidos de Deus com suas piroquinhas e uniformes branquíssimos da Liga Infantil, os meninos sortudos que, a essa altura, tinham se tornado meus inimigos e desejavam provar que eu era de fato uma mulherzinha inútil. E como era bom pegar na corrida seus arremessos para o centro do campo e impedi-los de ganhar as bases, certos que estavam de que iriam ganhar, seguido do prazer ainda maior de vê-los levantar os braços com raiva e surpresa quando eu calmamente lançava a bola de volta para os defensores. Ou, se éramos obrigados a ficar no ginásio coberto porque chovia e era inverno, como era gratificante acertar a cara deles com um dos meus violentos arremessos no jogo de queimada, tendo certa vez voltado a tirar sangue do nariz do Howells como fizera no passado. O melhor de tudo, porque mais prazeroso, eram as corridas depois das aulas, quando eu os desafiava a ganhar de mim num trajeto de sessenta metros em competições individuais no pátio depois do sinal das três horas: uma garota contra um garoto com um monte de outros garotos assistindo. Durante os dois primeiros anos, nunca perdi uma corrida, e essas vitórias me fizeram tão confiante que concluí erroneamente que minha velocidade seria eterna. Mas então chegou o terceiro ano e apareceu um tal de Frankie Boyle, um cavalheiro magro e reluzente de virtude impecável, o único membro do sexo masculino na turma que não tinha se voltado contra mim e ainda era meu amigo. E, embora eu o houvesse batido duas vezes em corridas semelhantes, Frankie teve um notável surto de crescimento durante o verão, de tal maneira que, quando começamos a sexta série, o menino antes mais baixo que eu era agora oito ou dez centímetros mais alto, mesmo quando eu me esticava ao máximo. E lá estávamos no pátio, naquela luminosa tarde de setembro, dois dias depois do início das aulas com o grupo costumeiro de garotos prontos a aplaudir um camarada — e dessa vez eu perdi. Perdi feio quando Frankie Boyle passou veloz por mim na sexta ou sétima passada e aumentou a vantagem até o final, tão na frente ao terminar que devo ter chegado mais de um segundo atrás. Lembro que houve muito regozijo na plateia, seguido por uma sucessão de insultos cruéis — um deles, *Já era, Já era*, e outro, *A babaca comeu terra* —, mas, para mérito infinito de Frankie Boyle, por se

tratar de uma alma dotada de ilimitada compaixão, ele não parou para se deliciar com os aplausos dos outros meninos. Passou o braço pelo meu ombro (a primeira vez que algum garoto tinha feito isso) e saiu comigo da escola, explicando calmamente, enquanto caminhávamos juntos, que não havia sido uma corrida honesta porque agora ele era tão maior e mais forte que eu: era um peso pesado e eu ainda um peso leve, e quem nunca ouviu falar de um peso leve nocautear um peso pesado? Mas, quilo por quilo, eu era a melhor corredora da escola, a melhor corredora de todo o estado de Nova Jersey; e, se quisesse ser uma atleta olímpica quando tivesse idade para fazer parte da equipe norte-americana, ele seria meu treinador e me faria tão boa e rápida que eu ganharia a medalha de ouro com um tempo recorde. Provavelmente a coisa mais bonita que alguém tinha me dito até então. Mas eu sabia o que era perder e compreendi que minha derrota no pátio da escola naquele dia era um prenúncio de outras derrotas nos meses seguintes. Em vez de ficar por ali choramingando devido à perda de meus poderes, abandonei tranquilamente aquelas corridas de desafio entre meninas e meninos, procurando novas atividades capazes de satisfazer a ânsia de movimento que um corpo incansável e agitado parecia exigir em doses maciças e regulares. Mudei minhas engrenagens internas e passei a ir a todas as festas de fim de semana, onde dançava como uma selvagem lunática até ser a última pessoa de pé na sala; ou mergulhava em lagos, piscinas e mares nadando no que hoje lembro carinhosamente como uma solidão fervorosa, pensando exatamente em nada a não ser na próxima braçada e na que viria depois, enquanto minha mente se esvaziava e eu entrava num transe que me afastava de mim mesma e me transformava em parte da água. Sem peso e sozinha, eu deslizava em meu maiô envolvendo o peito chato, que começava a estufar com os primeiros sinais das mudanças que viriam, sem dar a menor bola para o estranho mundo que girava a meu redor.

Quanto ao doce Frankie Boyle, fiquei caída totalmente por ele no instante em que passou o braço por meu ombro e me levou para longe da escola. A mão é que foi decisiva, o choque elétrico que percorreu todo o meu corpo quando nos tocamos, uma sensação prolongada pela constante pressão de seu braço sobre minhas costas enquanto a mão ficou plantada no ombro e ele disse todas aquelas coisas tranquilizadoras e fantásticas para

me aliviar e ajudar a sobreviver à desentronização como rainha da corrida de sessenta metros, ao mesmo tempo que me fazia rainha de todas as distâncias. Não apenas me apaixonei por ele naquela tarde, mas continuei a amá-lo ao longo da sexta série, muito embora seus severos pais não permitissem que ele fosse às festas de fim de semana, o que restringia muitíssimo as chances de ficarmos a sós para as intensas sessões de beijos e abraços que tanto almejávamos e só pudemos desfrutar três ou quatro vezes por estarmos sempre cercados de outros meninos. Depois de concluirmos os anos iniciais do ensino fundamental no fim do ano, nos dispersamos para o verão e, quando as aulas reiniciaram no outono, fui transferida para a escola pública como a maioria dos colegas, porém Frankie não estava mais conosco. Seus pais o tinham mandado para uma escola católica e, o que era pior, bem distante, em South Orange — a *Nossa Senhora das Dores*, o nome mais horroroso até hoje inventado para um colégio, mesmo que expressasse adequadamente a tristeza que senti quando Frankie telefonou me dando a notícia. Conversamos ao telefone mais algumas vezes naquele setembro, quase sempre conversas desajeitadas em que não tínhamos muita coisa a dizer senão nos lamentarmos pela forma com que o mundo se tornara sombrio e sem esperança. No entanto, como éramos pouco mais que crianças à época, os telefonemas cessaram porque deixamos de fazer parte da vida cotidiana um do outro.

Perdemos contato por vários anos depois disso. Mas, no penúltimo ano do ensino médio, lá estava ele outra vez do lado de fora do posto de gasolina do pai, nos limites da cidade, onde recentemente começara a trabalhar nas manhãs de sábado e tardes de domingo, agora com dezessete anos, alto, forte e bonitão como sempre. Nossa amizade foi retomada como se a interrupção de quatro anos e meio tivesse durado catorze segundos no relógio, o que soa estranho mas nada tinha de estranho. Verdade que, àquela altura, eu já havia beijado muitos rapazes e perdera minha virgindade com um deles. Verdade também que Frankie, naquela primeira manhã, teve a bondade de mostrar uma fotografia da namorada, com quem tencionava firmemente se casar algum dia, me dizendo, sempre com toda a gentileza e elegância, que estava fora do meu alcance. Mas o jovem sr. Boyle era a mesma pessoa fulgurante de sempre e minha paixãoite não se alterara desde o meu tempo como peso leve, razão pela qual eu flertava

com ele sempre que o encontrava nos fins de semana, e ele flertava de volta, me chamando de Red (por causa de meus cabelos castanho-avermelhados) enquanto eu o chamava de Flash (em homenagem a Fordham Flash, apelido de outro Frankie, o velho defensor da segunda base Frankie Frisch). Uma troca brincalhona e inocente de amigos de infância, apesar disso agradável, uma vez que não éramos mais estritamente crianças e crescíamos depressa.

As obrigações de Frankie no posto de gasolina e oficina de consertos do pai não eram muito pesadas: basicamente limpar para-brisas, encher os tanques com gasolina de octanagem alta ou normal, verificar o volume de óleo nos motores e da pressão de ar nos pneus. Eu não o visitava regularmente naquela primavera depois que restabelecemos contato, talvez de duas em duas ou de três em três semanas, porém sempre fazia o possível para chegar perto do fim do seu expediente de modo que, quando ele não tinha nada planejado para fazer depois do trabalho, nós pudéssemos circular por algum tempo no carro da minha mãe e conversar. Difícil lembrar exatamente o que dizíamos. Mas consigo recordar alguns trechos de conversa sobre coisas como Albert Camus, os Beatles em comparação com os Stones, a Guerra de Seis Dias em Israel e até mesmo a do Vietnã. Embora ele viesse de uma família linha-dura e conservadora, com um pai veterano que havia lutado na Batalha de Anzio e era cem por cento favorável à guerra, o fato de que Frankie fosse contrário a ela, como eu, ajudou a criar outro vínculo entre nós.

Era um tempo terrível para ser jovem, em especial para um rapaz que se aproximava dos dezoito anos e do fim do ensino médio, particularmente naquele período, a segunda metade de 1967 e a primeira de 1968, quando tudo na frente interna estava indo de mal a pior e os centros de recrutamento seguiam a todo vapor sugando dezenas de milhares de adolescentes a fim de enviá-los para lutar em selvas distantes sem uma razão que algum deles pudesse discernir. Foi nosso último ano, eu labutando na Livingston High School e ele na Seton Hall Prep. Para aumentar a confusão na cabeça de Frankie nos primeiros meses de 68, com Johnson anunciando que não buscaria a reeleição e Martin Luther King sendo assassinado em Memphis, com dezenas de cidades em todo o país pegando fogo, sua namorada dos últimos três anos, Mary Ellen Sei-lá-

o-quê, resolveu romper com ele em maio, dizendo que Frankie tinha se tornado um chato tristonho que não se parecia nem um pouco com o sujeito que um dia havia amado. Somado a tudo isso havia as batalhas cada vez mais rancorosas com o pai, que passou a chamá-lo de covarde e comunista por se opor à guerra, dizendo que nem morto lhe daria um centavo para pagar a universidade se ele não tomasse jeito e seguisse como programado. Foi no meio dessas encrencas todas que Frankie e eu nos unimos e tivemos nosso único e breve período de relacionamento nas semanas que transcorreram entre o assassinato de Bobby Kennedy e o final do ensino médio, precisamente quatro trepadas desesperadas mas deliciosas, os dois nus no banco traseiro do Buick de mamãe, estacionado num canto remoto da Reserva de South Mountain onde nem as corujas podiam nos ver. Apesar de estar feliz nos braços de Frankie, compreendi que não caminharíamos juntos por uma longa estrada, que cedo ou tarde as circunstâncias nos separariam, o que tornava ainda mais urgente nos agarrarmos então com todas as forças.

Frankie, porém, continuava a girar e logo, logo começou a perder o equilíbrio. Tinha sido aceito por três ou quatro universidades, uma delas a Rutgers, a universidade estadual onde a mensalidade era pequena e, caso o pai cumprisse a promessa e se recusasse a pagá-la, Frankie poderia dar um jeito com um empréstimo escolar ou uma bolsa de estudos, ou ainda trabalhando fora do campus, ou uma combinação de todas essas coisas. Isso lhe permitiria matricular-se como um aluno bem capacitado, o que, por sua vez, o qualificaria para obter o adiamento da convocação pelo Exército nos quatro anos seguintes. Era a única decisão sensata que podia ser tomada por um jovem que se opunha à guerra, e, durante a maior parte da primavera, ele deu a impressão de que planejava fazer isso. De repente, porém, não fez.

Nunca me explicou precisamente a mudança de opinião, ou não sabia como explicar, ou não podia explicar, ou nunca a entendeu ele próprio. Mas, depois de pensar nisso por muito tempo e com muito empenho desde então, creio que Frankie agiu com raiva do pai, que o vinha acusando duramente nos últimos dois anos de ser um veadinho fraco e covarde, um filhinho da mamãe antiamericano — o que era mais que uma opinião política expressa de forma grosseira, e sim um ataque direto à

masculinidade do filho. E se tratando de um jovem orgulhoso que terminara por desprezar o pai devido à sua crueldade imbecil, mas que, apesar de tudo, continuava a ser cortês e decente demais para se voltar contra ele e mandá-lo calar a boca, Frankie o calou decidindo entrar para o exército no dia seguinte ao término do ensino médio. O velho Frank sem dúvida ficou felicíssimo com a decisão do filho, mas o fato é que Frankie não o fizera para agradar o pai, e sim para contrariá-lo, para cuspir nele, mesmo não estando inteiramente consciente do que fazia.

Como chorei, como lhe implorei e como me comportei nos dias seguintes, mas, malgrado todas as minhas encenações dramáticas, nada do que fiz se mostrou útil. Frankie estava estranhamente em paz consigo mesmo e, até entrar no centro de recrutamento e fazer o juramento, manteve um estado de espírito expansivo e alegre, como se o piano que carregava nas costas durante os últimos dois anos houvesse misteriosamente desaparecido e ele fosse capaz de mover-se de novo com liberdade, aliviado das dúvidas, interrogações e amargura resultantes de sustentar carga tão pesada.

“Não é tão ruim quando você para e pensa melhor”, ele disse. “Dar dois anos de minha vida para o Tio Sam e, em troca, ganhar quatro anos de universidade por causa da lei dos veteranos, o que significa que serei dono do meu nariz e não terei de suplicar ao meu pai que pague a mensalidade.” Tudo muito bem, eu disse, mas o que acontece quando jogarem você numa floresta e um esquadrão de homens invisíveis começar a lhe mandar bala? “Não se preocupe”, ele respondeu, dando um vasto sorriso. “Se fui capaz de correr mais que a magnífica Anna Blume aos onze anos, serei rápido o suficiente para escapar agora dessas balas.”

Frankie Boyle nunca chegou às florestas do Vietnã. Cinco semanas após alistar-se, envolveu-se num acidente durante os exercícios de treinamento básico no Fort Dix quando um lançador de foguetes falhou e estourou em suas mãos. A explosão despedaçou seu corpo e o transformou numa massa de fragmentos que saíram rodopiando pelo ar e se espalharam por toda parte antes de cair por terra. Quando foi procurar os pedaços dispersos, a equipe da ambulância passou mais de duas horas coletando partes dos dedos dos pés e das mãos, de braços e pernas, junto com numerosas outras não identificáveis de carne carbonizada e ossos triturados. Entretanto, com

o sol começando a se pôr e a escuridão tomando conta da cena, finalmente tiveram de abandonar a busca. Apesar de seus esforços, sobrou tão pouco de Frankie Boyle naquele dia que o conteúdo do caixão pesava somente vinte e oito quilos.

Baumgartner sabia disso. Desde as primeiras conversas com Anna em 1969, ela tinha falado sobre Frankie Boyle e revisitado o horror de seu pavoroso fim, que, segundo ela, a cortara como uma espada e havia deixado *uma ferida permanente em sua alma*. Contou que, ao receber a notícia do que tinha ocorrido no Fort Dix, se sentara em seu quarto no dormitório da Barnard e *chorara desconsoladamente* durante dez horas seguidas, soluçando como nunca antes e nunca depois, uma vez que chorar tanto assim por tanto tempo por pouco não destruía a pessoa, pois corpo nenhum era feito para suportar convulsões de tal magnitude mais que uma vez ao longo da vida. Ela não mencionou esse episódio em seu relato e, aliás, nada havia ali que fosse essencialmente uma novidade para ele. Apesar disso, e bem mais importante, ao ver aquelas memórias da juventude dançarem nas páginas do manuscrito amarelado, a narrativa o emocionara profundamente, porque, ao começar a ler suas palavras, sentiu que ouvia a voz de Anna sair do papel e se comunicar outra vez com ele, embora estivesse agora morta, agora desaparecida para sempre e incapaz de lhe dirigir uma só palavra até o fim de seus dias.

Baumgartner girou a cadeira para a esquerda e começou a contemplar a velha máquina de escrever manual de Anna. Estava numa prateleira de madeira que deslizava para fora da abertura retangular de pouco mais de dois centímetros sob a superfície da mesa, uma maciça relíquia de mogno escuro das décadas de 1930 ou 1940 comprada por sessenta dólares numa loja de móveis usados na Columbus Avenue uma semana antes de se mudarem de Nova York para a casa na Poe Road, em Princeton. A máquina lhe havia sido dada pelos pais no aniversário de quinze anos — 7 de maio de 1965 —, e ela usara a Smith-Corona portátil cinza-escura e verde-clara até o fim, excetuando breve pausa quando tentou trabalhar num computador e descobriu que não gostava, sobretudo porque, a seu ver, o toque do teclado era macio demais e fazia com que seus dedos doessem, enquanto o uso das teclas mais resistentes da máquina portátil lhe fortalecia as mãos. Por isso, se livrou do Mac o passando para o filho de dezesseis anos de seu primo em primeiro grau mais velho, retornando aos prazeres táteis de enrolar a folha de

papel na Smith-Corona e encher o aposento com a música alta do pica-pau. O som vencia as paredes e o teto, fluindo tenuamente para todas as partes da casa. Onde quer que estivesse, Baumgartner adorava ouvir aqueles distantes sons de fogos de artifício, circulando pelos cômodos do andar térreo ou sentado no escritório do andar de cima curvado sobre seu próprio instrumento de trabalho, que nesse caso era um computador, porque tinha de ser um computador, uma vez que trabalhava numa universidade e seu departamento junto com os demais e os gabinetes da administração tinham se tornado digitais. Como tradutora e escritora independente, Anna não tinha quem mandasse nela, podendo trabalhar como e onde desejasse, o que significava comunicar-se por carta, telefone e fax em vez de e-mail, além de continuar a escrever com a ajuda de sua surrada mas indestrutível companheira. Graças a Deus por isso, Baumgartner disse a si mesmo, e graças a Deus por todas aquelas belas sonatas matinais quando acordava ao som dos dedos de Anna martelando as teclas. Ao fim de um mês vivendo a sós na casa vazia, ele passara a sentir tanta saudade daqueles sons que às vezes ia até a salinha, se sentava junto à máquina silenciosa e datilografava alguma coisa — qualquer coisa — só para ouvi-los de novo.

Assim transcorreram os primeiros seis meses, uma fissura no tempo a que Baumgartner mais tarde se referiria como *O desaparecimento* ou *O homem enlouquecido pela dor*. Durante meio ano ele se tornou mais ou menos irreconhecível para si mesmo, um ser diferente do que conhecera e habitara desde a adolescência; e naquele interregno de coordenadas perdidas e impulsos irracionais, atravessou os dias aos trambolhões, ocupando-se com uma série de projetos bizarros e inconsistentes. Não apenas datilografando coisas sem nexos na máquina escrever de Anna, mas desperdiçando duas noites inteiras dobrando e redobrando as coisas na gaveta da cômoda dela — calcinhas rendadas, calcinhas de algodão, sutiãs, camisolas, meias, meias-calças, meias soquete, shorts de ginástica e para jogar tênis, maiôs e camisetas —, arrumando-as cuidadosamente em fileiras antes de colocar cada pilha de volta no lugar; ou comprando caros cabides de madeira para substituir os de metal e plástico, pendurando depois no armário vestidos, blusas, calças de seda, calças de lã, calças de algodão, agasalhos com capuz, blusões e jeans de Anna, além de comprar meia dúzia de sacos transparentes com zíper para guardar seus suéteres na prateleira de cima; ou servindo uma caneca de café

para Anna todas as manhãs ao sentar-se na mesa da cozinha para tomar sua própria caneca de café, erguendo-a em saudação antes de beber o primeiro gole; ou escrevendo várias dezenas de cartas de amor pornográficas para ela, chegando ao absurdo de dobrá-las, enfiar nos envelopes e pôr numa caixa de correio com selo e tudo, seguido do prazer de recebê-las um ou dois dias depois e imaginar a alegria que Anna sentiria se lá estivesse para abri-las.

Provavelmente não ajudou o fato de estar de licença naquele semestre, porém o hiato já era planejado há algum tempo, e os dois haviam combinado passar aqueles quatro meses e pouco sem aulas em Paris, onde já tinham morado e desejavam voltar a morar mesmo que por alguns meses. Um apartamento fora alugado e as passagens de ida e volta reservadas, com partida prevista para o dia 20 de agosto, dois dias após voltarem da visita de uma semana na casa de amigos em Cape Cod. Todavia, em vez de atravessar o Atlântico com Anna no dia 20, Baumgartner se viu de pé diante de uma cova aberta em Princeton, Nova Jersey, observando uma máquina baixar o caixão enquanto o vento feroz fustigava seu rosto e Jim Freeman o abraçava para ter certeza de que o amigo não cairia — uma medida cautelar que nada tinha a ver com a ventania, e sim porque as pernas de Baumgartner pareciam prestes a fraquejar e, caso isso ocorresse, era bem possível que ele também tombasse na cova.

Assim, ele não tinha obrigações acadêmicas, e consequentemente responsabilidades ou obrigações em matéria de tempo, nem nenhuma necessidade premente de sair de casa. No que dizia respeito à universidade, encontrava-se oficialmente ausente e, mesmo se isolando e se mantendo na cidade durante essa ausência, para fins administrativos podia perfeitamente estar em Paris, Parma ou na Patagônia, por assim dizer, com paradeiro desconhecido, mas com os pés colados ao chão e vivendo num precário espaço interior que o transformara em alguém com demasiado tempo disponível. E como Baumgartner não tinha condições de retomar o trabalho no livro sobre Thoreau ou começar a escrever sobre qualquer outra coisa, aquele período foi excessivamente longo e vazio, uma sucessão de dias soturnos que preenchia, sobretudo, dobrando e redobrando roupas íntimas e inundando os correios com uma torrente contínua de cartas candentes e obscenas para uma mulher cujo corpo jamais voltaria a ver ou tocar.

No entanto, nem todas as horas foram de todo desperdiçadas em

ocupações absurdas. Ao continuar a estudar os manuscritos inéditos dos duzentos e dezesseis poemas que Anna compusera ao longo de cerca de quarenta anos, ele compreendeu que a obra bem merecia ser divulgada. Nem tudo, talvez, mas os melhores oitenta ou cem resultariam num excelente livro. Baumgartner lançou-se assim no projeto de organizar uma coletânea dos poemas de Anna, a única coisa tangível que realizou no correr daqueles meses perdidos e informes, uma vez que o livro acabou sendo impresso por uma editora pequena porém bem-conceituada, especializada em trabalhos de vanguarda. A editora Redwing tinha um distribuidor suficientemente competente para vender toda a primeira edição em dezoito meses, seguindo-se logo depois uma segunda edição e, quatro anos mais tarde, a terceira. Claro que os números eram diminutos, mas, não sendo a poesia um planeta e sim um pequeníssimo asteroide que percorre os espaços celestiais da literatura norte-americana, Anna encontrou seu lugarzinho no firmamento.

A seu ver, poderia ter estado lá o tempo todo, mas, por alguma razão desconhecida e nunca explicitada, ela nunca levantou um dedo para divulgar seus poemas. Era a coisa que mais o surpreendia sobre ela, porque, em relação a tudo mais, Anna era determinada e lutava com garra por aquilo em que acreditava, sabendo perfeitamente que seus poemas eram bons. Dúvidas sim, momentos de desespero sim, porém que autor ou artista não vive nesse território movediço entre a confiança e o autodesdém? A prova estava em que sempre compartilhou os poemas com ele, não porque Baumgartner já tivesse pedido, e sim porque queria fazê-lo, seja os lendo em voz alta ou entregando pequenos maços com seis ou sete de cada vez. E, em todas as ocasiões, ele reagira a seus novos trabalhos dizendo que era hora de deixar de ser preguiçosa e começar a publicá-los, o que era invariavelmente seguido de um modesto dar de ombros por parte de Anna, vez por outra acompanhado do comentário: “Você tem razão”, ou “Um dia desses”, ou ainda “Vamos ver”, dependendo de seu estado de espírito. Baseado nessas parcas observações, ele estava convicto, ou quase, de que ela não se oporia ao que estava fazendo, já que um *daqueles dias* tinha chegado e a poetisa efervescente e incisiva com quem ele vivera por cerca de dois terços de sua vida merecia ser lida por alguém ou muitos alguéns além do velho saco de ossos que fora seu marido.

O mais antigo poema que Baumgartner decidiu incluir havia sido escrito em setembro de 1971, quatro meses após o aniversário de vinte e um anos de

Anna e um mês depois de voltar de um ano de estudos em Paris (ensanduichado entre dois verões em Madri). E o título desse trabalho inicial se tornou o da coletânea: *Léxico: poemas escolhidos 1971-2008*. Estava longe de ser o melhor poema, mas Baumgartner adorava seu caráter extravagante e insólito, um entusiasmo que de alguma forma conseguia revelar ao mesmo tempo quem era Anna e o espírito de sua obra. Mais que isso, as memórias que tinha de si próprio quando moço estavam impregnadas daquele poema, pois não apenas fora escrito no preciso momento em que se apaixonara perdidamente por ela, mas também foi o primeiro poema lido em voz alta para ele — nua e sentada na cama após uma trepada gloriosa sobre os lençóis descobertos e amarfanhados de seu velho apartamento na rua 85 Oeste.

LÉXICO

*A florzinha era tão pequena
que não tinha nome
por isso chamei minha descoberta
de “clarão”
mas pensando duas vezes
renomeei aquela coisinha diminuta
de um vermelho vivo, incandescente
de “Como vai você
sra. Fazpouco e por onde
andou ultimamente?”*

*Como a coisinha vermelha era uma flor
não me respondeu
e assim nunca saberei
se gostou do nome que lhe dei
ou não. Fui embora.
Ao voltar na manhã seguinte
para ver se a flor havia crescido à noite
a coisinha vermelha tinha desaparecido.*

Para onde foi agora sra. Fazpouco

*e caso tenha ido para sempre
alguém me faça o favor de dizer
porque aquele diabinho
está rindo para mim do outro lado da rua
com uma coisa vermelha e microscópica no botão da lapela
que brilha como um fósforo riscado no escuro.*

Dez anos depois, Baumgartner se maravilhou como tão pouco tinha mudado para ele desde aqueles meses iniciais de quase insanidade. Fingiu que não, é claro; e depois de conseguir se levantar do chão, ficar de pé e voltar a andar, pareceu que retornara ao mundo dos seres vivos. Retomou as aulas. Um mês depois, voltou na ponta dos pés a seu trabalho, o que o levou a escrever um livro e mais tarde outro, vindo agora um terceiro — mais livros que em qualquer outro período de dez anos em sua vida. Velhas amizades se aprofundaram, novas amizades se formaram e, após um ano de quietude celibatária, marcada por melancólicos interlúdios de masturbação durante os quais imaginava estar outra vez na cama com Anna, ele começou a dar em cima de mulheres pela primeira vez em quase quarenta anos. Sinais de vida, ou aparentes sinais de vida que encorajaram seus amigos a acreditarem que Baumgartner encontrara um meio de seguir em frente sem Anna. Até mesmo ele tendeu a acreditar nisso a maior parte do tempo, porém apenas porque os membros artificiais que atou a seu corpo sem pernas e braços se tornaram tão familiares que mal notava o fato de lá estarem. No entanto, malgrado toda eficiência e toda ajuda que prestavam ao ser aflito, aqueles apêndices de titânio eram coisas mortas e insensíveis. Baumgartner ainda tinha sensações, ainda amava, ainda sentia tesão, ainda queria viver, mas a parte mais íntima dele estava morta. Soube disso ao longo dos últimos dez anos e, ao longo desses dez anos, fez o possível e o impossível para não saber.

Tudo caiu por terra no dia da panelinha carbonizada e do tombo escada abaixo. Até então, ele não tinha descoberto quão profundamente se encontrava dividido sobre todas as coisas relacionadas a Anna, como a empurrava continuamente para longe ao mesmo tempo que se agarrava a ela, eliminando da casa todos os seus traços e, contudo, mantendo intacta sua salinha de trabalho; doando o monte de roupas que rearrumara e pendurara com tamanho cuidado metódico durante o colapso após a morte, e depois

tratando de substituir a cama, o fogão, a geladeira, a mesa e as cadeiras da cozinha, a mobília da sala de visita, os lençóis, travesseiros, toalhas, talheres, pratos, tigelas, xícaras, copos, chaleira, máquina de fazer café e mil outras coisas grandes e pequenas em todos os cômodos dos dois andares exceto um. E, no entanto, mesmo se raramente visitasse aquele aposento em tempos recentes, ela ainda estava lá na casa com ele, espreitando de algum lugar bem próximo, às vezes excessivamente perto, porém sempre fora do seu campo de visão. E então pipocou à sua frente naquela triste tarde de abril quando ele estava sentado à mesa da cozinha contemplando a panela de cozinhar ovos no chão, a única coisa de que não tivera a preocupação de livrar-se. E em vez de agradecer a oportunidade de passar algum tempo à deriva com Anna, a havia enxotado com um pontapé, expulsando-a com tamanha e cruel veemência irracional que ficou pasmo com o que fizera. Seguiu-se o espetáculo do pintarroxo devorando minhocas no quintal e depois a ruptura, pois só então, após nove anos e oito meses de luta para viver entre dois estados de espírito contraditórios e mutuamente destrutivos, ele compreendeu que tinha feito tudo errado. Viver é sentir dor, ele disse a si mesmo, e viver com medo da dor é recusar-se a viver.

Dois meses depois, ele estava mergulhado no ensaio sobre a síndrome dos membros fantasmas, que passara a chamar de síndrome da pessoa fantasma à medida que as congruências metafóricas foram ficando mais aparentes. Não tinha ideia para onde iria a partir daquele ponto, duvidando mesmo de que acabaria o ensaio, mas no momento satisfazia uma necessidade, motivação suficiente para seguir com a pesquisa sobre mapas cerebrais, receptores dos sentidos e circuito neural, numa tentativa de traduzir a dor mental e espiritual na linguagem do corpo. Pensou nas mães e pais que choravam a perda de filhos, crianças que choravam a perda de pais, mulheres que choravam a perda de maridos, homens que choravam a perda de esposas — e como seus sofrimentos se assemelhavam aos efeitos posteriores à amputação, pois o braço ou a perna antes pertencia a uma pessoa viva, e quem ficava descobria que a parte que foi amputada, aquela parte fantasma de seu ser, podia ainda constituir uma fonte de dor profunda e impiedosa. Certos remédios vez por outra aliviavam os sintomas, porém não havia cura definitiva.

Passava da meia-noite. Baumgartner ficara deitado na cama durante a

última hora pronto para dormir, mas ainda acordado, enquanto refletia no escuro sobre o ensaio e para onde pretendia seguir na manhã seguinte. Todavia, pouco a pouco seus pensamentos começaram a se fragmentar e espalhar em pedacinhos de ideias cada vez menores à medida que os músculos do pescoço e dos ombros foram se distendendo e dissolvendo lentamente nos músculos dos braços e das pernas. Dormiu sem saber. Imaginou que estava apenas à beira do sono e, por isso, não perdera contato com as coisas a seu redor. Sabia que a cama em que estava deitado era a sua, que ela se encontrava em seu quarto e o quarto em sua casa, a mesma casa em que viveu com Anna por vinte e quatro anos e onde agora vivia sozinho. Ela morreu em 16 de agosto de 2008, estávamos agora em 20 de junho de 2018 ou, se já passasse de meia-noite, 21 de junho. Baumgartner ouviu um barulho em alguma parte da casa, mais provavelmente num dos cômodos do térreo, um ténue zumbido que durou alguns segundos, cessou por um segundo, reiniciou por outros poucos segundos, cessou de novo por um segundo, uma pulsação sonora alternada seguida de silêncio e depois de som, uma sequência de sons mais longos e silêncios mais breves que se repetiu dez ou doze vezes antes de parar. A essa altura, Baumgartner já havia acendido a lâmpada da mesinha de cabeceira, rolado para fora da cama e coberto o corpo nu com o roupão xadrez e provido de faixa. Os sons eram incomuns o bastante para justificar uma investigação e, mesmo tendo cessado, ele seguiu para o andar de baixo, acendendo a luz do hall, descendo a escada, acendendo as luzes do hall do térreo e da sala de visita, onde não notou nenhum sinal de desordem ou intrusão. Acendeu depois a luz da cozinha, onde tudo estava precisamente como tinha deixado antes de subir às dez horas, incluindo a panela suja e cheia de água que ficara na pia a fim de ser lavada de novo pela manhã.

Por fim, havia a sala de trabalho de Anna, que Baumgartner temia poder ser vulnerável a uma invasão ou outros tipos de malfeito por causa da porta de vidro que se abria diretamente para o quintal. Conquanto pouco visitasse aquele cômodo nos últimos tempos, a sra. Flores lá permanecia trinta ou quarenta minutos todas as terças-feiras para passar o aspirador de pó, esfregar um pano úmido no assoalho e espanar os móveis, seguindo conscienciosamente suas instruções de manter o lugar limpo e *bem-arrumadinho*. Ao acender a lâmpada do teto, Baumgartner ficou satisfeito ao

ver que a porta dos fundos estava fechada e as vidraças intactas. Mais que isso, tudo dentro da salinha parecia estar no devido lugar. Não obstante, sentindo-se agora alerta e nem um pouco cansado, decidiu ficar onde estava em vez de subir e se meter na cama — somente para certificar-se de que não estava faltando nada.

A máquina de escrever de Anna continuava na prateleira de mogno que se projetava para fora da mesa. Os lápis e canetas ainda enfiados na caneca do time dos New York Mets alguns centímetros ao norte do mata-borrão verde. Os dois objetos que ela usava como pesos de papel ainda sobre o mata-borrão, um no canto superior esquerdo e outro no canto superior direito: um pedaço informe de concreto do Muro de Berlim dado por um amigo alemão em 1989 e a lasca estriada de um fóssil de amonite com mais de um milhão de anos que ela havia acidentalmente chutado no chão durante longa caminhada através do Ardèche, no centro-sul da França. E havia seu telefone vermelho, ainda situado a sudeste do mata-borrão, muito embora o serviço naquela linha particular houvesse sido suspenso e o aparelho jamais voltasse a tocar.

O closet ainda estava abarrotado de caixas que continham suas traduções, os manuscritos permaneciam no armário do tipo arquivo encostado na parede dos fundos e situado à direita da mesa de trabalho. Ao lado desse armário ficava a estante de madeira, três prateleiras com cerca de um metro e meio de altura e livros excedentes empilhados no topo, chegando à altura da virilha de Baumgartner, com seu um metro e oitenta e cinco centímetros, e à cintura de Anna, com um metro e setenta e dois. Depois da estante, no canto mais próximo da parede, ficava o fax desligado da tomada, cochilando em silêncio sobre um estreito suporte para máquinas de escrever com as duas abas laterais baixadas e paralelas às pernas do móvel. Acima dessas três coisas pousadas no chão, as partes superiores da parede eram densamente cobertas de objetos com e sem molduras, nenhum dos quais removido ou mudado de lugar: uma dúzia de pequenos óleos e desenhos de diversos amigos; retratos e fotografias de figuras queridas (Emily Dickinson e Emma Goldman entre elas); o prêmio PEN de tradução que Anna tinha ganhado em 1997 pelos *Poemas escolhidos de Fernando Pessoa*; uma cena do filme *Gente esperta* em que Joan Blondell dá um soco no queixo de James Cagney; a página quadrada e emoldurada de um caderno de anotações com as palavras ditas

por Blondell em seu filme *Mulheres e música*: “Tenho dezessete centavos e as roupas do corpo, mas vocês não viram nada ainda”; a capa original do primeiro livro publicado de Baumgartner, *O eu corporificado* (1976); e uma tira de quatro fotos dos dois abraçados e se beijando loucamente num de seus primeiros encontros como namorados.

Sorrindo ao ver os dois jovens adultos com tamanho tesão naquelas granuladas fotografias em preto e branco, Baumgartner, num floreio teatral, curvou a cabeça em homenagem ao território perdido da mocidade. Ficou contente por nada ter saído do lugar, pelo fato de a parede e a salinha, assim como os demais cômodos, se encontrarem como os deixara antes de subir para se deitar. Por outro lado, se ninguém tinha entrado na casa, como explicar os sons misteriosos que o tiraram da cama e o fizeram ir até aquele aposento no térreo? Seria possível que viessem da casa vizinha? Seria possível que apenas os houvesse imaginado? Afinal, na fronteira entre estar acordado e dormindo, naquele estado hipnagógico em que a mente se transforma num circo de três picadeiros com imagens estranhas e alucinatórias, talvez tivesse fantasiado também um som. Improvável, ele pensou, dada a complexidade dos sons que ouvira, mas não fora do reino do possível.

Baumgartner sentou-se na cadeira diante da mesa. Um momento depois de ajustar o traseiro numa posição confortável, o telefone tocou. O telefone vermelho. O telefone desativado que não podia tocar, mas, apesar disso, tocou e continuava a tocar.

Assustado e curioso, Baumgartner compreendeu que os sons do telefone que tocava eram os mesmos que ouvira enquanto estava deitado na cama no segundo andar, a mesma sequência alternada de intervalos mais longos e mais curtos de som e silêncio, tênues e abafados lá em cima, porém altos e claros no térreo. E, nesse caso, a pessoa, o trotista ou o agente invisível que chamara anteriormente voltava a chamar.

Baumgartner levantou o fone do gancho e aventurou um alô incerto e perplexo — um alô com um ponto de interrogação no final. Seguiu-se um silêncio durante o qual ele disse a si mesmo que devia estar sonhando, ainda que desperto e incapaz de sonhar. Então Anna começou a lhe falar com a mesma voz ressoante que tinha quando viva, chamando-o de *querido* e *meu homem querido*, explicando que a morte não era o que se dizia, que eles dois e todos os demais materialistas estavam errados ao presumir que não existia

vida no Além, mas que as vidas no Além tal como descritas por cristãos, judeus, muçulmanos, hindus, budistas e todos os outros também estavam erradas. Não havia punições nem prêmios divinos, nenhuma trombeta ou fogo da perdição, nenhum florido caramanchão de beatitude celeste; e que nenhum ser humano jamais voltaria à terra como uma borboleta, um crocodilo ou a próxima encarnação de Marilyn Monroe. O que acontecia depois da morte se resumia em penetrar no Grande Vazio, um espaço negro onde nada era visível, um vácuo silencioso de nulidade, o esquecimento absoluto. Não havia contato com nenhuma outra pessoa morta, nenhum emissário de cima ou de baixo vinha informar o que ocorreria depois. Por isso, ela não tinha a menor ideia de quanto tempo perduraria sua condição atual, se é que *atual* ainda fosse um termo relevante num lugar como aquele, que nem era um lugar, e sim uma ausência de lugar, um zero subtraído de uma infinidade de zeros. Não via nem ouvia nada porque não tinha mais o seu corpo, nenhuma *extensão* como os antigos filósofos costumavam dizer, o que significava que nunca estava cansada ou com fome, que nunca sentia dor, prazer ou qualquer outra coisa. E se pudesse ser medida no *espaço*, caso tal termo ainda tivesse alguma relevância, provavelmente não era maior que uma partícula subatômica, a mais mínima e minúscula fração da Coisa cósmica. Ele podia chamá-la de Coisa se quisesse, de espírito ou de uma emanção do vasto e informe vazio que a cercava, ou simplesmente de mônada pensante. E, quando pensava, às vezes acontecia de poder ver coisas que estava imaginando, vê-las claramente no olho de sua mente, caso ainda tivesse mente ou olho. E não tinha, mas podia vê-las nitidamente, quase tão nitidamente como as via quando estava viva na terra.

Baumgartner nada disse. Queria conversar, queria lhe contar uma centena de coisas e fazer uma centena de perguntas, mas parecia haver perdido o poder de abrir a boca e falar. Não importa, ele disse a si mesmo. A chamada poderia terminar abruptamente a qualquer momento, e por que se dar ao trabalho de falar quando tudo que desejava era continuar a ouvir a voz de Anna até o tempo acabar e ela voltar a desaparecer na escuridão?

Segundo Anna, ela não podia ter certeza de nada, mas suspeitava de que era ele quem a sustentava no curso daquela vida incompreensível no Além, naquele estado paradoxal de não existência consciente que estava fadado a chegar ao fim em algum momento. Porém, enquanto ele estivesse vivo e

ainda capaz de pensar nela, sua consciência permaneceria sendo despertada e redespertada por tais pensamentos, a tal ponto que às vezes entraria em sua cabeça, ouviria esses pensamentos e veria o que ele estivesse vendo através de seus olhos. Não tinha ideia de como isso acontecia nem compreendia por que era capaz de lhe falar naquele instante: a única coisa que sabia era que os vivos e os mortos estão conectados e que continuam tão profundamente conectados após a morte como eles estavam quando ela vivia. Isso porque, se um morria antes do outro, o vivo podia manter o morto numa espécie de limbo temporário entre a vida e a não vida. No entanto, quando o que estava vivo também morria, isso era o fim de tudo, e a consciência do morto se extinguiria para sempre. Anna fez uma pausa a fim de recuperar o fôlego e então, expirando de novo, formulou a primeira pergunta desde que ele atendera o telefone: Alguma parte disso faz sentido para você? Antes que Baumgartner pudesse responder, a respiração de Anna cessou, as palavras deixaram de fluir e a linha emudeceu.

Depois de ter aquele sonho, algo começou a mudar em Baumgartner. Estava plenamente consciente de que o telefone desconectado não soara, que não ouvira a voz de Anna, que os mortos não continuavam a viver num estado de *não existência consciente*, mas, embora o conteúdo do sonho fosse irreal, ele o vivenciou como uma experiência verídica, e as coisas que sentiu durante o sono naquela noite não se dissiparam de seus pensamentos como ocorre com a maioria dos sonhos. Seis dias transcorreram depois daquilo. Apesar de se tratar de um período breve, para Baumgartner era como se ele tivesse sido lançado num novo espaço interno e as circunstâncias de sua vida houvessem se alterado. Não se encontrava mais preso numa câmara subterrânea sem janelas, e sim em algum lugar na superfície, talvez ainda confinado num quarto, porém ao menos dotado de uma janela com grades no alto da parede que dava para fora, razão pela qual a luz penetrava durante o dia. E caso ele se espichasse no chão e colocasse a cabeça no ângulo correto, podia olhar para cima e examinar as nuvens ao deslizarem de passagem pelo céu. Tal é o poder da imaginação, disse a si mesmo. Ou, simplesmente, o poder dos sonhos. Assim como uma pessoa pode ser transformada por acontecimentos imaginários relatados numa obra de ficção, Baumgartner fora transformado pela história que contou a si mesmo no sonho. E, se o aposento totalmente fechado agora ganhara uma janela, quem sabe não chegaria o dia, num futuro nem tão distante, em que as grades desapareceriam e ele por fim seria capaz de rastejar até encontrar o ar livre.

Seria absurdo crer que seus pensamentos estivessem sustentando Anna desencarnada e tornada etérea numa vida no Além, que o simples fato de permanecer vivo na terra permitiria que ela mantivesse contato com ele a partir de sua posição subatômica no Grande Vazio. No entanto, uma vez que

era o autor desses absurdos, não podia desprezá-los de pronto nem fingir que não tinham lhe oferecido certa dose de alívio espiritual, pois a verdade é que nunca deixara de estar em contato com Anna desde o dia em que ela se afogara. E se agora havia inventado um mundo alternativo em que Anna sabia que ele pensava nela, onde podia senti-lo pensando nela, onde podia pensar nele pensando nela, quem poderia dizer que não haveria algum elemento de verdade nisso? Não uma verdade científica, talvez, não uma verdade passível de verificação. Mas uma verdade emocional que, no longo prazo, era a única coisa que contava: o que ele pensava em relação a tais sentimentos. S.T. Baumgartner — autor conceituado de nove livros e numerosos trabalhos mais curtos sobre questões filosóficas, estéticas e políticas, membro querido do corpo docente da Universidade Princeton durante os últimos trinta e quatro anos, um fenomenologista de certa idade que passara a vida no reino do tangível, viajante solitário que atravessava com lodo até a cintura os pântanos misteriosos e ontológicos da percepção humana — finalmente encontrara a religião. Ou o que passava por religião num homem que não tinha nenhuma e só acreditava na obrigação de fazer boas perguntas acerca do que significava estar vivo, mesmo sabendo que jamais seria capaz de respondê-las.

Seis dias depois disso, as grades na janela desapareceram. Antes que pudesse bolar uma maneira de subir e contorcer o corpo para passar pelo buraco, as paredes do quarto também sumiram e ele se viu de pé do lado de fora. Estava num vale em algum lugar do interior do país, sem casas, postes telefônicos ou outros sinais de presença humana à vista, cercado por todos os lados pelo capim que chegava à altura do joelho e, acima dele, o céu plúmbeo coberto de nuvens grossas que iam ficando mais escuras. A chuva ameaçava cair dentro de minutos. Enfiou a mão nos bolsos e saiu andando.

E foi assim que Baumgartner redescobriu os prazeres revigorantes e proprioceptivos do movimento, o simples ato de pôr um pé à frente do outro e se deslocar pelo espaço, todo o corpo alinhado em ritmos paralelos ao coração pulsante, os pulmões que se expandiam e contraíam, o sistemático movimento esquerda-direita-esquerda-direita das pernas. E tendo firmado os passos nos dias seguintes, sentiu uma confiança cada vez maior enquanto atravessava os vastos vales do interior que se abriam diante dele. Não importava que sua marcha fosse mais lenta que no passado, não importava

que vez ou outra o atingissem trombas-d'água ou o fustigassem ventos inclementes e cambiantes soprados do leste: ele continuava de pé e andando. Agora que as cadências do seu coração, pulmões e pernas tinham se sincronizado a fim de carregá-lo pela longa jornada, Baumgartner simultaneamente atingiu uma nova clareza mental, um senso entusiasmado do próprio futuro que sabia ser necessário aproveitar de imediato — ou tudo estaria perdido. Afinal, aos setenta anos, não havia mais tempo para hesitações.

Para começo de conversa, concluiu que chegara a hora de se aposentar. Abandonaria as atividades de ensino e assumiria a sublime, embora inócua, posição de *professor emérito*, cedendo seu lugar no departamento a um representante da próxima geração. Trataria de se apascentar, por assim dizer, mas não estaria num exílio permanente, uma vez que teria permissão de manter seu vínculo com a universidade e plenos privilégios no uso da biblioteca, bem como o direito de continuar usando o e-mail da Princeton. Suas muitas amizades com colegas de vários departamentos não se alterariam e ele ainda compareceria a palestras, debates e reuniões informais se e quando lhe desse vontade. Porém todos os aspectos cansativos do emprego sumiriam de forma repentina e misericordiosa: era o fim das pavorosas reuniões de comitês, o fim das discussões com alunos descontentes devido a suas notas, o fim das aporrinhações burocráticas. Em outras palavras, uma vida sem peias e independente — com a renda mensal da pensão que se equiparava, ou até excedia um pouco, o salário que ganhava na ativa. Um novo livro tomava forma nos últimos meses. Um projeto extravagante, idiossincrático, diferente de tudo que fizera anteriormente, uma divagação sério-cômica, quase ficcional sobre o eu em relação aos outros eus, intitulada *Mistérios do volante*. E desejava dedicar tanto tempo quanto possível a ela, uma vez que o tempo agora era crucial e não tinha ideia de quanto lhe sobrava. Não exatamente muitos anos antes de bater as botas, mas, o que era mais relevante, quantos anos de vida ativa e produtiva antes que a mente, o corpo ou ambos comesçassem a se deteriorar e ele se transformasse num imbecil incompetente, cheio de dores, incapaz de ler, pensar ou escrever, de lembrar o que alguém acabara de lhe dizer quatro segundos antes, ou não conseguir mais ficar de pau duro, um horror que não desejava contemplar. Cinco anos? Dez anos? Quinze anos? Como os dias e os meses passavam

voando por ele com velocidade crescente, o tempo que lhe restava se esgotaria num piscar de olhos. Seria horrível morrer preso aos arreios acadêmicos, curvado sobre a mesa de trabalho enquanto escrevia comentários na margem de mais um trabalho estudantil. Não, não permitiria que aquilo acontecesse. Chegando ao fim, queria que ao menos lhe fosse concedida a dignidade de que o coração parasse enquanto produzia sua frase derradeira. De preferência as palavras finais de um gritante “vão se foder” endereçado aos loucos sedentos de poder que governam o mundo. Ou, melhor ainda, abotoar o paletó andando na rua a caminho de um encontro à meia-noite com a mulher que amava.

Ela se chamava Judith, e essa foi a outra coisa que, segundo Baumgartner, exigia uma ação imediata — naquela semana, naquele minuto. O sonho tinha finalmente tornado isso possível após dois anos de crescente intimidade com ela, a repentina liberação do domínio que Anna exercia sobre ele depois de uma década de tormento autoinfligido que o impedia de mergulhar de cabeça em qualquer das diversas ligações com viúvas e divorciadas que entraram e saíram de sua vida durante os anos que separaram Anna de Judith. Mas dessa vez era diferente, dessa vez ele se apaixonara. E dessa vez estava pronto para tentar um novo casamento, obviamente se ela quisesse, coisa que nada tinha de certo, mas que Baumgartner esperava ser provável.

Judith agora, porém apenas porque o sonho conduzira a uma nova relação com o fantasma de Anna, permitindo-lhe entrar nos aposentos do passado sem mais temer ficar preso neles. E tendo revisitado aqueles cômodos e saído deles, se encontrava preparado para dedicar suas energias por inteiro ao presente, isto é, a Judith, o que também significava que o presente que Baumgartner visualizava necessariamente ia desaguar no futuro — desde que a resposta fosse sim em vez de não.

Na perspectiva desse momento, desse *agora*, ele passou a maior parte das últimas três semanas submerso no mundo do Então, ruminando, relembrando e vagando pelos quarenta anos transcorridos entre a primeira vez que a vislumbrou como uma moça de dezoito anos e a derradeira vez como uma mulher de cinquenta e oito morta na praia. Estranhamente, não se sentiu só. Anna estava ao seu lado, e, no curso de toda a jornada, conversaram, cada qual ouvindo o outro e falando enquanto entravam e saíam dos aposentos e corredores mal-iluminados do palácio da memória,

revisitando centenas de coisas grandes e pequenas que tinham acontecido com os dois ao longo daqueles quarenta anos. Não é preciso dizer que Anna não estava com ele em carne e osso, mas, ao ler suas cartas e manuscritos pela primeira vez em Deus sabe lá quanto tempo, Baumgartner encontrou de novo sua voz. E, examinando as incontáveis fotos que ele e outros haviam tirado dela durante toda a vida, encontrou mais uma vez seu corpo. Não, é claro, o corpo de verdade, não a voz de verdade — mas quase. Pois tamanho é o poder da memória concedida a um homem que ouve a voz da mulher morta lhe falando através dos fios desconectados de um telefone extinto.

Na caixa que ocupava a gaveta de baixo do armário-arquivo ele achou a última anotação autobiográfica de Anna, escrita menos de um ano antes de morrer, mas retrocedendo ao passado remoto a fim de contar a história de como, por que e em que circunstâncias Baumgartner por fim se saíra com o pedido de casamento — na madrugada daquela tensa noite de novembro de 1972 que poderia ter sido o fim de Anna porém não foi.

COMBUSTÃO ESPONTÂNEA

Eu já estava apaixonada por S. quando me formei na universidade. Não havia mais ninguém que me interessasse, nem mesmo um pouco, o que significava que ele tinha meu coração inteiramente em suas mãos. E como S. também me amava com igual intensidade, seu coração se encontrava inteiramente em minhas mãos, o que nos permitia pensar em nós dois como um casal, um par de solitários apaixonados que concordavam em tudo e não tinham a menor intenção de separar-se. Apesar dessa certeza, nunca nos ocorreu viver sob o mesmo teto e jamais qualquer um dos dois pronunciara a palavra “casamento”. Como éramos ainda jovens demais para fazer planos, muito instáveis para haver formulado ideias claras sobre o futuro, quando conseguíamos pensar à frente acerca de qualquer coisa duvido que tais pensamentos viajassem muito além das próximas semanas e meses. Para S., com menos de vinte e cinco anos, o futuro significava terminar a tese sobre Merleau-Ponty em meados da primavera e obter o grau de doutor em filosofia, só então decidindo o que fazer em seguida. Para mim, que havia acabado de completar vinte e dois anos, o futuro significava continuar a compor meus versinhos de gnomo e me ajustar às exigências do primeiro emprego em tempo integral, pelo qual recebia a

soma magnífica de oitenta e sete dólares e cinquenta centavos por semana.

A Heller Books era então uma iniciativa nova, uma editora em gestação que lutava para publicar sua primeira relação de títulos no outono. O orçamento era apertado, tão apertado que só havia três de nós trabalhando naquele verão com Morris Heller, de vinte e oito anos: um editor sênior, um gerente de produção e eu, a mais moça da equipe, servindo no duplo papel de editora júnior e assistente pessoal de Morris, que me contratara porque os romances traduzidos eram uma parte essencial da programação e eu por acaso era fluente em francês e espanhol. Todos nós ganhávamos salários ínfimos e, a cada manhã, íamos até um escritório mambembe no sul da West Broadway, apenas dez quarteirões ao norte do canteiro de obras do World Trade Center e bem no meio do bairro agora conhecido como TriBeCa, que àquela altura ainda não tinha nome. Um triângulo abaixo da Canal Street. Uma terra de ninguém de prédios industriais do século XIX onde um punhado de artistas se instalara em sótãos e tudo ficava às escuras depois das cinco da tarde. Mas os aluguéis lá eram módicos no início da década de 1970, os menores em todo o sul de Manhattan, e Morris precisava contar cada tostão.

Trinta e cinco anos depois, ainda me lembro de nós quatro trabalhando em nossas mesas no aposento de bom tamanho cujas paredes, em três dos lados, estavam cobertas de estantes de metal e armários-arquivos, um antigo sótão nu e simples, com um teto de lata e um assoalho de madeira lascada, sem ar-condicionado, mas com três imensas janelas na parede que dava para a rua e nos supriam de luz abundante. Quando ficava quente durante o verão, o que sempre acontecia, a única solução era ligar os três ventiladores de pé industriais e esperar por um sopro que agitava os cabelos a cada cinco segundos e dois décimos. Um alívio breve porém significativo do calor tórrido, embora esses ventiladores criassem um emaranhado pavoroso no topo da cabeça de uma moça! Por isso, no meu primeiro sábado de folga, entrei num salão de beleza, mostrei à cabeleireira uma foto de Jean Seberg no filme *Acosado*, depois outra de Audrey Hepburn em *A princesa e o plebeu*, lhe dizendo para fazer alguma coisa com base naqueles dois cortes. Assim, meus cabelos foram tosados e, quando S. falou que eu estava espetacular com aquele corte, tratei de mantê-lo e desde então circulo com cabelos curtos.

Trabalhando no centro da cidade, fazia sentido que eu morasse a uma curta distância do escritório, de preferência abaixo da rua 14, mas até mesmo a pior ratoeira no Village estava além de minhas posses. Depois de três semanas de buscas ferrenhas, o melhor que consegui foi continuar em Morningside Heights, onde tinha morado ao longo dos quatro últimos anos e uma parte da cidade que desejava desesperadamente deixar para trás. Mas uma amiga da Barnard estava desocupando o apartamento na Claremont Avenue e a substituí, dividindo os aposentos grandes e feios com outras três moças, duas delas alunas de pós-graduação na Columbia e a outra uma candidata a atriz, de olhos tristes e esperança inquebrantável, que trabalhava como garçonne num restaurante da Broadway alguns quarteirões ao sul. Sorte dela, um emprego para o qual podia ir a pé. Enquanto isso, eu viajava de metrô para ir e voltar entre as ruas 116 e Chambers cinco vezes por semana, aproximadamente dez quilômetros em cada direção que consumiam perto de duas horas por dia. Eu achava que o emprego valia o esforço, mas o apartamento era um lixo horrível, caindo aos pedaços e infestado de insetos, numa vizinhança devastada, repleta de viciados em drogas e de uma horda de loucos que haviam sido jogados nas ruas quando fecharam os hospícios. Uma época de muita confusão e decadência na capital do mundo, apelidada de Fun City. Nova York estava se desfazendo tijolo por tijolo, os cofres públicos ficando vazios e, de uma semana para a outra, os números crescendo: mais assaltos, mais assassinatos, mais roubos, mais estupros. Com tantos drogados no meu canto do mundo, eu automaticamente cerrava os punhos cada vez que cruzava com um daqueles espantalhos de olhos pequenos, me perguntando se por fim havia chegado a hora de ver uma navalha e ouvir uma voz avisando que minha garganta seria cortada se eu não entregasse *imediatamente* isso ou aquilo que estava carregando.

Por sorte, havia oportunidades de escapar e, ao longo daqueles primeiros meses como uma trabalhadora pós-graduada, passei metade de minhas noites no apartamento de S. Mas não, mesmo que quiséssemos morar juntos naquela época, coisa que não queríamos, seria impossível naquele lugar. A microacomodação do meu querido consistia de um único aposento e, como nele faltava espaço para uma só pessoa viver com um mínimo de conforto, a ocupação no longo prazo por duas estava fora de

questão. Imagine o feliz casal dividindo uma apertada quitinete com duas janelas encardidas que davam para uma parede de tijolos; tendo como leito nupcial um colchão de espuma montado sobre nove caixotes de leite; uma mesa e uma cadeira para duas pessoas que passavam a maior parte do tempo escrevendo, sendo uma delas também editora júnior; uma estante de seis prateleiras transbordando de livros; uma diminuta cozinha com pia rasa de metal, fogão de duas bocas sem forno e um minibar enfiado onde deveria existir o forno; uma mesinha para as refeições acompanhada de dois bancos baixos que eram guardados sob ela quando não estavam em uso; um closet com um pau para sustentar os cabides e uma cômoda baixa sob os paletós e camisas pendurados; e, por fim, o banheiro suficientemente amplo para abrigar uma antiquada banheira com patas e espaço bastante para cobrir uma das paredes com diversas outras torres de livros. S. não tinha ilusões sobre o apartamento de terceiro andar no prédio sem elevador, admitindo francamente que o lugar era *um horror que desafiava qualquer descrição*. No entanto, lá passei algumas das horas mais felizes de minha vida e, sempre que relembro aqueles tempos, o que vejo em especial somos nós dois rolando nus na cama e devorando um ao outro em sublimes desvarios de sexo noturno; ou despertando cedo a fim de correr para o trabalho enquanto S. dormia ainda e parando para vê-lo esparramado em cima do colchão, meu homem brilhante de pernas compridas, com os cabelos desgrenhados e olhos notáveis, meu camarada, meu companheiro de foda, meu comparsa piadista e leal na longa jornada à frente. E como odiava deixá-lo sem dizer até logo, eu perfumava o ar acima do seu corpo com meia dúzia de pequenas borrifadas de minha água de colônia lírio-do-vale, de modo que uma parte de mim ainda estava com ele quando abria os olhos.

Chegou então a noite de quarta-feira, 22 de novembro, véspera do Dia das Bruxas e nono aniversário do assassinato de Kennedy em Dallas. Após um dia de trabalho especialmente longo, Morris convidou seus três funcionários para um jantar comemorativo do feriado num restaurante francês do Village. Noitada barulhenta e divertida que durou três horas ou três horas e meia. Depois que o alegre grupo de guerreiros literários traçou os últimos goles de conhaque, caminhei até o metrô da Sheridan Square com sete dólares e trocados na bolsa, me perguntando se devia pegar a

linha local até a rua 116 ou a expressa na 14 para depois passar para a local na 96 — os pensamentos profundos de uma pessoa ligeiramente embriagada na volta para casa às onze da noite, depois de quinze horas de trabalho e comida em excesso. Não me recordo que trem ou trens peguei, porém cheguei no meu bairro uns quinze minutos antes da meia-noite. Noite escura de novembro, o frio penetrando em meus ossos e, pairando no ar, uma névoa que cobria os lampiões com um véu de luminosidade embaçada. A lua estava escondida atrás das nuvens; não havia estrelas no céu. Começando na esquina da Broadway com a rua 116, eu tinha de descer a ladeira que ia dar no rio até virar à direita na Claremont Avenue, percorrendo depois seis quarteirões. Alguns passantes notívagos nos dois primeiros quarteirões, depois ninguém. Um trecho escuro dali até minha casa, ouvindo apenas o som de meus passos na calçada enquanto me imaginava entrando no apartamento e caindo na cama. Em algum ponto entre as ruas 119 e 120, um homem surgiu das sombras e, fazendo um giro lento e preguiçoso, se plantou no meio da calçada, bloqueando o caminho. Escuro demais e com uma névoa espessa demais para ver direito qualquer coisa. Forte ou fraco, velho ou moço, impossível saber, nem mesmo o rosto que estava a centímetros do meu. Nada mais que um ou outro brilho dos olhos, o criptograma de uma pessoa, uma mancha na noite, mas podia sentir seu cheiro, podia aspirar o bafo azedo que escapava de sua boca e vinha bater no meu rosto, no meu nariz, e descia pelo corpo quando ele disse: “Vai passando tudo ou enfio essa faca na tua barriga”. Ouvi a faca dobrável se abrir e, quando a vi chegando perto do meu rosto, tudo começou a ficar mais lento em minha cabeça: entendi, ou pensei ter entendido, que essa crescente lentidão significava que estava vendo minha morte, que aqueles eram meus últimos momentos de vida. Quantos segundos mais, me perguntei, e, enquanto minha respiração se acelerava e meu bafo se misturava ao dele, de repente lembrei que havia calçado sapatos de salto baixo naquela manhã. Se aqueles eram meus derradeiros momentos na terra, disse a mim mesma que era melhor tomar uma posição final e não ceder. E assim, em vez de abrir a bolsa, entregar meus sete dólares e esperar que me enfiasse a faca porque a quantia era muito pequena, dei meia-volta e corri, dei tudo naquela corrida, corri como não tinha corrido desde que Frankie Boyle passou a toda por mim na sexta

série, corri como teria corrido se Frankie houvesse me treinado para superar a morte. E lá fui eu, disparando pela Claremont Avenue na noite brumosa de novembro, correndo tanto quanto podia a fim de fugir do homem com a faca. E, embora tivesse sentido que ele se surpreendera demais com minha repentina disparada para poder me seguir, ou era demasiado lento, ou demasiado fraco para fazer o esforço, continuei correndo até a rua 116 e dali subindo a colina, seguindo pela Broadway por cinco, seis ou sete quarteirões. Então, fazendo uma breve pausa para recuperar o fôlego, vi um táxi vindo veloz em minha direção, levantei o braço e, pasmem, o motorista parou. Entrei no carro, disse a ele para me levar à rua 85 entre as avenidas Columbus e Amsterdam. Suava dentro do casaco de inverno ao mesmo tempo que batia o queixo, sentindo ao mesmo tempo calor e frio, e vazia dentro de mim, sem um só pensamento na cabeça.

Ao nos aproximarmos da rua 85, comecei a me preocupar com o fato de que S. não estaria lá. Quem sabe com o pessoal do basquete em algum bar, ou visitando um amigo filósofo, ou flertando com aquela garçonne de peitos grandes e cabelos pintados de louro no restaurante aberto a noite toda na Columbus Avenue entre as ruas 82 e 83. E, quando apertei a campainha de seu apartamento, me preparei para não obter resposta. Não obtive. Apertei de novo para me certificar, mas de novo sem resposta. Sentei-me no chão rachado da entradinha, encostei as costas na parede onde ficavam as campainhas e caixas de correio e fechei os olhos, tentando pensar no que faria a seguir. Porém estava ainda vazia demais para pensar em alguma coisa. Imaginei que uma boa choradeira poderia ajudar e, enquanto continuava sentada tentando forçar algumas lágrimas nos olhos, a porta se abriu e lá estava S., de volta de uma saidinha noturna para comprar cigarros. Não ficara fora mais de dez minutos. Exceto por isso, tinha estado em casa a noite toda trabalhando na tese.

Ele ficou alarmado, é claro, e muito preocupado, além de bastante aborrecido. Disse a ele que não podia voltar para lá, não aguentava mais a Claremont Avenue e a rua 122, ia começar a procurar outro lugar, mas o que fazer por enquanto? Evidentemente ficar com ele, respondeu, não é óbvio? Mas aqui é pequeno demais, eu disse.

“Claro que é”, ele disse, “mas seria só por pouco tempo, talvez um mês,

no máximo dois. Enquanto isso, nós procuramos alguma coisa maior. Afinal, aqui estou sublocando e, de qualquer maneira, vou ter de sair em 1º de fevereiro. Podemos nos mudar para o centro, bem no centro, e aí você poderá ir a pé para o trabalho e dar um adeus ao metrô.”

“Morarmos juntos, é o que está dizendo? Tem certeza?”

“Você podia ter sido morta hoje à noite. E, quando penso no que isso representaria para mim, estou absolutamente certo. Mais certo que nunca, e comecei a ficar certo disso na primeira vez em que vi você. Tão certo agora, Anna, que não apenas quero morar com você. Quero viver com você para sempre.”

“Para sempre?”

“Para sempre.”

“Está me pedindo em casamento?”

“Isso mesmo. Estou pedindo que se case comigo. E quanto antes, melhor.”

Como eu não sabia o que dizer, não disse nada, deixando simplesmente que aquela ideia louca e sem precedente pairasse no ar. S. foi para o banheiro e abriu as torneiras da banheira. O que eu precisava agora, ele disse, era um longo e caprichado banho quente. E lá fui eu também para o banheiro, tirei as roupas e me deitei dentro d’água com os olhos fechados, enquanto S. delicadamente me lavou com uma esponja grossa e macia. Lembro-me de ouvir a água chapinhando na banheira, mas não havia outros sons no apartamento, outros sons no mundo. Então, depois do que pareceram horas, abri os olhos e comecei a rir — dizendo sim um momento mais tarde.

Quarenta e seis anos depois, ao se preparar para fazer a pergunta sobre o casamento pela segunda vez em sua vida, a maior preocupação de Baumgartner era que Judith recusasse porque ele estava velho demais para ela. Com Anna, a diferença de idade fora de apenas dois anos e meio. Com Judith, era de dezesseis e, aos cinquenta e quatro, ela ainda seguia a toda velocidade, enquanto ele ia mais devagar (nos melhores dias) e quase parando (nos piores). Até agora, a discrepância não causara sérios problemas no departamento sexual nem em outros departamentos, que ele pudesse ter percebido, nada havendo que, a seu juízo, no fluxo cotidiano do presente ameaçasse o relacionamento entre os dois. Mas uma proposta de casamento

acrescentaria outro elemento à equação e necessariamente a obrigaria a pensar no futuro. E, quando considerasse como seria a vida para ela dentro de dez ou vinte anos, a perspectiva de dormir ao lado de um homem com oitenta ou noventa anos poderia pô-la para correr. Muito obrigado, mas a resposta é não, meu velhote de penas coloridas, está pensando o quê? Baumgartner temia a humilhação que podia esperá-lo, porém ao mesmo tempo sabia que, caso não conseguisse reunir coragem para fazer a pergunta, se desprezaria por sua covardia, tornando-se pouco a pouco um velho amargo, um trêmulo Prufrock consumido pelo remorso até o fim de seus dias.

O nome completo dela era Judith Feuer, professora de estudos cinematográficos na Princeton. Chegou ao campus nos primeiros anos do século XXI, suficientemente antes do desastre de Cape Cod para ter ficado amiga de Anna, que adorava os velhos filmes norte-americanos das décadas de 1930 e 1940, encontrando uma interlocutora ideal em Judith, que parecia saber mais sobre tais filmes que qualquer outra pessoa viva. E, como Judith ainda era casada com Joseph Frederickson — uma promessa de romancista nunca concretizada que ganhava a vida produzindo histórias de crimes que vendiam bem mas eram de segunda categoria —, os dois casais ocasionalmente uniam forças para jantar em restaurantes ou em suas respectivas casas. Baumgartner gostou de Judith desde o começo, nem tanto do marido, mas o que mais importava para ele então era o fato de que as duas se davam muito bem, uma vez que Anna tinha muitos amigos porém poucos realmente íntimos, e aquela relação parecia evoluir para alguma coisa sólida. Mas Anna morreu e tudo acabou. Judith mostrou-se extraordinariamente bondosa com ele durante os primeiros meses de seu colapso — várias conversas longas ao telefone, visitas de surpresa para verificar como ele estava, o que fez com que gostasse ainda mais dela —, e a magnitude de seu próprio pesar pela morte de Anna de certo modo também o reconfortou. Ela então tirou um ano sabático e, ao regressar, Baumgartner já começara suas conquistas dispersas de viúvas e divorciadas em Princeton, New Brunswick, Brooklyn, Manhattan e, certa vez, na ilha Shelter, um pedacinho de terra entre os North e South Forks da parte oriental de Long Island. Inúteis excursões numa estrada que não levava a lugar nenhum, aqueles casos de curta duração, contudo, o mantinham ocupado e distraído, exatamente o que

ele procurava na época ou era capaz de realizar. Continuou falando com Judith, mas de forma menos íntima que antes, com intervalos cada vez maiores entre os contatos. Então, em 2014, o corpulento Joe Frederickson fugiu para o Novo México com uma agente de imóveis local que tinha metade da idade dele, e Judith de repente foi envolvida num divórcio que se arrastou por mais de um ano. Nessa época voltou a lhe telefonar a fim de pedir conselhos, explicando que, por haver tido um casamento tão longo e bom com alguém tão precioso quanto Anna (*precioso*, termo usado por ela), achava que podia contar com ele para guiá-la em meio à tempestade. Elogiou sua *sabedoria*, virtude que ninguém lhe havia atribuído exceto Anna; e, segundo ela, graças a essa sabedoria confiava mais nele que em qualquer outra pessoa. Ao mesmo tempo lisonjeado e desconcertado com tal avaliação, Baumgartner limpou a garganta várias vezes e perguntou como seus filhos estavam encarando o problema. Por sorte, disse Judith, ambos estavam do seu lado, e um a um haviam confessado estarem satisfeitos por ela ter enfim se livrado *daquele safado* (Eric, com vinte e quatro anos, dedicado a questões de alta tecnologia, com um emprego em Boulder, Colorado), e *daquele merda egocêntrico e machão* (Libby, de vinte e dois anos, aspirante a produtora de documentários em Berkeley). Baumgartner riu e disse: Acho que você já deu meia-volta por cima, Judith. E, quando ela também riu, teve início a lenta e solene dança que levou àquela iminente proposta de casamento.

Depois de muito pensar sobre o assunto, Baumgartner concluiu que, das muitas pequenas e grandes diferenças entre Anna e Judith, a maior consistia no fato de que Judith era mãe e Anna não. Ele e Anna tinham desejado ter um filho, talvez até mesmo mais de um, porém, quando se dedicaram a isso para valer após seis anos de casados, nada aconteceu. Frustrados depois de centenas de noites, manhãs e tardes de sexo sem proteção, de todos os ângulos e em todas as posições contorcidas que eram capazes de imaginar, começaram a consultar médicos, tanto em separado como juntos. Primeiro uma clínica, depois outra e finalmente uma terceira — tendo todas concordado que nem ele nem Anna eram geneticamente equipados para produzir descendentes, uma circunstância médica implausível mas três vezes confirmada, que teria implicado casamentos sem filhos quaisquer que fossem seus parceiros.

Foi um duro golpe, sem a menor dúvida a pior coisa que tiveram de

enfrentar juntos, mas ao menos o desapontamento podia ser compartilhado uma vez que eram igualmente responsáveis pela condição, o que eliminava quaisquer ressentimentos possíveis ou recriminações silenciosas, permitindo que continuassem a se amar como antes, senão ainda mais profundamente. Apesar de terem conversado sobre adoção por uma ou duas horas certa manhã, nenhum dos dois se mostrara tremendamente entusiasmado. Decidiram que não queriam o bebê de estranhos, queriam o deles ou nenhum. E, se o destino havia declarado que devia ser nenhum, então que escolha lhes cabia se não aceitar? O tempo passou e, com o correr dos anos, eles se tornaram um desses casais perpetuamente jovens, um par de crianças que envelheciam devagar, sem as responsabilidades e preocupações da maioria das outras pessoas casadas, os frequentemente objetos de pena e às vezes invejados Baumgartner e Blume, os estéreis que não tinham filhos e por isso viviam somente um para o outro e para seus trabalhos. Havia sido o suficiente para Baumgartner, mais que suficiente durante todos os anos passados com Anna, e mesmo agora, quando pensava como a vida teria sido diferente para eles caso tivessem conseguido produzir crianças, ainda bastava. Não mais que suficiente, mas o bastante.

Essa era a primeira coisa — maternidade —, mas havia numerosas outras diferenças, começando pelo contraste radical na aparência, questão de pouca relevância para Baumgartner no longo prazo, porém digna de nota. Anna, com seu corpo esbelto de nadadora, seios pequenos e quadris estreitos, braços longos e ombros elegantemente retos, cabelos curtos castanho-avermelhados e cintilantes olhos verde-acinzentados, em contraste com a mais fofa e roliça Judith, de quadris e traseiro mais largos, seios maiores, olhos castanho-escuros e abundantes cabelos castanhos. Não exatamente a beleza cintilante que Baumgartner sempre via em Anna, mas, a seus olhos, ainda assim uma mulher encantadora e profundamente atraente, mais lenta e lânguida em seus movimentos que a ágil e rápida Anna, com um rosto alegre e acolhedor que o prendia sempre que se encontravam e o mantinha em sua órbita, extasiado e atencioso, ligado a ela de todas as maneiras como antes fora ligado a Anna. Nenhuma outra mulher havia causado esse efeito nele. Somente Anna e Judith — o que talvez explicasse por que tinha se apaixonado por ambas, quisesse se casar com ambas e viver com elas até o fim de seus dias, primeiro com uma e agora com a outra.

Corpos diferentes, e também temperamentos diferentes. Até certo ponto, uma questão de características inatas, aliadas à forma como haviam sido tocadas, embaladas e cuidadas por suas mães quando bebês e crianças pequenas, mas também o resultado de como tinham reagido de maneira distinta às circunstâncias quase idênticas de suas infâncias. Para uma pessoa sem tostão como Baumgartner, nascido numa família de classe média baixa que lutava para sobreviver, uma parte dele ainda ficava perplexa com a riqueza e o conforto que cercaram Anna e Judith quando jovens. O dr. Leo Blume, nascido ele próprio numa família pobre, trabalhou enquanto fazia o curso de medicina e, como otorrinolaringologista, criou uma clientela tão grande que, em 1954, ele, a esposa e a filha única foram transplantados de um apartamento de dois quartos em Crown Heights no Brooklyn para uma ampla casa de dois andares e porão na cidade suburbana de Livingston, Nova Jersey, endereço permanente de Anna até terminar o ensino médio catorze anos mais tarde. No esplendor daquele terreno com gramados e árvores, a menina recebeu todas as bênçãos que o dinheiro do pai podia proporcionar: um quarto espaçoso só para ela, estantes e caixas cheias de brinquedos, aulas de piano e balé, um monte de livros, roupas de primeira, refeições saudáveis e abundantes, colônias de férias no verão, festas de aniversário com bolos feitos por encomenda, um cachorro, outro cachorro depois que morreu o primeiro; em suma, tudo que desejava independentemente de desejar ou não. Na maior parte das vezes não desejava. Pelo menos não depois de fazer onze ou doze anos e aprender como pensar por conta própria, quando então sua atitude com respeito às condições da vida como criança mimada e pertencente aos altos estamentos da classe média alta começaram a mudar da cumplicidade cega para a resistência amuada até chegar à rebelião aberta. Ela sabia que os pais a amavam e, apesar de tudo, sabia que os amava de volta, embora ao mesmo tempo os detestasse por terem adotado inteiramente o mito norte-americano de que o dinheiro é a medida de todas as coisas, embora fingissem se sentir alarmados com a miséria dos milhões de pessoas empobrecidas que tinham sido esmagadas sob as rodas do mesmo sistema que os permitira emergir como parte dos chamados vencedores. Ótimo para seus pais, pensava Anna, mas ela mesma nada tinha a ver com isso e não desejava participar daquele absurdo no futuro; todavia, ainda prisioneira no castelo de Livingston como uma impotente moçoila que não mandava em nada, havia

pouco que pudesse fazer além de lutar para conquistar um território independente dentro do reino governado pelos pais. Como não era fácil defendê-lo, inúmeras batalhas foram travadas nos anos seguintes, porém, pouco a pouco, ela conseguira obrigar os pais a respeitar os limites que traçara, argumentando que suas boas notas deveriam eximi-la de qualquer admoestação. E, caso sua visão do mundo fosse por acaso diferente daquela de seus pais, só lhes restava aceitá-la. Afinal, eles é que a haviam encorajado a ler e, agora que havia emigrado para o país dos livros e estava decidida a se tornar uma poeta, deviam se sentir felizes por sua filha não ter saído dos trilhos como acontecera com tantas de suas amigas nos últimos dois anos: Debbie e Alice, por exemplo, que tinham se tornado hippies que fumavam maconha, ou a gorducha Maureen, que abria as pernas para qualquer rapaz que se dignasse a olhar para ela, ou Angela, que se apaixonara por um sujeito que havia abandonado os estudos e roubava carros. Será que eles não eram os sortudos, ela perguntava aos pais, por terem gerado uma filha tão boa?

Em algum momento nas primeiras semanas de seu último ano no ensino médio, com os pensamentos voltados de forma mais insistente para o futuro, Anna chegou a um acerto com eles. Disse que queria cursar a universidade e, sabendo que eles queriam a mesma coisa e estavam mais que prontos a pagar por aquilo, alegremente — e com gratidão — aceitaria o dinheiro que fosse necessário para sustentá-la naqueles quatro anos. Mas isso seria tudo, ela anunciou, e a partir de então pagaria suas contas como um adulto cem por cento independente, sem nenhuma ajuda dos pais, parentes ou de qualquer outra pessoa. O pai, Leo, e a mãe, Rachel, reagiram a essa declaração com muito mais calma do que Anna esperava, sem dúvida porque a filha intratável e teimosa estava falando de algo que não aconteceria por mais cinco anos, e provavelmente já teria então amadurecido o suficiente para mudar de opinião. Uma postura admirável, disse o pai, se dirigindo a Anna em seu tom de voz mais razoável, mas e se você tiver dificuldades? Quer que fiquemos de longe sem fazer nada enquanto você aos poucos morre de fome? Anna riu. Não, claro que não, ela respondeu, e com essa reviravolta na conversa eles extraíram a promessa de que ela os chamaria quando estivesse em apuros. As tratativas prosseguiram, porém, no fim, Anna os obrigou a admitir que a palavra “apuros” significava *Não quebre o vidro a não ser em caso de gravíssima emergência.*

Obviamente eles a haviam subestimado. Passados os cinco anos, a Anna de dezessete anos se transformou na Anna de vinte e dois, e no dia seguinte ao que recebeu o diploma de formatura das mãos do presidente do Barnard College, ela desceu do trono de princesa burguesa norte-americana e imediatamente correu para o circo. Pouco importava que as maiores atrações daquele decrépito local de espetáculos fossem o depósito de lixo na Claremont Avenue, o buraco ainda menor de Baumgartner na rua 85 Oeste e seu emprego mal pago na Heller Books — o importante é que estava abrindo caminho com os próprios pés. Como Baumgartner brincou com ela certa manhã, empurrando um microfone imaginário na direção de seu rosto: Srta. Blume, a maioria dos economistas e sociólogos interpretariam essa sua nova vida de proletária como um exemplo extremo da acelerada mobilidade vertical descendente. Teria algum comentário a fazer? Ao que Anna respondeu: Muito obrigada, sr. Baumgartner. Tudo que tenho a dizer aos professores é: moçada, vocês ainda não viram nada!

Chegou então a noite de 22 de novembro, que começou com Anna vencendo a corrida contra a morte em meio a um borrão de neblina e medo, e terminou com a promessa de casar-se com Baumgartner tão cedo quanto possível. Na tarde seguinte, eles tomaram um ônibus no terminal da Port Authority e foram para Livingston, convidados para o jantar do Dia de Ação de Graças na casa dos pais de Anna. Durante os cento e onze minutos que durou a viagem, Baumgartner conseguiu persuadir Anna de que o problema de moradia deles representava de fato uma *gravíssima emergência*, uma vez que necessitavam de se mudar para um lugar maior, e a dura verdade é que não tinham condições de fazer essa mudança. Não quando a assinatura do contrato os obrigaria a pagar o aluguel do primeiro e do último mês, além de um depósito de segurança que significaria mais um mês de aluguel — tudo de uma só vez. Respeitava sua determinação de não aceitar favores dos pais, compreendia as muitas razões pelas quais cortara o cordão umbilical, mas nesse dia eles anunciariam os planos de casamento e, em meio a toda a excitação que certamente iria se seguir, a mãe de Anna começaria a falar sobre a cerimônia de núpcias, que sem dúvida já devia estar dançando em sua cabeça anos a fio e agora se transformava num evento caro e suntuoso, uma triste perspectiva que não agradava a nenhum dos dois, mas, de um jeito ou de outro, disse Baumgartner, milhares de dólares seriam gastos com eles,

gostassem ou não. Por isso, a única coisa sensata que podiam fazer era dizer aos pais dela que não jogassem fora aquele dinheiro num acontecimento efêmero e sem sentido, e sim investissem aquela quantia, ou ao menos parte dela, no futuro da filha e do genro, permitindo que se instalassem num apartamento decente e comesçassem juntos com o pé direito. Deixe comigo, disse Baumgartner. Após vinte anos de treinamento, eles aprenderam todos os truques de como discutir com você, mas nunca se viram às voltas comigo; e, se você me deixar falar, acho que tenho uma chance melhor. Um casamento na prefeitura, vou dizer, com eles dois como nossas únicas testemunhas, indo depois os quatro a um fabuloso almoço num restaurante chique do centro da cidade. Quando sua mãe objetar e nos disser como está desapontada — ou melhor, totalmente arrasada e infeliz —, vou reanimá-la sugerindo que organizem uma festa em nossa homenagem cerca de duas semanas depois, alguma coisa numa tarde de domingo na casa deles, que vai custar cerca de um milésimo do que custaria uma festança de casamento. Seria o que eles chamam de *open house*, acho eu, na qual poderiam exibi-la em seu vestido de coquetel preto, bem justo e sensual, diante de suas duas avós, cinco tias, quatro tios, doze primos e algumas dezenas de amigos. Quando eu tiver terminado minha breve lenga-lenga, seu pai, pragmático e bondoso, irá se virar para sua mãe altamente inteligente, embora meio doidivanas, e dizer: O rapaz está falando uma coisa certa, Rachel, e, se é esse o tipo de casamento que eles querem, é o que devem ter. Anna sorriu, apertou os olhos e contemplou Baumgartner como se ele fosse um estranho: Me diga, ela falou, como é que você virou um sujeitinho tão calculista e hipócrita, Herr Baumgartner? Em vez de responder, Herr Baumgartner beijou a boca da futura esposa e disse: Uma última coisa, Anna. Nem uma palavra sobre o que lhe aconteceu na Claremont Avenue na noite passada, está bem? Está bem, ela respondeu. Nem hoje nem amanhã nem nunca.

Esse foi o único dinheiro que tomaram dos pais de Anna, mas o presente de casamento de dez mil dólares representava uma quantia tão colossal naquela época que agora podiam olhar para o céu sem mais temer que fosse cair na cabeça deles. Encontraram um acolhedor apartamento de dois quartos e um pequeno escritório na Barrow Street, em pleno West Village; e, no outono seguinte, quando Baumgartner foi contratado como professor adjunto de filosofia na New School, ambos podiam ir a pé para o emprego.

Nada mudou durante os doze anos seguintes. Continuaram a morar no refúgio da Barrow Street, Anna trabalhando na Heller Books, onde foi promovida a editora sênior e começou também a traduzir, enquanto Baumgartner seguiu dando aulas na New School, onde passou de professor adjunto a associado e depois a titular, escrevendo livros sobre a fenomenologia da leitura e a política do medo, cada palavra composta em seu pequeno escritório nos fundos do apartamento, aonde se chegava descendo pelo corredor a partir do outro pequeno aposento onde Anna escrevia seus poemas, editava seus autores e traduzia seus livros. O importante a considerar é que essa foi a primeira idade de ouro da vida do casal, e nada disso teria acontecido da maneira como aconteceu se a teimosa e idealista Anna não tivesse cedido algum terreno, a fim de transformar a guerra que travava só por ela numa guerra que envolvia os dois, e aceitado o dinheiro dos pais.

Com Judith, tudo foi igual mas ao contrário. Uma família abonada de judeus dos subúrbios de Nova York (Westport, Connecticut), um pai ambicioso e muito trabalhador que era advogado de grandes corporações em Manhattan, uma mãe que não trabalhava, porém lia muito, e a infância com um irmão e uma irmã mais novos. Dotada dos mesmos tipos de vantagens que Anna, a jovem Judith, ao contrário da combativa Anna, abraçou a boa vida sem questioná-la. Líder de torcida no ensino médio, presidente da turma no penúltimo ano, com notas altas e uma centena de amigos, uma moça vencedora que então viajou cinquenta quilômetros para o norte e entrou em Yale. Apesar das semelhanças de formação, ela e Anna não tinham nada ou quase nada em comum, e esse *nada* é o que mais intrigava Baumgartner sempre que parava para pensar como poderia ter se apaixonado tanto por duas mulheres tão diferentes. Anna, crua, direta e espontânea, e agora a controlada e sofisticada Judith, a impressionante e autoconfiante Judith, alguém ilustre no mundo do cinema, que havia participado de júris em todos os principais festivais e publicado quatro livros, com um quinto a caminho, enquanto a exuberante mas introvertida Anna dedicava seu imenso talento literário à tradução da obra de outros e ocultava o melhor de si ao esconder do mundo seus poemas.

Judith tinha lido esses poemas e sabia como eram bons. Certa noite, cerca de nove meses atrás, pouco depois de ter enfim entendido o quanto Judith

passara a representar para ele, Baumgartner começou uma conversa brincalhona com ela expondo a teoria louca de que Anna havia previsto seu futuro romance com uma mulher chamada Feuer num de seus primeiros poemas, escrito havia tanto tempo que Judith cursava à época a segunda ou terceira série. Mas lá estava o poema, ele lhe disse naquela noite, sentados lado a lado no sofá na sala de visita dela: lá estava e sempre esteve, e Baumgartner explicou-lhe então que, todas as vezes que pensava no nome Feuer, que significa “fogo” em alemão, ele pensava também no pequeno poema de Anna intitulado “Léxico”, aquele sobre a florzinha sem nome, o incandescente ponto vermelho que se destaca do asfalto e a enfeitiça. E como o sobrenome de Anna era Blume, que significa “flor” em alemão, ele imaginava que, por algum estranho processo alquímico, a flor que se transforma em chama era de fato Blume se transformando em Feuer, a passagem da tocha de Anna para Judith. E, no fim do poema, lá estava o próprio Herr Baumgartner, disfarçado de diabinho e sorrindo para Anna do outro lado da rua, com a flor-fogo brilhando no botão da lapela, sorrindo porque está feliz e deseja agradecer a ela pelo presente que lhe deu, que é você, querida Judith, disse Baumgartner, minha reluzente e incandescente mulher-fogo, que *brilha como um fósforo riscado no escuro*.

Foi sua maneira de dizer a Judith que agora ela se ombreava com Anna em sua mente e, quando ela lhe tomou a mão, a ergueu até a boca e beijou, Baumgartner ficou certo de que entendera o que ele estava tentando fazer. Como ainda era cedo demais para arriscar tudo com uma declaração de amor escancarada, ele recorreu àquela manobra sinuosa de análise literária meio doida como um primeiro passo rumo ao momento em que afinal reuniria a coragem para desnudar a alma diante dela. Depois daquela noite, os dois seguiram como antes, vendo-se duas ou três vezes por semana, preparando o jantar em sua casa ou na dela seguido de algum filme ou, não havendo filme, conversando sobre o trabalho de ambos, os filhos de Judith ou o tresloucado Ubu na Casa Branca, quando não contavam histórias sobre o passado antes de irem para a cama até de manhã. A mesma rotina, porém Baumgartner sentiu que agora estavam se aproximando mais e que quaisquer barreiras invisíveis levantadas entre eles (cautela? dúvidas individuais? medo?) gradualmente desmoronavam. Baumgartner então teve aquele sonho e seguiu com Anna na longa caminhada pelo palácio da memória. Ao

retornar, sua cautela, dúvida e medo pouco a pouco se dissolveram. O *nada em comum* ainda o perturbava, mas, em vez de interpretá-lo como outro sinal de sua abordagem falha e incoerente com relação à vida, ele agora via aquele *nada* como uma força positiva. Judith não era Anna e, se e quando a persuadissem a se casar com ele, a vida que levaria com ela não seria uma continuação de sua vida com Anna, e sim algo novo e diferente. E como poderia alguém que já tinha vivido por tanto tempo desejar mais que isso? Uma oportunidade de começar de novo, uma oportunidade de voltar a correr riscos e vencer o turbilhão das coisas boas e más que porventura viessem a ocorrer.

Sábado, 11 de agosto de 2018. Às sete da noite, Baumgartner saiu a pé de sua casa para atravessar os quatro quarteirões que o separavam da casa de Judith, carregando uma dúzia de rosas vermelhas debaixo do braço direito e agarrando as hastes sem espinhos firmemente com a mão esquerda enquanto refletia sobre onde e quando deveria fazer a pergunta naquela noite. Antes cedo que tarde, ele pensou, uma vez que postergar a coisa iria somente aumentar seu nervosismo à medida que os minutos fossem escoando. E, se cedo era a melhor opção, então por que não entrar em ação imediatamente? Começou a visualizar a cena, que imaginou que ocorreria mais ou menos assim: entregaria as flores no instante em que ela abrisse a porta; sorridente, Judith lhe agradeceria com um beijinho no rosto e depois os dois se dirigiriam à cozinha a fim de desembrulhar as flores e encontrar um vaso suficientemente grande para recebê-las. E, como a cozinha era um lugar tão acolhedor e íntimo, sem dúvida o melhor local na casa para fazer perguntas difíceis que mudam a vida das pessoas, ele encheria o vaso de água enquanto Judith cortaria a base das hastes. E tão logo ele levantasse o vaso cheio de água da pia, iria levá-lo até ela e pousá-lo na bancada, onde Judith poria as rosas no vaso e mexeria nelas por algum tempo, as arrumando e rearrumando até que a tarefa estivesse terminada. Nesse momento, ele chegaria por trás dela, abraçaria sua cintura, se inclinaria para a frente até que sua boca estivesse roçando no pescoço dela, e diria, no tom de voz mais doce e confiante: *Ando pensando...*

Chegava ao fim outra tarde quente na região central de Nova Jersey, a terra dos pântanos de mirtilo, hordas de mosquitos, verões longos e úmidos. Como esperava ao fechar a porta de sua casa, Baumgartner já estava com a camisa

suada ao entrar na rua de Judith. O sol só iria se pôr dentro de uma hora, porém o céu começava a mostrar os primeiros sinais tênues do lusco-fusco e da escuridão que se aproximavam, com toques rosados e alaranjados colorindo as bordas das nuvens e um bando de andorinhas mergulhando ao longe. Pequenas maravilhas visuais que compensavam horas de suor e pele pegajosa. A essa altura, Baumgartner já estava no quarteirão de Judith, faltando seis casas para chegar. Sentia que os pulmões e o estômago se contraíam, mas, embora os tremores percorressem todo o seu corpo, fez um esforço para acelerar o passo, sabendo que precisava levar aquilo a cabo mesmo que morresse no processo. Virou à esquerda na entrada para a casa de Judith, parou por um momento a fim de rearrumar as flores nos braços, fez outra pausa para encher de ar os pulmões e, um instante depois, tocou a campainha.

Durante algum tempo, tudo correu como imaginava, mas, depois que as flores foram manuseadas e arrumadas, depois que veio por trás dela e a abraçou, ele não começou dizendo *Ando pensando...*, e sim fazendo uma pergunta: *Isso chega para você — ou quer mais?* Frase obscura e mal formulada, que Judith teve dificuldade em entender. O que ele queria dizer com isso, ela indagou, e o que ela devia querer mais? Pergunta tão estranha, ela disse, uma vez que estava totalmente feliz em se encontrar ali naquele justo momento, de pé na cozinha com seus braços a envolvendo e a boca roçando no pescoço dela. Como poderia pedir mais de alguma coisa que já era mais que suficiente? Baumgartner pediu desculpa por não ser claro. Disse que não estava se referindo àquele momento, o qual não podia ser melhor nem mais perfeito do que era. Mas, porque (*beijando seu pescoço*) ele sentia exatamente o mesmo que ela e porque (*beijando de novo seu pescoço*) o que eles tinham construído juntos nos últimos anos era tão profundo e tão bom, ele havia feito aquela pergunta burra para saber se ela queria continuar como estavam ou fazer certas mudanças (*passando as mãos por seus seios enquanto voltava a beijar o pescoço*), pois a verdade, prosseguiu, é que duas ou três vezes por semana já não eram o bastante para ele e queria que passassem a ficar mais tempo juntos, tanto tempo quanto possível, e se perguntava se igual pensamento já havia lhe ocorrido e, em caso contrário, se era a favor ou contra a ideia.

Ah, disse Judith, enfim compreendendo. Cem piões rodopiavam naquele

grande e poderoso cérebro, e ele queria se sentar para conversar, não é? Liberando o braço esquerdo, ela fez um gesto na direção da mesa da cozinha enquanto Baumgartner deixava que os dois braços pendessem ao lado do corpo. Judith foi até a geladeira em seus elegantes chinelos chineses para pegar uma garrafa de vinho gelado, e Baumgartner buscou duas taças num armário acima da bancada e um saca-rolha na gaveta que ficava logo abaixo, e, enquanto punha tudo sobre a mesa, Judith colocava a garrafa ao lado das taças. Eles puxaram as cadeiras e se sentaram frente a frente, em lados opostos da mesa. E de repente a grande hora chegou para ele.

Baumgartner abriu a garrafa de vinho e encheu as duas taças. Cada um ergueu a sua na direção do outro, tomou um gole e, depois de as pousarem de volta sobre a mesa, Judith começou.

Eles tinham chegado juntos a um lugar maravilhoso, ela disse, e se sentia mais feliz com ele que com qualquer homem que tinha conhecido. Isso era certo. Ela o amava e, embora ele nunca houvesse dito de forma clara, sabia que a amava. Agora que havia começado a ter uma percepção mais matizada de como a mente dele funcionava, compreendia que o negócio sobre passarem mais tempo juntos era seu jeito de chegar à questão muito maior que ele planejava lhe fazer nos três ou quatro minutos seguintes.

Você vê facilmente através de mim, não é mesmo?, Baumgartner perguntou.

Na verdade, não. É só que pensei a mesma coisa umas seiscentas vezes nos últimos dois meses.

E decidiu o quê?

Decidi que fico excitada sempre que penso nisso. Decidi que fico assustada sempre que penso nisso. Decidi que preciso de mais tempo para decidir e, por enquanto, quero continuar como estamos e deixar que o futuro decida o resto.

Quando absorveu suas últimas palavras, Baumgartner começou a ficar entorpecido. Sua cabeça pareceu estranha, como se o crânio estivesse de repente se expandindo e enchendo de vazio, mais e mais vazio até ele ficar aturdido e tonto, deslizando para bem longe. Como um pugilista, pensou, que lutava fora de sua classe e tinha sido derrubado por um gancho de esquerda, mas se encontrava ainda consciente, ainda não nocauteado. Ao se levantar da lona lentamente com as pernas trôpegas, conseguiu dizer o

seguinte: Antes que começássemos a dormir juntos, eu vivi sozinho durante oito anos sem me sentir demasiado solitário, tocando para a frente no que chamaria de uma espécie suportável de isolamento angustiado, mas, desde que você entrou na minha vida, ela mudou de todo, e agora passei a odiar morar sozinho. Depois de passarmos uma noite juntos em minha casa, você me deixa pela manhã e fico perdido no vazio de todos aqueles aposentos, desejando que ainda estivesse lá comigo. E, quando passamos a noite juntos aqui, sou eu que preciso deixá-la pela manhã e voltar para aquela casa vazia e mal-assombrada. A solidão mata, Judith, come a gente pedaço por pedaço até que todo o corpo seja devorado. Uma pessoa não vive sem estar conectada a outras. E, se você tem a sorte de estar profundamente ligada a outra pessoa, tão ligada que essa outra pessoa seja tão importante para você quanto você é para si própria, então a vida se torna mais que possível, se torna boa. O que nós temos é bom, mas não mais suficientemente bom, ao menos não para mim. E a coisa que não entendo é por que o pensamento de se casar comigo a assustaria.

Ele viu o olhar de feroz concentração em Judith, observou como organizava seus pensamentos até que, decididamente, disse: Nossas situações são completamente diferentes, Sy. Você perdeu Anna depois de um longo e bonito casamento, ficou arrasado durante anos por causa disso. Eu saí de um casamento longo e brutal com um homem que terminei por desprezar, e fiquei felicíssima no dia em que ele fez as malas e desapareceu. Isso ocorreu há apenas quatro anos e, desde então, sou uma mulher livre, ainda responsável por meu emprego, é claro, mas, fora isso, dona do meu nariz, no total controle de todas as decisões que tomo. Por essa razão vou com tamanha frequência a Nova York — porque quero estar lá. Sou convidada para todo tipo de coisas e, se há uma conferência, a exibição prévia de algum filme ou uma estreia a que queira assistir, lá vou eu. Aprecio toda essa agitação a meu redor, me revigora, e depois volto para Princeton a fim de dar minhas aulas e estar com você. O homem que amo, o homem que desejo continuar a amar enquanto ele me suportar, o que espero seja para sempre. Como posso querer mais que isso? É a vida que sempre sonhei, Sy, e agora a estou vivendo com toda a intensidade que posso.

A conversa seguiu por uma hora e meia, mas, depois de vinte ou trinta minutos, já estavam começando a se repetir, zanzando de lá para cá no

mesmo território, com pequenas variações na abordagem do problema. Porque, malgrado tivessem posições contrastantes com respeito ao que fazer, um entendia o ponto de vista do outro e era até capaz de simpatizar com ele. Porém, por mais que Baumgartner manifestasse seu apoio ao desejo de Judith de liberdade, autonomia e autorrealização, não compreendia por que ela devia imaginar que tais coisas lhe seriam negadas se morassem sob o mesmo teto. Isso conduzia à delicada questão do primeiro casamento de cada um, o fato de que ele e Anna haviam encontrado liberdade e autorrealização vivendo na mesma casa, enquanto Judith se sentia crescentemente sufocada pelo amargo e bombástico Joe. Essa diferença explicava por que ela hesitava em dar o salto, em contraste com Baumgartner, que, já balançando o trampolim para cima e para baixo, estava pronto para pular de cabeça. Mas, como ela dizia precisar de tempo, ele não deveria pressioná-la para tomar uma decisão antes de se sentir preparada, o que era um bom argumento, como Baumgartner se deu conta, quase um alerta. Por isso, ele recuou em vez de insistir em sua argumentação, mantendo a boca fechada bem quando ia lhe dizer que nada daquilo tinha a ver com Anna ou Joe: que a razão pela qual o assunto era mais urgente para ele é que ela gozava de mais tempo e, dependendo de sua interpretação da palavra “tempo”, havia uma boa chance de ele estar morto antes de Judith tomar alguma decisão. Esse recuo estratégico pela via do silêncio, porém, baixou a temperatura no aposento e, pouco depois, ela lhe fez uma pequena mas importante concessão. Segundo ele, uma das dificuldades do arranjo atual era ser muito vaga a expressão *duas ou três vezes por semana*. Terças e quintas tinham mais ou menos sido fixadas como as *duas*, mas a terceira era uma fonte constante de dúvida, exigindo sempre uma série ansiosa de telefonemas e textos para saber se ocorreria ou não e, em caso positivo, para estabelecer quando, onde e como. Em caso negativo, ele inevitavelmente terminava se sentindo desgostoso consigo mesmo por haver se esforçado tanto por alguma coisa que representava uma grande frustração. Não vou discutir que você precise de mais tempo para responder à grande pergunta, ele disse, mas, com respeito a essa questão muito menor, acho que nós dois faríamos bem em concordar com o terceiro dia, que normalmente costuma ser o sábado. Então vamos fixar o sábado, aconteça o que acontecer; e, se por acaso for um sábado em que queira ir a Nova York, vou com você à conferência, apresentação antecipada de filme ou

estreia a que esteja planejando comparecer. E depois passamos a noite num hotel de classe encomendando um brunch para ser servido no quarto na manhã de domingo. A menos que você tenha algum ganhão escondido num buraco secreto da Segunda Avenida, quando então, é claro, não vou insistir.

Judith caiu na gargalhada devido à imitação pouco convincente feita por Baumgartner de um durão cinematográfico. Não banque o espertinho comigo, meu senhor, ela respondeu. Já tenho um ganhão na minha vida, entendeu? E as iniciais dele são as mesmas que as suas, certo? Cale essa boca e me dê um beijo.

E assim terminou a conversa. Judith o rechaçara, mas ao mesmo tempo havia lhe oferecido uma migalhinha pela qual devia se sentir grato, coisa que ele achava estar. No entanto, após aceitar tão pouco tendo tido esperanças tão maiores, ele compreendeu que fora reduzido ao status de um mendigo que bate à porta dos fundos do palácio e implora à copeira real por alguns restos do prato da rainha.

Voltando a pé para casa na tarde seguinte, quatro dias antes do décimo aniversário da morte de Anna, entendeu que só seria casado uma vez na vida. Judith iria cuidar de mantê-lo à distância até que ele desistisse e fosse embora, ou ficasse para jogar segundo suas regras até chegar o dia em que o abandonaria. Velho demais para ela, nunca se casaria com ele apesar de amá-lo à sua maneira, talvez tanto quanto a amava. Porém ele era apenas uma pausa em sua vida ao recuperar-se das feridas acumuladas durante os anos passados com Joe, e, uma vez curada, ela cairia nos braços de alguém mais moço e mais excitante. E isso seria o fim da história.

Como tudo isso ocorreu ao longo dos nove meses seguintes, e como Judith não só abandonou Baumgartner por outro homem mas também saiu de Nova Jersey e foi para a Califórnia para ocupar uma cátedra no departamento de cinema da UCLA, dispensaremos um relato desse período. Em vez disso, terminaremos o capítulo com Baumgartner sentado à sua mesa de trabalho, caneta na mão, uma hora depois de voltar da casa de Judith no dia 12 de agosto de 2018. Está escrevendo mais uma das muitas fábulas curtas que compôs ao longo dos anos, coisinhas inconsequentes que jogava numa gaveta e nunca se deu ao trabalho de mostrar a qualquer pessoa, nem mesmo a Anna. No entanto, continuava a escrevê-las em momentos de grande aflição.

E, deprimido naquela tarde ao lamentar a morte do que sente ser sua derradeira oportunidade amorosa, talvez essa estranha confabulação ajude o leitor a compreender o estado de espírito de nosso protagonista naquele momento específico daquele dia específico.

SENTENÇA DE MORTE

Eu mal havia completado dezessete anos quando o juiz do Distrito Setentrional anunciou seu veredito e me condenou ao que chamou de uma vida de fazer frases. Isso foi há mais de meio século e, desde então, vivo sozinho numa cela no terceiro andar do Centro Correcional no 7. Admito que se tratou de uma punição severa, mas, para ser justo com as autoridades, a porta da minha cela nunca foi trancada e tenho poucas dúvidas de que poderia ter ido embora daqui no momento que quisesse. Não é que não tenha sentido a tentação, mas, por razões que nunca entendi de todo, preferi ficar.

Meu carcereiro, que agora está velho, pelo menos tão velho quanto eu, senão ainda mais velho, nunca me dirigiu uma só palavra. Durante mais de cinquenta anos, entregou minhas refeições três vezes por dia e, três vezes por dia, durante os primeiros vinte anos ria sempre que entrava e me via curvado em cima da mesa trabalhando em minhas frases. Nos vinte anos seguintes, punha a mão na frente da boca e soltava uma risadinha. Agora se limita a balançar a cabeça e suspirar.

Costumava haver outro prisioneiro numa cela a duas portas da minha, um homem chamado Bronson ou Brownson, e às vezes conversávamos sobre a comida ruim e os cobertores finos em nossas camas, mas Bronson ou Brownson não fala nada comigo nos últimos cinco ou seis anos, o que provavelmente significa que morreu. Sem dúvida o levaram de noite enquanto eu dormia.

Pelo silêncio recente no corredor, suspeito que sou a última pessoa na ala de solitárias da prisão. Suponho que isso soe como algo desolador, mas não é tão ruim assim. É necessário um grande esforço para compor uma frase, e o grande esforço exige grande concentração; além disso, como uma frase deve inevitavelmente seguir-se a outra, a fim de gerar um trabalho composto de frases, essa grande concentração se faz necessária durante todo o dia, daí por que o tempo passa rápido para mim, como se cada hora

registrada no relógio não tomasse mais de um minuto. Depois de mais de cinquenta anos de dias que passam velozes, sinto que minha vida transcorreu num abrir e fechar de olhos. Fiquei velho, mas, como os dias passaram tão depressa, a maior parte de mim se sente jovem e, enquanto eu for capaz de segurar um lápis na mão e ver a frase diante de mim, suponho que vou seguir a mesma rotina que venho seguindo desde a manhã em que me puseram aqui. E, se chegar finalmente a hora em que não puder continuar, tudo que tenho que fazer é me levantar e ir embora. Caso a essa altura esteja fraco demais para andar, vou pedir ao carcereiro que me ajude. Tenho certeza de que ele ficará feliz em me ver partir.

Um ano e um mês depois, Baumgartner estava sentado diante da mesma mesa de trabalho no mesmo aposento, na dúvida se devia manter a frase que acabara de escrever ou eliminá-la e começar de novo. Eliminou, mas, antes de recomençar, se levantou da cadeira, foi até a janela aberta e olhou para o quintal. Era uma esplêndida tarde ensolarada de meados de setembro, um daqueles dias impetuosos e agressivos que invadem a casa, o pegam pelo colarinho e o põem para fora aos pontapés. Por isso, em vez de retornar à mesa de trabalho e lutar com a frase pela terceira ou quarta vez, Baumgartner sucumbiu à atração do tempo glorioso e foi para o quintal, onde se instalou numa cadeira de jardim a meio caminho entre o pátio dos fundos e o corniso. Tocou no bolso esquerdo da camisa e descobriu que estava vazio. Sem os óculos escuros. Devia tê-los deixado no quarto de dormir na véspera, mas, embora a luminosidade fosse excepcional naquela tarde, não teve vontade de voltar para casa a fim de procurar por eles. Num dia como aquele, disse a si mesmo, melhor deixar que o sol exerça sua função de iluminar o mundo e aceitar isso com os olhos nus e desprotegidos.

Olhou para o alto, apertando as pálpebras, enquanto um pássaro passava acima de sua cabeça. Nuvens tão brancas, comentou com seus botões. Nuvens de um branco tão puro contrastando com aquele azul, certamente o céu mais azul que vira havia anos. Notável, refletiu. A terra pegando fogo, o mundo incandescente, e ainda havia dias como aquele: o melhor a fazer era aproveitar enquanto podia. Quem sabe não era o último belo dia que veria — ou, aliás, o último dia de qualquer tipo? Não que estivesse esperando cair duro antes que os passarinhos acordassem no dia seguinte de manhã, mas os fatos são os fatos, os números não mentem. Estava com setenta e um anos, outro aniversário chegando daqui a seis semanas — e depois que se entra na

zona de retorno decrescente, cessam as apostas.

Baumgartner olhou para baixo com a intenção de examinar a grama sob os pés, mas seus olhos foram interrompidos pela visão de uma barriginha que se projetava do corpo antes esbelto. E o zíper da calça estava todo aberto. Baumgartner ficou horrorizado. Outra vez não!, exclamou. Mantenha isso fechado, seu idiota, daqui a pouco vai esquecer até do seu nome.

Algum tempo atrás, quando tinha quarenta e tantos ou cinquenta e poucos anos, ele havia começado a notar que muitos de seus amigos e colegas mais velhos esqueciam de fechar a braguilha depois de ir ao banheiro, os septuagenários e octogenários de cabelos brancos que voltavam para a mesa do restaurante sem tomar conhecimento das portas abertas do celeiro situado um pouco abaixo do cinto. De início, Baumgartner achava graça desses lapsos inofensivos. Depois achava graça e se entristecia. Depois apenas se entristecia e não achava a menor graça, porque, àquela altura, já tinha visto isso tantas vezes que compreendeu ser a braguilha aberta o começo do fim, o primeiro passo na longa descida morro abaixo para o fundo do vale. Agora que estava começando a acontecer com ele — *quatro vezes nas últimas duas semanas* —, se perguntou quantos meses ou anos a mais passariam antes de se tornar um membro pleno do clube.

Nada a fazer, ele pensou, nada mesmo. A perda da memória de curto prazo é uma parte inevitável do envelhecimento e, se não for esquecer de fechar a braguilha, será a busca dos óculos de leitura por toda a casa quando você os tem na mão, ou descer para o térreo a fim de realizar duas pequenas tarefas — pegar um livro na sala de visita e encher um copo com suco de fruta na cozinha — e voltar para o segundo andar com o livro mas sem o suco, ou com o suco e sem o livro, ou sem nenhum dos dois porque uma terceira coisa o distraiu lá embaixo e você retornou de mãos abanando por haver simplesmente esquecido a razão de haver descido. Não é que não fizera coisa igual quando moço, esquecendo o nome daquela atriz ou daquele escritor, ou o do ministro do comércio, mas, quanto mais velho você fica, com maior frequência essas coisas ocorrem. E, se começam a acontecer tão frequentemente que você mal sabe onde está em determinado momento ou não é mais capaz de seguir o que faz, então você já era, ainda vivo mas fora do jogo. Costumavam chamar isso de senilidade. O termo agora é demência, porém, de uma forma ou de outra, Baumgartner sabia que, mesmo

terminando assim, ainda tinha um longo caminho pela frente. Ainda podia pensar e, por poder pensar, ainda podia escrever; e, embora levasse agora um pouco mais de tempo para terminar suas frases, os resultados eram mais ou menos os mesmos. Bom. Bom que *Mistérios do volante* vinha saindo bem, bom que ele tinha parado de trabalhar cedo e ido sentar-se no quintal naquela tarde magnífica, permitindo que seus pensamentos vagassem por onde bem quisessem. Com todas aquelas reflexões sobre a memória de curto prazo, passou a pensar também sobre a de longo prazo e, com a palavra “longo”, imagens do passado distante começaram a pipocar num canto remoto do cérebro. De repente, sentiu uma forte vontade de sair vasculhando os matagais e arbustos daquele lugar a fim de ver o que seria possível descobrir por lá. Por isso, em vez de continuar a contemplar as nuvens brancas, o céu azul e a grama verde, Baumgartner fechou os olhos, se recostou na cadeira, virou o rosto na direção do sol e ordenou que seu corpo relaxasse. O mundo era uma chama vermelha brilhando na superfície de suas pálpebras. Ele continua a aspirar e expirar, para dentro e para fora, inalando o ar pelas narinas e o soprando através dos lábios parcialmente abertos. E então, depois de vinte ou trinta segundos, ordenou a si mesmo que se lembrasse.

A primeira coisa que lhe veio à cabeça foi a viagem da família para Washington na primavera de 1956, a única vez em que seus pais esgotados, que trabalhavam demais, puderam ficar juntos tempo suficiente para organizar uma viagem mais além das redondezas de Newark, a primeira vez em que os quatro membros da família Baumgartner dormiriam num lugar que não o apartamento na Lyons Avenue, localizado bem em cima do negócio dos pais, a Trocadero Fashions, uma loja ligeiramente lucrativa de roupas para as mulheres de classe média e baixa classe média do bairro. Baumgartner tinha oito anos e meio de idade, a pequena Naomi menos de cinco. Às sete da manhã de sexta-feira, no único dia em que teve autorização para faltar à escola, seu pai pendurou um cartaz na porta da frente da Trocadero Fashions em que se lia: VOLTAMOS NA SEGUNDA-FEIRA. Os quatro então se empilharam no carro da família, um Chevrolet azul amassado que saía da linha de montagem em Clunkersville no ano de 1950, partindo então para a capital da nação numa manhã brilhante de nuvens brancas e céu azul que se transformou numa tarde estranhamente parecida com a

daquele dia, talvez a razão pela qual Baumgartner estava se recordando da história. Lá chegados, se instalaram no hotel (nome esquecido exceto pelo *Palace* depois da palavra identificadora), que era o primeiro em que ele e a irmã tinham entrado e, segundo sua mãe, o primeiro em que ela e seu pai se hospedavam desde a lua de mel nas Catskills treze anos antes. Para Naomi, cuja cabeça estava à época cheia de princesas de contos de fada, feiticeiras más e jovens pretendentes com calças colantes e chapéus de veludo, o hotel era tão grande e glorioso que tinha de ser, e sem dúvida era, um castelo encantado, mesmo que, para os olhos menos ofuscados de Baumgartner, o lugar parecesse bem vagabundo e decrépito, com tapetes esfarrapados e manchas de umidade no teto do banheiro.

Passava um pouco das duas da tarde. Uma pequena pausa enquanto ele e os pais desfaziam as malas e Naomi corria entre os dois quartos interligados e mergulhava de cabeça nas camas. Depois foram visitar os pontos turísticos aproveitando aquela tarde perfeita de maio: a cúpula do Capitólio, a Casa Branca, o prédio da Suprema Corte, as cerejeiras em flor, o Mall, o obelisco e o santificado em sua imensa cadeira de mármore. No entanto, enquanto os quatro caminhavam pelas ruas da cidade, sua irmã foi ficando cada vez mais agitada, mais e mais perturbada com alguma coisa até que por fim caiu em prantos. Quero ir para Washington!, ela gritou. Mas você *está* em Washington, disseram Baumgartner e seus pais. Olhe em volta. Tudo que você *está* vendo é Washington. Não, ela insistia, as lágrimas correndo pelo rosto, não *essa* Washington — a Washington de verdade! Ninguém entendia o que ela estava falando. Na falta de outra maneira de acalmá-la, o pai de Baumgartner a pegou nos braços para continuarem o passeio. Dentro de dois minutos ela adormeceu e, quando retornaram ao hotel meia hora depois, sua irmã acordou poucos segundos após cruzarem a porta. Olhou ao redor do vestíbulo e sorriu. Agora sim, ela disse. Voltamos para a Washington de verdade.

Como ela o adorava quando eram novos! O irmão grande que a protegia, raciocinava com ela e a reconfortava durante as periódicas tempestades que mexiam com sua alma e alteravam seu estado de espírito; que a divertia com histórias sobre os seres invisíveis que viviam no ombro esquerdo dele e faziam mil travessuras com os malvados que acampavam no ombro direito; o todo-poderoso Sy, capaz de inventar essas maravilhas e defendê-la das agressões do

universo. Como o admirava então e como, pouco a pouco, ele a havia abandonado ao emergir de sua própria infância e cair de supetão na adolescência, chegando lentamente à lúgubre conclusão de que o lar não era um bom lugar para ele, que detestava o feio e entulhado apartamento e a reles loja de roupas no térreo. E, por isso, foi se afastando da família e se ligou ao mundo dos amigos, que logo se tornou o grande mundo mais além de Newark. Pois o sortudo Sy era um aluno tão ágil que o deixaram pular uma série quando tinha doze anos e, como seu aniversário caía em novembro, ele se formou na Weequahic High School com apenas dezesseis anos e partiu para as distantes planícies da região rural de Ohio com uma bolsa de quatro anos na Oberlin — que completou voando em três e meio. Deixou assim que Naomi, aos doze anos, se virasse sozinha no triste apartamento acima da loja de roupas, razão pela qual o príncipe benevolente de sua primeira infância se transformou num sapo impiedoso e repreensível. Ou um cagalhão. Ou um sapo com formato de cagalhão.

Ele não a culpava por ter ficado ressentida. Mas era jovem demais e enroscado demais na própria vida para sentir-se responsável pela criaturinha frágil e tempestuosa que por acaso tinha os mesmos pais que ele e, aos três anos, passou a ocupar seu quarto, o que o forçou a dormir no sofá-cama da sala de visita e fazer os trabalhos de casa na biblioteca da escola ou na casa de Dickie Birnbaum, mais abaixo na rua. Afinal de contas, como não havia quem o protegesse quando tinha a idade dela, pensou que a irmã também seria capaz de cuidar de suas coisas. Estava em parte certo e em parte errado. Certo no sentido de que ela cresceu para se tornar uma neurótica temperamental bastante típica do gênero, e não uma louca desvairada; certo no sentido de que era suficientemente inteligente para cursar uma universidade e suficientemente bonita para atrair vários rapazes, casando-se com um deles. Mas errado no sentido de que algum dia ela poderia superar a animosidade com relação a ele, o gostosão com sua bolsa de estudos e um ano vivido em Paris, o sabichão que não passou no exame médico para ser recrutado pelo Exército devido a um sopro no coração falsamente diagnosticado e de imediato se mandou para outras partes do país fazendo trabalhos temporários durante sete meses — ajudante de carpinteiro em Missoula, carregador de mudanças em Saint Paul, lavador de pratos em Chicago, pintor de parede em Charleston —, sem nenhum sinal dele a não

ser um ou outro cartão-postal. E depois estudos de pós-graduação na Columbia com mais um ano em Paris e sua tese sobre o tal de Merleau Seilá-o-quê, como se alguém desse a mínima bola para um filósofo francês já morto. E por fim seu emprego molezinha como professor adjunto na New School, enquanto ela, a irmã caçula de segunda categoria, formada no Montclair State Teachers College e professora de crianças de onze e doze anos, se encontrava *nas trincheiras da vida real*, e não se pavoneando com a cabeça nas nuvens e fazendo aquela pose de merda de *intelectual*. Vezes seguidas Baumgartner lhe dizia: Ao contrário do que você possa pensar, Naomi, acontece que compartilho da sua opinião. Sem você, não haveria futuro. Sem mim, o futuro cuidaria de si próprio. Não há comparação. Ambos somos professores, sim, mas seu emprego é bem mais importante que o meu. Ao que Naomi respondeu: Ha!

Baumgartner interrompeu o pensamento e se perguntou que porra estava fazendo. Por que olhar para trás e sorrir aquele cavalo morto quando supostamente devia estar de cócoras no bosque com um ancinho de mão e uma pá de brinquedo desencavando pequenos tesouros do passado neolítico: por exemplo, a picada no nariz e a queimadura na garganta quando provou a primeira dose de uísque aos doze anos; ou o misterioso calor que se espalhou por todo seu corpo ao sentir como adolescente a primeira ereção; ou, aos quinze, o efeito lacrimoso e pulverizante de *A paixão segundo São Mateus* ao ouvi-la pela primeira vez. Ou, enveredando por uma direção ligeiramente diferente, reviver os momentos em que, quando garotinho, atravessava os montes de neve que lhe chegavam à cintura. Ou mais tarde trepava em árvores, ou mais tarde ainda revidando depois de levar um soco de um idiota que usava um blusão preto de motociclista e o provocou por ser judeu. Ou, quem sabe, de maneira mais pertinente, investigar por que alguns instantes fugazes e aleatórios persistiam na memória enquanto outros, supostamente mais importantes, desapareciam para sempre. Por exemplo, a formatura no ensino médio se apagara por completo, assim como a cor de sua primeira bicicleta, e nada sobrara de nenhum dos alunos que frequentavam, de manhã cedo, suas aulas sobre os pré-socráticos, três vezes na semana, em seu primeiro semestre na New School, nenhum nome, nenhum rosto, embora se lembrasse da menininha no trem meio século atrás, tendo pensado nela centenas de vezes desde então. Por que aquela menina, uma pessoa com

quem nunca falou, e não um daqueles catorze ou quinze estudantes?

Foi no fim de seu tempo na estrada, os meses duros de silêncio, trabalho físico e interminável autoanálise, o apagar do verão de 1968, aquele ano apocalíptico de fogo e sangue, o ano do colapso nervoso coletivo dos Estados Unidos. E lá estava ele viajando de Charleston para Nova York num trem bem barato que levou vinte e quatro horas do ponto de partida ao ponto de chegada porque parava em todas as cidadezinhas no caminho. Na sexta ou sétima parada, a menininha subiu no trem com a mãe, ambas vestidas, como Baumgartner imaginou, como se tivessem se paramentado para ir à igreja no domingo, nesse caso uma igreja para negros, pois as duas eram negras sulinas numa época em que as leis segregacionistas ainda respiravam, embora declaradas legalmente mortas. Por isso, subir num trem integrado e viajar ao longo de muitas horas sob o olhar crítico de pessoas brancas exigia que elas tivessem a melhor aparência possível, além de comportar-se com o máximo de dignidade e discrição. Ocuparam dois assentos em frente a Baumgartner e do outro lado do corredor. Como mãe e filha estavam voltadas para o sul e ele para o norte, Baumgartner teve uma visão clara e desobstruída das duas durante todo o tempo em que estiveram a bordo, que, caso não estivesse enganado, terminou em Washington nove ou dez horas depois. Não recordava se tinham levado algo para comer ou fizeram alguma refeição no caminho, mas se lembrava de que a menininha usava luvas brancas, tão perfeitamente brancas como as nuvens que passavam acima de sua cabeça naquela tarde, luvas brancas imaculadas, um vestido de festa engomado e bem passado (cuja cor havia esquecido), meias soquete brancas e um par de sapatos de boneca pretos e reluzentes — uma criaturinha muito bem enfeitada que comprovava o cuidado meticuloso recebido da mãe. Porém ainda mais impressionante para Baumgartner foi seu autocontrole, mantido durante a longa jornada, sentada rigidamente com as mãos entrelaçadas sobre o colo no curso de todas aquelas horas, ombros para trás, coluna reta, uma postura lindamente ereta, vez por outra virando a cabeça a fim de olhar pela janela, vez por outra sussurrando alguma coisa no ouvido da mãe, vez por outra ouvindo a mãe sussurrar alguma coisa em seu ouvido, quando então, em resposta, sorria ou fazia um aceno positivo ou negativo com a cabeça. Não tinha uma boneca, um livro ou um brinquedo para distraí-la do tédio do trem que se movia lentamente, razão pela qual nada mais fez além

de ficar sentada lá e olhar para a frente, quem sabe pensando, sonhando ou meditando do mesmo modo que Baumgartner sempre havia pensado, sonhado e meditado, jamais se inquietando como Naomi teria feito naquela idade, jamais choramingando ou se queixando como Naomi continuou a fazer quando tinha o dobro da idade da menina. E, enquanto observava aquela criança excepcional, Baumgartner se perguntou se ela estava agindo por orgulho, medo ou uma combinação dos dois. Sem dúvida a mãe a instruíra sobre como devia comportar-se durante a viagem, mas era impossível saber se essas instruções também haviam sido acompanhadas de alguma ameaça de sérias consequências caso deixasse de agir como esperado, talvez uma coça ou alguma outra forma temida de punição. No entanto, Baumgartner sentiu, ela provavelmente fazia o que lhe tinha sido dito que fizesse sem questionar, mas também sem medo, uma vez que a mãe lhe pareceu bondosa, uma mulher precavida devido às circunstâncias, porém uma mãe gentil que treinava a filha sobre como existir nas condições do país à época, tanto pelo exemplo quanto pelas palavras, sendo emulada em tudo pela menina que a idolatrava. Com o passar do tempo, ela encostou a cabeça no ombro da mãe, fechou os olhos e caiu no sono. A mãe a abraçou, a contemplou por algum tempo e depois virou o rosto para a janela, estudando a paisagem até chegarem a Washington.

Dois anos depois, houve outra criança em outro trem, dessa vez um garoto de dez ou onze anos no metrô de Paris, que seguia veloz por um túnel. Ele não mais se recordava de onde vinha nem para onde ia, nem mesmo a época do ano ou a hora do dia, embora suspeitasse de que tinha sido no começo da noite, uma vez que o vagão se encontrava bem cheio e mais gente entrava em cada parada. Baumgartner estava plantado num banco enquanto numerosos outros passageiros permaneciam de pé, agarrados às colunas de metal ou pendurados às alças. Um barulhento vagão com rodas metálicas, que guinchavam ao raspar nos trilhos de ferro, e encantadoras portas de madeira envernizada com puxadores prateados que precisavam ser manipulados para abri-las. Ele ainda podia ver aquelas coisas, ainda sentir aquelas coisas — detritos atirados na praia de um passado havia muito desaparecido porém ainda vívido. Devia ter erguido a vista do livro ou jornal que lia, pois, em algum momento, descobriu que estava vendo o menino e seu pai, ambos diretamente diante dele, agarrados a uma barra, cara a cara, quase o tempo

todo em silêncio, embora às vezes um se inclinasse para a frente e dissesse alguma coisa ao outro, mas as rodas do trem eram ruidosas demais para permitir que Baumgartner entendesse uma só palavra do que diziam. O garoto de dez ou onze anos era bonito e de estatura mediana, nem magricela nem gorducho, nem moreno nem louro, uma obra ainda em execução, parecendo ser atencioso e bem-comportado naquela saída com o pai. E, por seu olhar, Baumgartner achou que notava os indícios de uma tranquila satisfação, sugerindo que as saídas a sós com o pai eram acontecimentos raros. Por sua vez, o pai dava a impressão de ser pouco mais que um monte de carne humana: um homem barrigudinho e de rosto cinzento que poderia ser um funcionário público de baixo escalão, um caixa de banco ou um empregado de escritório, indivíduo taciturno que tinha uns trinta e muitos ou quarenta e poucos anos, mas já havia sido esmagado pelo emprego, pela vida ou pelo mundo, sem esperança de voltar a ficar de pé. Ou assim imaginou Baumgartner, mesmo dizendo a si mesmo que provavelmente estava enganado. Pelo que sabia, o menino esperto e promissor podia ser um ladrãozinho e um futuro assaltante, e o pai cansado podia ser um exemplo de força e determinação íntimas. Então, em meio a essas especulações confusas, ainda hoje nítidas para Baumgartner, o garoto se inclinou e disse alguma coisa ao pai — e um momento depois o pai recuou o corpo e lhe deu um tapa na cara. Tapa forte, violento, sem nenhuma razão discernível — com um som tão alto quanto o de um tiro de pistola, tão rápido quanto uma bala atirada contra o peito do filho. Durante quarenta e nove anos, Baumgartner vinha matutando sobre o que o garoto poderia ter dito a ponto de provocar reação tão extrema e humilhante; e, embora reconhecesse que nunca saberia, continuava a perguntar-se o que teria sido. O garoto ficou tão perplexo que, durante dois ou três segundos, simplesmente permaneceu imóvel, congelado no lugar, e só depois ergueu a mão e a apertou contra a face atingida, que devia estar ardendo terrivelmente. No momento seguinte, baixou a cabeça e olhou para o chão, o rosto se crispando de dor apesar de que ele lutasse para evitar as lágrimas que se juntavam em seus olhos. O pai demonstrou sua própria tristeza, horrorizado com o que tinha feito, recuando da fúria que comandara sua mão e o levava a atacar o garoto, como se, pela primeira vez desde que se tornara pai, começasse a compreender que os genitores têm poder ilimitado sobre os filhos e que abusar de tal poder é se transformar

num tirano e malfeitor. O que quer que o sujeito pudesse estar pensando, não foi capaz de falar com o filho, que agora chorava para valer e ainda não tinha levantado a vista do chão. Totalmente aturdido, o pai tirou um lenço do bolso e o entregou ao menino numa altura em que pudesse vê-lo mesmo ele se recusando a erguer os olhos do chão. Ele pegou o lenço e cobriu o rosto, mas ainda se negava a olhar para cima. O pai nada disse. Vinte segundos depois, o trem chegou à estação de Baumgartner, que se levantou do assento, caminhou até uma das saídas, acionou a tranca de metal até a porta se abrir deslizando e pisou na plataforma. Voltou-se para uma derradeira olhada, porém o pai e o garoto estavam encobertos por um monte de passageiros que entravam no vagão.

Seu pai nunca lhe dera um tapa, um soco, um pontapé ou uma surra, mas era um homem idoso e quem sabe teria feito alguma dessas coisas de vez em quando caso fosse mais moço e mais vigoroso. Nascido em Varsóvia, em 1905, falecido em Newark, em 1965. Não uma longa vida pelos padrões modernos, mas como alguém pode esperar chegar à velhice se consome quatro maços de cigarro por dia e subsiste numa dieta composta basicamente de borscht, arenque em conserva e ovos cozidos? Não um câncer de pulmão e sim um embolismo pulmonar, o que deu no mesmo, porém foi mais rápido e mais eficiente: um coágulo maciço viaja de sua perna e invade o pulmão esquerdo, e, um minuto depois, você é um grão de poeira cósmica.

Pela segunda vez em cinco minutos, Baumgartner parou no meio do pensamento e se perguntou o que estava fazendo. A última coisa que desejava era passar a tarde pensando na família e, contudo, tinha iniciado aquela pequena excursão ao passado relembrando a viagem deles a Washington, o que redundou em toda aquela bobagem sobre a irmã e agora também sobre o pai. Não é que não tivesse tentado se desviar do assunto, mas, mesmo ao recordar as duas histórias sobre as crianças nos trens, estava pensando na menina e na mãe e no garoto e no pai, e ao mesmo tempo nele e em seus pais, pois agora tinha ficado claro que essas crianças continuavam a persegui-lo por todos aqueles anos porque os via como substitutos de si próprio na infância. E se não havia como escapar do território em que entrara contra sua vontade, mas de fato precisamente por sua vontade, então foda-se, Baumgartner disse a si mesmo, vamos pôr uma sela no velho cavalo e sair cavalgando até o fim.

Tecumseh. Aquele primeiro nome e talvez acima de tudo o sobrenome do meio, que lhe foram brindados pelo pai irritadiço e contrário a tudo, permitiram a Baumgartner deixar de lado o pavoroso *Seymour* e assinar seus livros, além de conduzir sua vida profissional, sob o nome de S.T. Baumgartner. Para uma família branca dos Estados Unidos, era um gesto extremamente inortodoxo os pais darem tal nome a um filho nascido em meados do século xx, para não falar de uma família judaico-norte-americana de Newark com raízes na Polônia e locais mais ao leste, porém verificou-se que seu pai autodidata e leitor prodigioso, que se autointitulava um *anarcopacifista* e *militante ateu*, considerava o chefe Shawnee superior a todos os norte-americanos até então nascidos, conferindo ao filho o nome de Tecumseh como uma insígnia de honra. Nos dias que se seguiram à morte do pai, quando tinha apenas dezessete anos, Baumgartner encontrou um grosso envelope sem selo em meio às coisas dele com as palavras: *Para meu filho no primeiro dia de sua vida*. A carta deveria lhe ter sido entregue no aniversário de treze anos, mas, como era típico, seu pai a enfiara em algum canto e a esquecera. Não obstante, no seu mais rebuscado e gongórico estilo, o último parágrafo explicava por que Tecumseh representava uma figura tão importante para ele: [...] porque era um homem corajoso, humanitário e muito inteligente que tentou unir sua gente diversa e dispersa a fim de resistir aos invasores europeus que estavam decididos a destruir a nação Shawnee e as demais nações indígenas em todos os quadrantes deste continente amaldiçoado e sanguinário. Não importa que tenha morrido ao lutar. Tecumseh lutou a boa luta. E isso é tudo que vou lhe pedir, meu filho recém-nascido, nas primeiras horas de sua longa jornada até se tornar um homem capaz de pensar e tomar parte no mundo — apenas isso e nada mais: lute a boa luta.

Baumgartner se deu conta de que, cinquenta e quatro anos antes, seu pai provavelmente estava bêbado ao escrever essas palavras. E enquanto repassava as lembranças conflitantes do pai, o filho entrado em anos descobriu que seus pensamentos retornavam à carta e tentou examinar as circunstâncias em que aquelas três páginas e meia haviam sido preenchidas. Um homem de quarenta e dois anos acabava de se tornar pai pela primeira vez. Deixara a mulher jovem e o filho recém-nascido no hospital e retornara ao apartamento vazio em cima da loja de roupas na Lyons Avenue. Tinha

cortado uma fatia de pão de centeio na bancada da cozinha, preparado uma pequena porção de arenque e sentado à mesa, onde um copinho e uma garrafa de *slivovitz* já o esperavam. Comeu e bebeu, tomando depois ainda duas ou três talagadas. Era para ele um momento solene e de exultação, uma ocasião diferente de tudo que acontecera em sua vida. E aquele homem decidido e frequentemente durão fora invadido por grandes ondas de sentimento, uma maré oceânica que subia das entranhas até a garganta e o fazia se soltar por tempo suficiente para compreender quão pequeno ele era, uma coisinha ligada a trilhões de outras coisinhas que compõem o universo. E como era bom se sentir deixado para trás por um instante e fazer parte do vasto e cambiante enigma da vida! Com quarenta e dois anos e enfim pai, ele terá pensado, quarenta e dois anos de fracasso e frustração, e agora aquela improvável reviravolta em algo que se assemelhava à felicidade, ao menos durante aquela noite, ao menos por algumas horas. Levou assim a garrafa e o copo para o quarto vazio na outra extremidade do apartamento, aquele em que só ele tinha permissão de entrar, que mais tarde seria ocupado por Baumgartner e depois por Naomi. Mas, naquela noite de novembro de 1947, ainda era seu domínio exclusivo, um aposento sem adornos de três metros por quatro, com uma pequena mesa e uma cadeira, além de várias estantes, prateleiras e mais prateleiras de volumes surrados, a maior parte de segunda mão, contendo literatura anarquista e socialista misturada com dezenas de livros sobre a história da Europa e dos Estados Unidos. Novos livros, todos emprestados da biblioteca pública, se encontravam empilhados ao acaso no chão, muitos com o prazo de devolução vencido havia bastante tempo. Seu pai colocou a garrafa e o copo sobre a mesa, se serviu de outra dose, bebeu de um gole, pegou algumas páginas em branco da gaveta de cima à esquerda, destampou a caneta e começou a carta para Seymour Tecumseh Baumgartner no seu primeiro dia de vida. Nela, falou sobre as esperanças de construir um mundo melhor, mais justo, de viver numa sociedade de iguais que não seria governada pelas leis da selva (capitalismo) ou as leis da máquina (marxismo), e sim pelas leis naturais do processo orgânico e do crescimento, as quais conduziriam a um novo arranjo social chamado *comunismo democrático*. A linguagem era inflada, a mensagem algo obscura, porém o tom era delicado e persuasivo. E quando Baumgartner pensou em toda a raiva e todo o cinismo que brotavam do pai sempre que

iniciava uma arenga política nos anos seguintes, viu a noite de seu nascimento como um momento em que ele desceu do palanque e revelou a profundidade do idealismo que o incendiava por dentro. Se não há outra coisa, há isso, Baumgartner disse a si mesmo ao olhar de novo para o céu e seguir a lenta passagem de uma nuvem. Ao menos há isso, junto com o Tecumseh que compensava o erro do nome próprio e o tinha feito S.T. para o mundo, Sy para os amigos e as amadas, e Seymour para ninguém exceto um falecido professor da escola primária no passado distante e quase esquecido.

Seu pai começou a vida como Jakov, o Polonês, mas foi reinventado como Jacob, o Novato, ao desembarcar nos Estados Unidos aos seis anos. Terceiro dos cinco filhos de Solomon e Ida Baumgartner, duas meninas antes dele e dois gêmeos depois, como era o filho mais velho foi instruído desde muito cedo no delicado ofício da agulha e da linha por seu pai, um alfaiate de terceira geração que abriu uma loja na Market Street de Newark em 1912 e viveu com a esperança de que algum dia passaria o negócio para o filho mais velho. Segundo o que o pequeno Baumgartner soube sobre o começo da vida do pai (sobretudo através da mãe), o jovem Jacob era um aprendiz capaz porém relutante, que não estava interessado em substituir ninguém, pois desejava criar seu próprio lugar ao sol. Os livros eram bem mais atraentes que a labuta de operar uma máquina de costura, e ao completar onze ou doze anos, ele abandonou o trabalho de tempo parcial que fazia para o pai após as aulas, a fim de se concentrar nos estudos, abrigando aspirações intelectuais que algum dia o livrariam da armadilha de ser um costurador de roupas de quarta geração. Começando, é óbvio, pela universidade, com um diploma reconhecido em história ou talvez um curso de direito para se tornar um advogado de esquerda que defendesse os pobres e oprimidos — suspensão do pagamento de aluguéis, protestos nas oficinas de trabalho mal remunerado, marchas e comícios nas ruas das cidades. Jacob iniciou a caminhada com pequenos passos, impedido pelas circunstâncias financeiras de fazer qualquer dos avanços maiores que antes imaginara. Seja como for, sentiu que ia no rumo certo, frequentando a escola à noite e trabalhando durante o dia na biblioteca pública de Newark. No entanto, as limitações financeiras o obrigaram a continuar a morar com a família e, estando as duas irmãs mais velhas atoladas em casamentos fracassados com sujeitos nojentos e

irresponsáveis, enquanto os dois irmãos mais moços rapidamente se transformavam em idiotas incapazes de conseguir um emprego, Jacob compreendeu que tinha de escapar dali ou se afogar. Entretanto, a despeito de imaginar a morte em vida que o aguardava, não foi capaz de ir embora. A visão e a saúde de seu pai declinavam, e, quando ele não pôde mais tocar a alfaiataria, a opção era vendê-la e ver a família cair na miséria ou manter o negócio vivo. Por isso, aos vinte e dois anos, Jacob abandonou as aulas noturnas e o emprego na biblioteca, assumindo o controle da loja na Market Street. Segundo contaram a Baumgartner, seu pai achou que não tinha escolha. Claro que tinha. Todo mundo tem uma escolha, e aquela feita por seu pai não foi necessariamente errada, muito embora lhe tenha causado raiva pelo resto da vida. Todavia, se houvesse feito a escolha oposta e ido embora para se tornar um professor de história, um advogado ou um criador de casos descompromissado, ele provavelmente se atormentaria pelo resto da vida por causa do pecado imperdoável de largar a família no momento de sua maior necessidade. Isso sugeria não haver uma escolha certa e uma escolha errada, apenas duas escolhas certas que poderiam acabar mal. No caso do pai de Baumgartner, seu senso de responsabilidade tinha superado os desejos egoístas, o que tornou sua escolha honrosa. Porém, caso a pessoa sinta que o autossacrifício foi desperdiçado numa família de idiotas e vagabundos oportunistas, a escolha será uma fonte inevitável de ressentimento e, com o passar do tempo, causará graves danos à sua alma.

Quando Baumgartner entrou em cena, a alfaiataria na Market Street havia sido substituída por uma loja de vestidos na Lyons Avenue. Solomon e Ida tinham morrido havia muito, os gêmeos irresponsáveis tinham se mudado para a Califórnia depois de passarem um tempo presos por roubar uma joalheria em Weehawken, e Bella, a mais velha das irmãs, se livrara do marido *bookmaker* e casara com um comerciante de carros usados de Perth Amboy, que posteriormente também foi enxotado. A partir de então, e por muitos anos, ela trabalhou como contadora e gerente da loja de roupas do irmão, enquanto Emma, a irmã mais moça, deu à luz duas filhas e, abandonada pelo marido desempregado e inconstante, passou a Bella a incumbência de cuidar das duas meninas e criá-las com o salário que ganhava na loja. Em 1936, um ano antes de assinar a hipoteca do prédio na Lyons Avenue, Jacob namorara a ideia de jogar tudo para o alto e se alistar na

Brigada Abraham Lincoln para lutar contra Franco e os fascistas na Guerra Civil Espanhola, porém, como se opunha moralmente a empunhar armas em qualquer guerra, por mais justa que fosse, não levou a ideia adiante. Grave erro, como disse ao filho, baixando a guarda após um número demasiado de drinques numa fria noite de inverno, quando Baumgartner cursava o terceiro ano do ensino médio, grave erro porque já tinha trinta e um anos àquela altura e, mais tarde, não haveria outras chances de *se libertar*. Em meados de abril de 1939, Ruth Auster, aos vinte anos, começou a trabalhar como costureira na Trocadero Fashions, e quatro anos depois, em plena Segunda Guerra Mundial, os pais de Baumgartner se casaram.

O homem que reinava sobre a família da Lyons Avenue era um enigma humano, de tão desafiadora impenetrabilidade que Baumgartner passara a juventude aprisionado num estado de contínua incerteza sobre quem era seu pai e o que era em relação a ele. Havia temido e idolatrado o pai, às vezes quase o amara, mas nada a respeito dele jamais tinha feito o menor sentido: um capitalista anticapitalista que passou cerca de quarenta anos dirigindo uma pequena empresa familiar cujo negócio era fazer dinheiro para a família, um humilde homem do povo e defensor das massas exploradas que maltratava as pessoas que trabalhavam para ele com insultos horríveis e reprimendas mal-humoradas, um ateu convicto que obrigou o filho a se submeter ao ritual do bar mitzvah porque ele próprio tinha sido forçado a fazê-lo e queria que o menino sofresse tanto quanto ele — mas o lixo não importava agora, Baumgartner disse a si mesmo, o essencial era que, malgrado a arrogância, o estilo bombástico e os surtos ocasionais de crueldade, seu pai era pouco mais que um sonhador infeliz, um revolucionário fantasma sentado no escritório, que nunca uniu forças com nenhum grupo de homens e mulheres de ideias semelhantes ou levantou um dedo para participar da mais ínfima ação coletiva dedicada a apoiar a causa da justiça, um solitário que vivia a luta mentalmente e, por consequência, sabia que se traía ao não lutar o que imaginava ser a *boa luta*. No final era só papo, porém, com o correr do tempo, ninguém de seu decrescente círculo de conhecidos ainda queria conversar com ele, exceto o amigo de infância Milton Freyberg, professor de história no ensino médio e ex-comunista que, embora houvesse deixado o partido devido ao pacto entre Hitler e Stálin em 1939, perdera o emprego nos expurgos da era McCarthy durante os primeiros

anos da década de 1950. Homem gorducho e acabado, que agora ganhava a vida como pesquisador para a Collier's Encyclopedia, se reunia para os jantares semanais no Restaurante do Moishe com o acabado não combatente da guerra contra o fascismo, o pai magro e alto de Baumgartner, o quixote polaco-norte-americano com o cérebro avariado pelos livros e a aparência triste, o rei do *luftmenschen* que dirigia sua lojinha de vestidos na Lyons Avenue deixando que a mulher e a irmã fizessem o trabalho enquanto se enfurnava no quarto do segundo andar lendo a autobiografia de Emma Goldman pela sétima vez. Beba, meu velho amigo, Freyberg dizia a ele, tome mais um *schnapps* enquanto tomo outro também. Depois arregaçamos as mangas e vamos ver pela centésima décima quarta vez se um de nós pode salvar o mundo antes que apaguem as luzes e nos ponham para fora aos pontapés.

Entretanto, havia uma coisa sobre seu pai, uma coisa importante que Baumgartner começou a sentir com dez ou onze anos e da qual teve certeza ao completar doze anos e deixarem que ele pulasse um ano escolar. Seu pai tinha orgulho dele. Não que alguma vez o tivesse dito, não que deixasse de alertá-lo seguidamente para não ficar todo prosa cada vez que apresentava um relatório excepcional da escola, lembrando-o de que era feito de pó como todo mundo e ao pó voltaria como todo mundo, quaisquer que fossem suas notas. No entanto, apesar dessa postura rabugenta, o menino sabia que o pai o acompanhava de perto, que o excêntrico e irritadiço Jacob revivia as próprias lutas como adolescente através do filho, secretamente estimulando-o a escapar daquele lugarzinho medíocre a fim de voar para longe, tão longe quanto possível da casa, o mais longe que suas débeis asas permitissem. Então, em março de 1964, chegou a notícia da distante Ohio sobre a bolsa de estudos que surpreendentemente fora oferecida ao garotinho de Newark. E quando Baumgartner entregou ao pai a carta e lhe disse para lê-la, viu sua mão tremer — de forma muito leve — e os olhos ficarem marejados — de forma muito breve —, até que ele puxou a cadeira da mesa da cozinha, se sentou, soltou um longo e trêmulo suspiro do fundo dos pulmões lesionados, e disse: Pegue a garrafa no armário, Sy. É hora de tomarmos um drinque. Baumgartner voltou com a garrafa enquanto o pai acendia o enésimo cigarro do dia, e depois que o rapaz acendeu um para si mesmo, cada um bebeu um copinho de *slivovitz*. Todavia, nada mais foi falado, uma vez que tudo já fora

dito na carta e, por isso, lá ficaram bebendo em silêncio, primeiro um copinho, depois um segundo e, por fim, um terceiro. O elogio do pai residia naquele silêncio. Um homem que soltava a língua à menor provocação, um falastrão fulminante que era capaz de matraquear durante horas, premiou o filho ao manter a boca fechada e não dizer coisa alguma. Seis meses após aquela noite, Baumgartner partiu para Ohio. Retornou a Newark no Natal e voltou a Ohio em janeiro não esperando regressar até o fim do segundo semestre, em junho. Em vez disso, voltou em fevereiro, 9 de fevereiro para ser exato, precisamente dois dias depois do sexagésimo aniversário do pai e um dia depois de sua morte.

Baumgartner ficou abalado com aquela morte, mas não em demasia. Gostaria de ter sentido mais, porém a verdade é que não pôde. Apesar da semana estranha e perturbadora passada em Newark, com a loja fechada e tia Bella bebendo na cozinha e amaldiçoando aos gritos o irmão mais moço, enquanto Naomi, aos treze anos, se escondia no quarto soluçando ou gritando para que a tia *gorda e com cara de pastelão* calasse a boca, Baumgartner estava menos preocupado consigo e com as duas loucas que com a mãe, a única pessoa mentalmente sadia numa família de malucos de carteirinha. A consoladora estável e protetora durante sua longa marcha como criança, alguém que havia amadurecido em circunstâncias muito mais penosas que seu pai, preparada para uma vida sem expectativas em contraste com as elevadas expectativas que o pai abrigava e depois fora incapaz de concretizar, uma mulher jovem que se casou quando ainda descobria quem era e por que tinha sido posta na terra, enquanto o marido bem mais velho (catorze anos mais velho) nada mais tinha a descobrir sobre sua pessoa exceto como se situar em relação a ela, sua jovem esposa, e aos dois filhos que mais tarde trouxeram ao mundo.

Quando garoto, Baumgartner soubera muito menos acerca do lado da família da mãe que do lado paterno, a vertente obscura dos Auster em que não havia tias, tios ou primos, nem um só parente vivo e, em consequência, ninguém para lhe contar a história da família — somente a mãe, que não sabia quase nada sobre o assunto. Tudo que havia lhe dito é que o pai dela se chamava Harry e havia emigrado para os Estados Unidos de uma pequena cidade na parte mais oriental do Império Austro-Húngaro, indo parar no Brooklyn, onde se casou com uma mulher cujo nome a mãe de Baumgartner

nunca soubera ou tinha esquecido, teve três ou quatro filhos com ela, cujos nomes também nunca soubera ou tinha esquecido. E então, em algum momento durante a Primeira Guerra Mundial, provavelmente em 1915 ou 1916, sua esposa nos últimos sete, dez ou doze anos o processou pedindo divórcio, aceitou um pagamento único que limpou a conta bancária dele e imediatamente partiu com os meninos para Chicago, Cleveland, Cincinnati ou alguma outra cidade do Meio-Oeste cujo nome começava pela letra C, e nunca mais se teve notícia dela. Harry mudou-se para Manhattan, arranhou algum dinheiro a fim de se estabelecer como empreiteiro de obras, lucrrou o suficiente para pagar a dívida dentro de um ano e, no começo de 1918, se casou com uma mulher chamada Millie Koplman. Treze meses depois do casamento, em 7 de março de 1919, a segunda mulher de Harry deu à luz a mãe de Baumgartner, Ruth, e apenas dezoito meses depois disso o desafortunado Harry Auster caiu do andaime na fachada de um edifício de dez andares perto da Washington Square e morreu quando seu corpo se esborrachou na calçada. Por isso, a mãe de Baumgartner não tinha nenhuma lembrança do pai e, como Millie desapareceu de sua vida quando Ruth nem completara três anos, só guardava as recordações mais vagas da mãe.

Durante a maior parte da infância, a mãe de Baumgartner o protegeu por recusar-se a explicar o que queria dizer com a palavra “desapareceu”. Ele era bobo demais para pressioná-la a ser mais específica, concluindo que devia ser outra palavra para morte, um daqueles termos evasivos e delicados, como passamento ou falecimento, que permitiam às pessoas falarem sobre a morte sem precisar pronunciar essa palavra. Baumgartner tinha idade bastante para saber que todo mundo morria e que mesmo ele um dia morreria, porém era ainda suficientemente moço para pensar que a morte só chega para os velhos e, na maioria dos casos, para os muito, muito velhos. E a coisa que o confundia sobre a morte da avó é que ela não era velha, uma vez que tinha dezenove anos quando se casou com seu avô e vinte ao dar à luz a primeira filha. Assim, se havia desaparecido antes do terceiro aniversário de sua mãe, isso significava que ela tinha morrido com vinte e dois ou vinte e três anos, muito longe dos usuais sessenta, setenta ou oitenta, sugerindo que alguma coisa horrível lhe acontecera, algum acidente incomum, como ser atropelada por um ônibus, cair de um andaime ou ser atingida por uma bala perdida num assalto a banco — andando por alguma rua certa manhã a caminho do

açougue e então, *bum*, cair morta com um tiro de calibre .38 no coração.

Só quando fez catorze anos sua mãe, por fim, foi franca e lhe contou a história. Sim, ela disse, era verdade que sua mãe havia desaparecido, mas, ao contrário do que ele havia suposto, não morrera: havia simplesmente se casado de novo, dessa vez com um homem muito mais velho e rico que o pobretão Harry, um viúvo de cinquenta e poucos anos com três filhos crescidos do primeiro casamento que não queria criar um quarto, razão pela qual Millie e seu novo marido consultaram um advogado, a documentação foi preparada e a guarda da pequena Ruthie transferida para o irmão mais moço de Harry, Joseph, um solteiro semianalfabeto que trabalhava como mecânico numa metalúrgica na outra margem do rio, em Newark. O contrato incluía um pagamento em dinheiro de cinco ou dez mil dólares, a fim de ajudar Joseph a cuidar da sobrinha (a mãe de Baumgartner nunca soube a quantia exata); pouco depois, Millie e o novo marido se mudaram de Nova York para uma cidade situada a milhares de quilômetros de distância, onde ele estabeleceu uma sucursal da empresa de que era dono ou dirigia, sabe-se lá o que era. Londres ou Los Angeles, pensava a mãe de Baumgartner, de qualquer modo uma cidade cujo nome começava com a letra L. Mas isso era tudo de que se lembrava, uma vez que o tio Joseph nunca lhe falou sobre a mãe, que em meados de 1922 havia realmente *desaparecido* e jamais voltara a ver a filha.

Aos catorze anos, Baumgartner ficou horrorizado quando ouviu isso, horrorizado e enraivecido diante da magnitude da indiferença de Millie, a mãe que joga fora sua filhinha como se ela nada mais fosse que um papel de bala ou um fiapo enfeando seu vestido de cetim. Um peteleco — e lá se foi. O que ela havia feito era criminoso, ele disse a si mesmo, um crime contra a humanidade, e assim como Eichmann fora condenado à morte no ano anterior por seus crimes durante a guerra, a odiosa avó Millie merecia ser enforcada pelos dela. No entanto, não foi capaz de dizer tais coisas em voz alta, pois sua mente fervilhava naquele momento e não conseguia invocar as palavras certas para exprimir o horror que o invadia. Tudo que pôde pronunciar foi uma frase: Ela jogou você às feras e se mandou. Acrescentando após dois ou três segundos: Você deve odiá-la.

Não, disse sua mãe, não a odiava, tinha pena dela. E, antes que a julgasse e começasse a se encher de ódio, ele deveria tentar imaginar a situação em que

a avó se encontrava: uma mulher moça, com nada a seu favor exceto a beleza e o poder de atrair homens, perde o marido com vinte e pouco anos e é deixada com uma pilha de contas a pagar, além de uma filha pequena, sem nenhuma família à qual pudesse recorrer. Quais eram suas opções? Tinha de arranjar um emprego, mas, caso trabalhasse, quem tomaria conta da criança? Teria de mandá-la para um orfanato, não trabalhar e ver as duas morrerem de fome, ou ainda rodar a bolsa nas ruas e vender o corpo para manter a alma junto com ele, mesmo que perdesse a alma no processo. Nessa hora, um homem rico se apaixona por ela, e se apaixona tanto que, em vez de enfiá-la num apartamento e mantê-la como amante, deseja casar-se. Ela sente ser aquela a única chance que jamais terá — uma passagem só de ida para escapar do inferno rumo a uma vida nova e melhor. E, se precisa abrir mão da filha para ter aquela vida, vai fazê-lo não porque quer, e sim por achar que não tem escolha. Rico ou não, disse a mãe de Baumgartner, o segundo marido deve ter sido um nojo para forçar uma mulher que diz amar a tomar tal decisão sobre sua filha. Se há alguém a ser odiado nessa história, é a ele que você deve odiar, Sy. Não que ela não tivesse feito uma coisa horrorosa comigo, uma coisa egoísta e vergonhosa, porém ao menos posso entender por que fez o que fez. E depois de pensar sobre isso durante esses anos todos, acabei me dando conta de que foi provavelmente o melhor que podia ter acontecido, porque, se era esse o tipo de mãe que eu tinha, então quem sabe dei sorte de não haver crescido junto dela. Em vez disso, tive o tio Joseph, o mais bondoso e mais gentil homem na face da terra, como já lhe disse uma centena de vezes, por isso tudo deu certo no final. Tive uma infância maravilhosa, animada e feliz, sem que minha mãe participasse nem um pouco. Ela era como uma atriz que tem uma cena num filme e depois a cena é eliminada porque ninguém a considera boa. Existe uma expressão em inglês para isso. Quando uma atriz faz parte do elenco mas no corte final não aparece no filme.

“She died on the cutting-room floor.”

Isso, o papel dela morreu na ilha de edição, mas o filme seguiu.

Baumgartner não tinha dúvida de que a mãe havia sido feliz com o tio e se beneficiara de seus cuidados, pois, de outro modo, jamais teria se tornado a pessoa forte e estável que era. Talvez tendesse a exagerar um pouco ao contar histórias sobre o tio Joseph e talvez tendesse a se ver, quando pequena,

através de um véu de encantamento mitológico, como a criança abandonada num melodrama vitoriano que é salva pela bondade de um homem simples e virtuoso. Mas nada disso importava porque, se real ou imaginado, o paraíso em que ela viveu depois dos três anos terminou abruptamente entre seus aniversários de dezesseis e dezessete anos, quando Joseph, aos cinquenta e quatro, sofreu um ataque cardíaco mortal depois de trabalhar dois turnos na metalúrgica. Foi de longe a maior perda da vida dela, imensuravelmente maior que a morte do pai ou o desaparecimento da mãe. E isso porque o fato inescapável era que então estava inteiramente só, uma moça com amigos mas sem parentes, ninguém mais velho a quem recorrer em busca de conselhos. Pior de tudo, o tio Joseph já não existia, porém mesmo morto ainda cuidava dela e fazia com que sua transição para a vida adulta fosse a menos dolorosa possível. Durante muitos anos, ele tinha sido membro leal e pagante do Círculo de Trabalhadores, o velho *Der Arbeter Ring*, a sociedade de ajuda mútua criada pelos imigrantes que falavam iídiche, quando ele era um homem ainda moço e recém-chegado aos Estados Unidos. E como essas contribuições garantiam assistência funerária e seguro de vida de baixo custo, a mãe de Baumgartner não apenas foi dispensada de custear o enterro de Joseph, mas ainda recebeu um cheque de seis mil dólares pela apólice do seguro de vida — num mundo sombrio e sem esperança, dois milagres do sublime e magnânimo Círculo dos Trabalhadores. Essa instituição promovia programas no contraturno escolar nas áreas de teatro, música e costura, que ela tinha frequentado quando menina, além de administrar o Kinder Ring, o campo de verão no lago Sylvan, em Hopewell Junction, para onde o tio Joseph a mandara quatro vezes seguidas aos nove, dez, onze e doze anos. Segundo ela disse repetidas vezes ao jovem Baumgartner, aqueles foram os verões mais gloriosos de sua vida.

Mesmo agora ele ainda ficava triste ao pensar na solidão esmagadora e insuportável que ela devia ter sentido ao longo daqueles meses miseráveis em 1935. Com apenas dezesseis anos, uma moça comum que cursava o ensino médio, ela tinha apenas uma vaga noção do que lhe reservava o futuro. E então, da noite para o dia, estava por sua conta e risco, uma adolescente despreparada de repente forçada a se tornar uma adulta. Permaneceu no apartamento da Shephard Avenue cercada das coisas do tio Joseph, mas, no final do ano, tudo mais em sua vida havia mudado. Na escola, suas melhores

matérias tinham sido matemática, ciências, música, arte e economia doméstica, enquanto sempre penava em inglês, história e francês — não porque lhe faltasse capacidade intelectual, e sim por ter dificuldade na leitura e ler de forma demasiado lenta para seguir o ritmo dos estudos. Como Baumgartner descobriu mais tarde, ela sofria de dislexia desde a infância, porém nenhum professor diagnosticara o problema ou fizera algo para ajudá-la, razão pela qual havia se atrasado e começado a pensar que era *burra*. Com aquela palavra ressoando em seu cérebro todas as manhãs ao ir para a escola, ela atravessava os corredores com uma sensação de vergonha lhe pesando sobre os ombros — e a bonita e alegre Ruth Auster se transformou na moça tímida e insegura que ninguém reconhecia mais. Três meses depois da morte do tio Joseph, ela abandonou a escola, não sem antes ter uma longa conversa com a professora de corte e costura, a sra. Mancuso, que certa vez a elogiara diante da turma como a mais bem-dotada aluna que jamais tivera. A balofa e maternal senhora pegou as mãos de Ruth e as manteve assim durante toda a conversa. Se ela queria se tornar uma costureira profissional, disse a professora, podia fazer um curso intensivo de um ano numa escola especializada ou começar a trabalhar em algum lugar como aprendiz. A mãe de Baumgartner disse preferir pular a escola e trabalhar de imediato, mas o problema era saber onde. A sra. Mancuso sorriu e respondeu: Acho que isso não vai ser um problema, querida.

Depois dos dois milagres do Círculo de Trabalhadores, a sra. Mancuso foi o terceiro, sendo o quarto sua irmã, Rosalie McFadden, a famosa costureira que dirigia a loja Madame Rosalie na Academy Street, no centro de Newark. Para Baumgartner, isso somente comprovou pela décima trilionésima vez na história da humanidade que todos dependemos uns dos outros e que ninguém, nem mesmo a mais solitária pessoa entre nós, é capaz de sobreviver sem a ajuda de outros. Como no caso de Robinson Crusoe, que teria morrido caso não aparecesse Sexta-Feira para salvá-lo.

Três anos mais tarde, com base no enfático telefonema de sua chefe para um homem chamado Baumgartner, Ruth foi contratada para ocupar a posição de principal costureira na Trocadero Fashions. Não que desejasse mudar de emprego, mas a idosa Madame Rosalie estava se aposentando e indo viver na Flórida com o marido. Como gostava de contar, a mãe de Baumgartner havia *recuperado o ânimo* como empregada naquela loja,

subindo do patamar inferior de simples aprendiz a *protégée* confiável, mas agora o negócio estava sendo fechado e era hora de seguir adiante. Em muitos sentidos, o novo emprego representava um substancial descenso, pois a chique e cara loja Madame Rosalie contava com uma clientela de mulheres ricas, muitas delas podendo passar sem olhar pelas fileiras de roupas mais baratas e prontas para usar e indo direto ao aposento dos fundos onde Madame Rosalie criava roupas sob medida para elas e espetaculares vestidos de noiva para suas filhas; tudo era preparado pela equipe de seis costureiras num aposento ainda mais ao fundo onde a jovem Ruthie, de forma lenta mas segura, se destacou como a mais competente do grupo. Não haveria outros vestidos sob medida na Trocadero, porém o emprego parecia ser o melhor disponível no momento. Salário decente e loja suficientemente perto de onde morava para caminhar até o trabalho, o que significava não viajar mais de pé nos ônibus superlotados nas horas de rush pela manhã e à noite, além de não ter as passagens corroendo parte dos seus ganhos. Em todo caso, ela não ficaria lá por muito tempo, assim pensou, não mais que um ou dois anos, quando partiria para a Califórnia em busca de emprego no departamento de vestuário de algum dos estúdios de Hollywood. Imagine só, ela dizia ao jovem Baumgartner, fazer o figurino de um daqueles grandes dramalhões sobre as Guerras Napoleônicas, ou costurar para Carole Lombard o vestido longo, colante e reluzente que ela usaria na cena em que entra na esfumaçada boate de Nova York com William Powell. Não seria *simplesmente fabuloso*? Sim, respondia Baumgartner, *simplesmente fabuloso*, mas, todas as vezes em que estava prestes a lhe dizer que gostaria que ela tivesse feito aquilo, se dava conta de que, nesse caso, nunca teria nascido. Por isso, em vez de fazer qualquer comentário, lá ficava sentado sorrindo para ela.

Depois da morte de seu pai, durante aquela estranha semana na Lyons Avenue quando os dois ficaram sentados até tarde da noite conversando na cozinha, Baumgartner incentivou a mãe a vender a loja, o prédio e sair de lá. Juntando o dinheiro a ser recebido com o que resultava do seguro de vida, ela teria o suficiente para mudar-se para onde quisesse. Só tinha quarenta e seis anos, era ainda bem moça, ainda vibrante, com uma centena de possíveis futuros à sua frente. Newark estava indo ladeira abaixo, ele disse, em breve a cidade iria quebrar: caso ela pegasse o touro pelos chifres, escaparia antes que

o pior começasse a acontecer.

Não estou dizendo que você está errado, Sy, mas para onde eu iria? Naomi ainda está na escola e tenho de pensar nela em primeiro lugar, não é mesmo?

Não precisa ir para longe. Apenas saia dos limites da cidade, se mude para Maplewood, South Orange, West Orange ou Montclair. Todas essas cidadezinhas têm boas escolas e a coitada da Naomi seria bem mais feliz num desses lugares do que onde está agora. Não há o menor conflito. Saindo para seu bem, sai para o bem dela também. E finalmente se livraria desse apartamento vagabundo.

Se eu fechar a loja, o que acontece com Bella? E Cookie Castellanos? E Mary Bolton, a moça negra que contratamos no ano passado? É seu primeiro emprego e está indo tão bem, como é que posso simplesmente pôr ela na rua aos pontapés?

Bella já recebe uma pensão do governo e daqui a pouco vai poder se valer do Medicare porque a lei deve passar ainda este ano. Aquelas sobrinhas crescidas dela são umas bobocas, mas também podem ajudar. Quanto a Cookie e Mary, se alguém quiser ficar com a loja, ponha no contrato que elas precisam ser mantidas como empregadas. E, se a pessoa que comprar o prédio resolver fechar a loja, não há nada que você possa fazer além de lhes dar uma boa quantia pelo fim do emprego — uns seis meses de salário — e desejar boa sorte. Ambas são moças e vão se dar bem rapidinho.

Você faz parecer tão simples!

Porque é simples.

E o que acontece comigo? O que devo fazer numa casa grande de algum condomínio nos subúrbios enquanto espero que Naomi volte da escola? Passar o aspirador de pó nos tapetes? Jogar paciência? Começar a beber e virar uma bêbada? Sempre trabalhei, Sy, trabalho desde os dezesseis, dezessete anos, e tocar essa loja foi toda a minha vida. Sei que você não lhe dá muita importância e sei que uma parte do seu pai sempre a odiou, mas, mesmo que a Trocadero Fashions seja uma loja comum para mulheres que não seguem a moda, essas mulheres são gente de verdade e merecem circular por aí se sentindo bem. É isso que eu venho fazendo por todos esses anos. Pegando esses vestidos comuns e os alterando para que caíam bem e sigam as linhas certas do corpo dessas mulheres para que fiquem atraentes. E se a pessoa se considera atraente, está bem consigo mesma. Fazer com que essas

mulheres gorduchas de meia-idade se sintam bem é um serviço, não é mesmo? O que eu chamaria de um mitzvah, e por isso tenho orgulho do que andei fazendo aqui, Sy, não acho que desperdicei meus talentos em alguma coisa que não mereceria, porque cada pessoa vale o esforço, não importa quem ela seja.

Sei disso, mamãe. Acho simplesmente que é hora de jogar a toalha. A loja é uma coisa, mas há também o problema de Newark e, de repente, todas essas mulheres a quem você vem ajudando vão se mudar. O que acontece então com você, a loja, Naomi e tudo mais que a preocupa? Mude-se, estou lhe implorando, venda tudo e se mude. Depois que estiver instalada em algum lugar, volte a trabalhar e continue por quanto tempo quiser. Lembra-se do seu velho sonho de arranjar emprego num estúdio de Hollywood? Bom, esses estúdios agora morreram, não é mesmo? Mas, se você quer criar roupas, tem muita coisa acontecendo hoje em dia nos teatros de Nova York, tanto na Broadway quanto em vários outros lugares. Tenho certeza de que poderia se juntar a alguém na cidade e começar a fazer isso, mas, se o teatro é um degrau muito alto para subir agora, pense outra vez na Madame Rosalie e lembre que todas as clientes dela costumavam vir das cidades que mencionei, além de uma porção de outras, tem muita gente endinheirada por lá. Se você abrisse sua própria loja num desses lugares perto de onde elas vivem, aposto quanto quiser que todas irão correndo. E logo, logo você vai ter mais serviço do que é capaz de aceitar.

A mãe de Baumgartner começou a rir. Pela primeira vez desde o enterro do pai, o riso brotava de sua garganta, e ela disse: Lembra do vestido de noiva que me pediram para fazer uns anos atrás?

Como eu iria esquecer? Acho que nunca ri tanto na vida.

Sinto muito que tenha feito isso com você, Sy, mas não havia mais ninguém a quem eu pudesse recorrer. Cookie era baixa demais e a garota que tivemos antes da Mary era gorda demais. Havia um limite de prazo e eu precisava fazer a última prova com a noiva. Quantos anos você tinha naquela época?

Catorze.

Catorze, e estava começando a crescer rapidamente, medindo entre um metro e sessenta e cinco e sessenta e sete, a mesma altura da moça, que por acaso também era magra, mais ou menos o mesmo tamanho e forma que

você tinha naqueles tempos, menos os peitinhos, é claro. Por isso, perguntei se você concordaria em pôr o vestido enquanto eu fazia os últimos ajustes que precisava. No começo você disse não, mas, quando pedi de novo, respondeu: Está bem, se é tão importante. E você não ficou com raiva de mim. Pôs o vestido e, dois segundos depois, teve um acesso de riso.

Eu estava pensando naquele filme engraçado que vimos quando eu tinha onze ou doze anos. *Quanto mais quente melhor*, com Jack Lemmon e Tony Curtis circulando com roupas de mulher e a gostosona da Marilyn Monroe pulando para fora de um vestido em que parecia estar seminua. E lá estava eu no vestido de noiva de Susan Schwartzman, rindo um bocado por me sentir tão sem jeito e confuso. E, quando já estávamos quase terminando, entrou você sabe quem.

Ele deve ter ouvido você rindo, por isso desceu para ver o que estava acontecendo.

E disse: Porra, Ruth, que diabo é isso que você está fazendo com o menino!

E você respondeu, juro por Deus: Não se preocupe, papai, estamos encenando o *Quanto mais quente melhor* na escola e estou treinando para o teste de amanhã. Que papel você acha que eu devo tentar, o do Jack Lemmon ou o do Tony Curtis?

E pela quinta ou sexta vez em todos os anos que o conheci, ele caiu na risada.

Quando parou, olhou para nós dois e disse: Bom, ninguém é perfeito.

E voltou calmamente para o segundo andar.

Pela terceira ou quarta vez naquela tarde, Baumgartner parou no meio de um pensamento e olhou para cima. Uma grossa nuvem passou na frente do sol, escurecendo temporariamente o céu; com a repentina mudança atmosférica, Baumgartner passou os olhos à sua volta a fim de se reconectar com o que o cercava ou digerir o que vinha pensando, não tinha certeza se uma coisa ou outra, porém se dando conta de que a cadeira era desconfortável, que as costas doíam e as pernas estavam ficando endurecidas. Por isso, se levantou, esticou os braços por alguns segundos e sacudiu as pernas uma após a outra, inclinando-se depois para tocar os dedos do pé, coisa de que não era capaz havia um bom tempo. No entanto, embora as pontas dos dedos não pudessem descer além dos tornozelos, o esforço em si era um alívio bem-vindo depois de sentar-se imóvel na cadeira incômoda,

razão pela qual se empertigou e voltou a inclinar-se, repetindo tudo pela última vez. A essa altura, a nuvem se movera e o sol não mais se encontrava bloqueado, porém a luz tinha se alterado ligeiramente, uma mudança sutil, quase impossível de se notar, que lhe emprestara uma textura mais profunda, mais claramente definida. E, enquanto Baumgartner caminhava pelo quintal procurando uma cadeira mais confortável para sentar-se, presumindo haver alguma, compreendeu que a tarde avançava de forma algo mais rápida do que ele imaginara, que chegaria em breve o momento em que o sol desceria num ângulo ainda mais agudo e o mundo que ele ilumina seria banhado numa beleza espectral de coisas reluzentes e palpitantes que aos poucos iriam perdendo o brilho e desapareceriam na escuridão quando a noite caísse. Enquanto isso, Baumgartner experimentou outra cadeira, que provou ser mais desconfortável que a primeira. Testou mais uma, também a rejeitou, voltando à primeira, que se mostrou menos incômoda do que tinha imaginado. De novo instalado, fez uma série de respirações lentas e metódicas, perguntando-se aonde sua mente o levaria agora.

Seus pensamentos pularam para a imagem do rosto de Anna aos prantos ao entrar na sala de visita da casa da mãe dele e informar que ela acabara de morrer. Depois de ficar sentado à beira de sua cama por doze horas a fio, Baumgartner havia se deitado para tirar um cochilo no sofá da sala, porém Anna, que antes tinha dormido um pouco, permaneceu no quarto e foi quem assistiu à morte de Ruth. Câncer do pâncreas. Seis meses brutais nos quais o pequeno corpo emagrecia de forma assustadora — e agora ela estava morta aos sessenta e dois anos.

Até ser atingida pelo câncer, ela havia criado uma nova vida, vendendo o negócio da Lyons Avenue em 1966, dezoito meses após a morte de seu pai, e um ano antes que sua profecia sobre Newark se transformasse em realidade — de uma forma mais mortífera e violenta do que ele imaginara. A essa altura, ela havia se mudado para uma pequena casa de dois andares em Montclair com Naomi, a obstinada, cambaleante e frequentemente infeliz Naomi, que, de algum modo, se estabilizara um pouco nos dois últimos anos do ensino médio. E, por volta de 1969, segundo ele achava, a mãe inaugurou a loja Madame Ruth, especializada em suntuosos vestidos de noiva para moças de pais ricos, mas que também fazia outros tipos de roupa para homens e mulheres. Como prêmio adicional, Cookie e Mary voltaram a

trabalhar com ela e ficaram até mesmo depois de se casarem e começarem a ter filhos. Por isso, as duas com frequência estavam com eles na casa durante as últimas semanas da vida de sua mãe, assim como Naomi, já casada e com uma filha de um ano. Ruth morreu cedo demais, bem antes de ter a chance de envelhecer. Mas viveu tempo suficiente para conhecer Anna durante anos e também para amar sua netinha, Barbara. Ao longo de todo esse tempo, tanto quanto Baumgartner soubesse, não houve homens, nem mesmo um namorico com ninguém, muito menos a ideia de casar-se de novo. Na década de 1970, por vários anos ela pareceu formar uma sólida amizade com uma mulher mais velha, chamada Maggie Waldman, mas a natureza dessa amizade nunca ficou clara para ele. Pensando no bem dela, ele tinha a esperança de que as duas houvessem se apaixonado, porém Maggie Waldman morreu três anos antes de sua mãe e ele jamais saberia o que aconteceu ou não aconteceu entre elas.

Seus pensamentos deslizaram do fim para o começo da vida de sua mãe, seguindo dali para os anos e séculos anteriores. E, de repente, começou a se recordar da viagem feita à Ucrânia dois anos atrás e do dia que havia passado na cidadezinha onde o pai dela nasceu. Baumgartner fora convidado a participar de um painel no congresso anual do PEN Internacional, realizado naquele ano em Lviv, e não apenas desejava participar dos painéis e encontrar os representantes das seções do PEN do mundo todo, mas sabia que teria tempo suficiente para, em alguma tarde, viajar duas horas rumo ao sul e visitar a cidade do avô. Algumas coisas extraordinárias lhe aconteceram naquela visita, coisas sobre as quais queria escrever desde que voltou para casa, mas não o fizera porque tinha andado muito ocupado com seu livro. Naquele momento, entretanto, com as recordações da mãe queimando em seu cérebro, de repente se levantou da cadeira, entrou na casa e voltou ao escritório no segundo andar, de onde saía uma hora e meia antes. Empurrando para o lado os rascunhos, correções e notas referentes a *Mistérios do volante*, suspendeu o trabalho no livro e começou a escrever um relato da viagem a Ivano-Frankivsk em 21 de setembro de 2017. Trabalhou durante várias horas e só parou quando o estômago o chamou para jantar no térreo, retomando a tarefa no outro dia e mais uma vez escrevendo até a hora do jantar. Pensou ter acabado a coisa, porém, só para se certificar, retomou o texto na manhã seguinte e passou mais três horas corrigindo erros de grafia e

outros enganos, aperfeiçoando o ritmo da prosa e pondo os toques finais no relato breve e perturbador.

OS LOBOS DE STANISLAV

Será que um evento precisa ser verdadeiro para que o aceitemos como verdade, mesmo que a coisa que supostamente aconteceu não aconteceu? E se, a despeito de seus esforços para descobrir se o evento aconteceu ou não, você chegar a um impasse em matéria de incerteza e for incapaz de garantir que a história contada por alguém no terraço de um café na cidade ocidental da Ucrânia chamada Ivano-Frankivsk derivou de um pequeno porém verificável acontecimento histórico ou, pelo contrário, é uma lenda, uma bazófia ou um rumor infundado transmitido de pai para filho? Ainda mais relevante: se a história comprova ser tão assombrosa e tão potente que seu queixo cai e você sente que ela mudou, melhorou ou aprofundou sua compreensão do mundo, importa que seja verdadeira ou não?

As circunstâncias me levaram à Ucrânia em setembro de 2017. Meus afazeres eram em Lviv, porém aproveitei um dia livre para viajar duas horas rumo ao sul e passar uma tarde em Ivano-Frankivsk, onde meu avô materno tinha nascido, lá pelo começo da década de 1880. Não havia motivo para ir lá exceto a curiosidade ou, melhor dizendo, o que eu chamaria de atração de uma falsa nostalgia, pois a verdade é que não tinha conhecido meu avô e não sabia praticamente nada sobre ele. Ele morreu vinte e sete anos antes que eu nascesse, a sombra de um passado não registrado nem lembrado. E, mesmo enquanto viajava para a cidade de onde ele saíra no final do século XIX ou início do XX, compreendi que o lugar em que vivera sua infância e adolescência não mais era o lugar onde eu passaria a tarde. Entretanto, queria ir lá e, olhando para trás e refletindo sobre as razões pelas quais queria ir, talvez tudo se resuma a um único fato verificável: a viagem me levaria através das regiões cobertas de sangue da Europa Oriental, o centro da pavorosa carnificina do século XX. Se o homem-sombra responsável por dar o sobrenome à minha mãe não houvesse deixado aquela região quando deixou, eu nunca teria nascido.

O que eu sabia previamente à minha chegada era que, antes de se tornar Ivano-Frankivsk em 1962 (em homenagem ao poeta ucraniano Ivan

Franko), a cidade de quatrocentos anos tinha sido conhecida como Stanislawów, Stanislau, Stanislaviv e Stanislav, dependendo de estar sob controle polonês, alemão, ucraniano ou soviético. Uma cidade polonesa havia se tornado uma cidade da Casa de Habsburgo, depois uma cidade do Império Austro-Húngaro, depois uma cidade russa nos dois anos iniciais da Primeira Guerra Mundial, depois uma cidade austro-húngara, depois uma cidade ucraniana por curto período de tempo após a guerra, depois uma cidade polonesa, depois uma cidade soviética (de setembro de 1939 a julho de 1941), depois uma cidade controlada pelos alemães (até julho de 1944), depois uma cidade soviética e, após o colapso da União Soviética em 1991, uma cidade ucraniana. Quando nasceu meu avô, ela tinha dezoito mil habitantes e, em 1900 (data aproximada de sua partida), vinte e seis mil, na sua maioria judeus. Na época de minha visita, a população crescera para duzentos e trinta mil, mas, durante a ocupação nazista, o número se situava entre oitenta mil e noventa e cinco mil, metade deles judeus. E o que eu já sabia fazia várias décadas é que, após a invasão alemã no verão de 1941, dez mil judeus tinham sido reunidos e liquidados no cemitério judaico até o outono, sendo os demais confinados num gueto em dezembro. Dali, outros dez mil foram enviados para o campo de extermínio de Belžec, na Polônia, e depois, um a um, cinco a cinco e vinte a vinte, ao longo de 1942 e começo de 1943, os alemães tinham conduzido os judeus sobreviventes de Stanislau para os bosques que cercavam a cidade e os matado sistematicamente até não sobrar um só deles — dezenas de milhares de pessoas assassinadas com um tiro atrás da cabeça e depois enterradas nas covas coletivas que elas próprias haviam aberto antes de ser liquidadas.

Uma mulher bondosa que conheci em Lviv cuidou de organizar a viagem e, como tinha nascido e sido criada em Ivano-Frankivsk, ainda morando lá, sabia aonde eu devia ir e o que ver. Deu-se ainda ao trabalho de recrutar alguém para nos levar de carro, um jovem lunático, sem medo da morte, que seguiu disparado pela estreita estrada de duas pistas como se estivesse fazendo um teste para o papel de dublê em algum filme sobre corrida de automóveis. Como ele se arriscava de forma extraordinária ao ultrapassar todos à nossa frente, cortando abruptamente para a outra pista mesmo quando outros veículos vinham em grande velocidade na nossa

direção, várias vezes durante o trajeto me ocorreu que aquela tarde feia e nublada do primeiro dia do outono de 2017 seria o meu último na terra. E como era irônico, assim me disse, e no entanto terrivelmente adequado, que eu viesse de tão longe para visitar a cidade que meu avô abandonara havia mais de cem anos apenas para morrer antes de lá chegar.

Por sorte, o tráfego era leve, uma mistura de carros velozes e caminhões lentos, além de uma carroça puxada por cavalos que levava uma enorme pilha de feno e se movia com um décimo da velocidade dos veículos mais lentos. Mulheres robustas e de pernas grossas, com babushkas na cabeça, caminhavam pela beira da estrada carregando sacolas de plástico cheias de verduras e legumes. Exceto pelas sacolas plásticas, elas podiam ter sido vistas duzentos anos antes, camponesas do Leste Europeu aprisionadas num passado tão remoto e duradouro que sobrevivera até o século XXI. Passamos pelos subúrbios de uma dezena de cidadezinhas enquanto grandes campos, cujas culturas tinham sido colhidas recentemente, se estendiam de ambos os lados da estrada. Mas de repente, a dois terços do caminho, a paisagem rural deu lugar a uma terra de ninguém de indústrias pesadas, sendo o exemplo mais espetacular a gigantesca usina elétrica que surgiu à nossa esquerda. Se não entendi mal o que me disse no carro a bondosa mulher, aquela instalação monolítica supria a Alemanha e outros países da Europa Ocidental com a maior parte da energia por eles consumida. São essas as verdades contraditórias daquele estado-tampão, com quase um milhão e trezentos mil quilômetros de largura, ensanduichado entre as terras de morticínio a leste e a oeste, pois, embora a Ucrânia alimente um lado com a eletricidade que acende as lâmpadas e mantém as máquinas funcionando, no outro lado continua a derramar sangue para defender seu território convulsionado e já corroído.

Ivano-Frankivsk comprovou ser um lugar atraente, uma cidade que em nada se assemelhava à ruína urbana em desintegração que eu visualizara mentalmente. As nuvens se dissiparam minutos antes de chegarmos lá e, com o sol brilhando e muita gente circulando pelas ruas ou parques públicos, fiquei impressionado com a limpeza e a ordem. Não se tratava de um povoado provinciano perdido no passado, e sim de uma pequena cidade moderna com livrarias, teatros, restaurantes e uma agradável mescla de arquitetura nova e velha, essa última tendo sobrevivido nos prédios dos

séculos XVII e XVIII construídos pelos fundadores poloneses e seus conquistadores da Casa de Habsburgo. Eu gostaria de passear por ali durante duas ou três horas e depois voltar, mas a bondosa mulher que orquestrara a visita entendeu que meu objetivo em ir até lá estava ligado a meu avô. E, como ele era judeu, ela achou que poderia me ser útil conversar com o único rabino ainda existente na cidade, o líder espiritual da derradeira sinagoga restante em Ivano-Frankivsk — que revelou ser um edifício sólido e bem projetado dos primeiros anos do século XX que, de algum modo, conseguira atravessar a Segunda Guerra Mundial com poucos estragos, logo reparados. Não tenho certeza sobre o que pensei, mas não me opus a conversar com o rabino porque ele provavelmente era a única pessoa que ainda pisava na superfície do planeta capaz — minimamente capaz — de me contar algo acerca da minha família, aquela horda de ancestrais sem nome que, espalhados por toda parte, morreram e assim desapareceram do reino do cognoscível. Porque eu tinha quase certeza de que seus registros de nascimento haviam sido destruídos por uma bomba, um incêndio ou a assinatura de algum burocrata extremamente zeloso, em algum momento nos últimos cem anos. Conversar com o rabino seria uma empreitada inútil, eu me dei conta, um subproduto da nostalgia falsa que me levava à cidade, mas lá estava eu, naquele dia e só naquele dia, sem pensar em jamais voltar — e que mal faria se lhe fizesse algumas perguntas e verificasse se algumas delas podiam ser respondidas?

Não houve respostas. O rabino barbudo e ortodoxo nos acolheu em seu escritório, mas não tinha nenhuma informação para me dar, além de dizer o que eu já sabia — que Auster era um sobrenome comum entre os judeus de Stanislav e de nenhum outro lugar, e depois divagar brevemente ao contar uma história de guerra sobre a mulher que tinha o sobrenome Auster e havia escapado de ser presa pelos alemães escondendo-se num buraco por três anos, do qual saiu louca para o resto da vida. Um sujeito frenético e nervoso, que fumou sem parar cigarros fininhos durante toda a conversa, apagando-os após algumas tragadas e logo pegando outro de uma sacola de plástico sobre a mesa; ele não foi nem amistoso nem inamistoso, simplesmente angustiado. Um homem com outras coisas na cabeça e, tanto quanto eu entendi, imerso demais nas próprias preocupações para

revelar grande interesse por um visitante norte-americano ou pela mulher que arranjava o encontro. Consta que não há mais de duzentos ou trezentos judeus vivendo atualmente em Ivano-Frankivsk. Não é claro quantos deles praticam sua religião ou frequentam os serviços na sinagoga, porém, pelo que pude observar uma hora antes de encontrar-me com o rabino, parecia que apenas uma pequena fração desse reduzido número de pessoas o faz. Por puro acaso, minha visita caiu no Rosh Hashana, um dos dias mais sagrados no calendário litúrgico, e somente quinze pessoas estavam presentes para ouvir o som do shofar que dá as boas-vindas ao ano novo, treze homens e duas mulheres. Ao contrário de seus homólogos na Europa Ocidental ou nos Estados Unidos em tais ocasiões, os homens não usavam ternos escuros e gravatas, e sim blusões de náilon, tendo as cabeças cobertas por bonés de beisebol vermelhos e amarelos.

Saímos e perambulamos por uma hora, uma hora e meia, talvez mais. A bondosa mulher combinara que eu conversasse com outra pessoa às quatro horas, um poeta de Ivano-Frankivsk que aparentemente havia passado anos pesquisando a história da cidade. Mas, como tínhamos tempo para explorar alguns dos lugares que não havíamos visto antes, seguimos com nossa caminhada até percorrer a maior parte da cidade. A essa altura, o sol brilhava intensamente e, naquela bela luz de setembro, fomos parar numa praça grande e aberta, onde nos vimos diante da Igreja da Ressurreição Sagrada, uma catedral barroca do século XVII que é considerada a mais linda estrutura do tempo dos Habsburgo, quando Ivano-Frankivsk era conhecida como Stanislau. Baseado no que ocorre em outras bonitas igrejas e catedrais que visitei nas cidades grandes e pequenas da Europa Ocidental, presumi ao entrarmos que ela estaria quase vazia, sem ninguém a não ser alguns turistas com suas câmeras fotográficas. Eu estava errado. Afinal, não nos encontrávamos na Europa Ocidental, e sim no extremo oeste do que fora no passado a União Soviética, numa cidade localizada na província de Galícia no extremo leste do antigo Império Austro-Húngaro. E a igreja, que não era Católica romana ou Ortodoxa russa, e sim Ortodoxa grega, estava abarrotada, nenhum dos presentes era turista ou estudante de arquitetura barroca, mas cidadãos locais que tinham ido rezar, pensar ou se comunicar consigo mesmos ou com o Todo-Poderoso naquele vasto espaço feito de pedras, com a luz de setembro penetrando

em borbotões pelos vitrais. Devia haver uns duzentos, e o que mais me surpreendeu naquela grande multidão silenciosa foi a quantidade de jovens, certamente metade do total, homens e mulheres com vinte e poucos anos sentados nos bancos, com as cabeças curvadas, ou de joelhos, com as mãos entrelaçadas e os rostos voltados para cima, olhos fixos na luz que entrava através dos vitrais. Uma tarde normal de dia de semana, sem nada que o distinguisse de qualquer outro dia exceto pelo tempo ter ficado tão bonito. E, naquela radiosa tarde, a Igreja da Ressurreição Sagrada se encontrava repleta de moços que nem estavam trabalhando nem sentados em cafés ao ar livre, e sim ajoelhados no chão de pedra de mãos juntas e rostos voltados para o alto na postura de quem reza. O rabino que fumava um cigarro após o outro, os bonés de beisebol vermelhos e amarelos — e agora aquilo.

Depois disso, o que se seguiu a tudo, fez todo sentido para mim que o poeta revelasse ser budista. E não, não se tratava de um convertido devido à moda new age, que havia lido alguns livros sobre a filosofia zen, mas de um praticante de longa data que acabara de voltar de uma estada de quatro meses num monastério no Nepal, um homem sério. E também poeta, bem como estudante da história da cidade em que nascera meu avô. Era um sujeito grandalhão, com mãos enormes e um jeito afável, uma pessoa lúcida e solícita. Vestia roupas europeias e mencionou apenas de passagem sua crença budista, o que tomei como um sinal encorajador, confiando nele e sentindo que só me diria a verdade. O encontro ocorreu apenas dois anos atrás, mas o estranho sobre nossa reunião é que, mesmo depois de tão pouco tempo, e mesmo eu tendo pensado nisso quase todos os dias desde então, sou incapaz de recordar uma única coisa que ele tenha dito sobre a cidade antes de falar dos lobos. Quando começou a contar aquela história, tudo mais foi apagado.

Estávamos sentados no terraço de um café na maior praça da cidade, o centro de Stanislau-Stanislav-Ivano-Frankivsk, uma ampla área banhada de sol sem carros e com muita gente caminhando em todas as direções, ao que me recorde sem que ninguém fizesse nenhum ruído, apenas uma massa de corpos silenciosos passando à minha frente enquanto eu ouvia o poeta contar sua história. Já havíamos estabelecido o fato de que eu sabia o que aconteceu com a metade judaica da população entre 1941 e 1943,

porém, segundo ele, quando o exército soviético tomou a cidade em julho de 1944, apenas seis semanas após a invasão aliada da Normandia, não só os alemães já tinham se retirado como a outra metade dos habitantes também tinha ido embora. Todos haviam corrido em qualquer direção, leste ou oeste, norte ou sul, tendo os soviéticos conquistado uma cidade deserta, o domínio do nada. A população humana havia se dispersado para os quatro quadrantes e, em vez de pessoas, a cidade estava agora habitada por lobos, centenas e mais centenas de lobos.

Horrível, pensei, tão horrível que continha o horror do mais horrível pesadelo. E, de repente, como se brotasse de um sonho meu, o poema de Georg Trakl me voltou a galope — “Frente oriental”, que eu tinha lido pela primeira vez cinquenta anos antes, relendo muitas vezes até guardá-lo de cor e depois o retraduzindo para mim mesmo: o poema da Primeira Guerra Mundial de 1914 escrito sobre Gródek, uma cidade da Galícia não longe de Stanislau, que termina com a estrofe:

Campos infestados de espinhos cercam a cidade.

Das escadas cobertas de sangue a lua

Persegue mulheres aterrorizadas.

Lobos ferozes penetraram pelas portas da muralha.

Como ele sabia disso?, perguntei.

Respondeu que seu pai havia lhe falado sobre isso muitas vezes, explicando que ele era um jovem em 1944, com pouco mais de vinte anos, e após a tomada de Stanislau pelos soviéticos, a partir de então conhecida como Stanislav, havia sido recrutado por uma unidade do exército com a função de exterminar os lobos. A tarefa levou várias semanas, ele disse, ou talvez vários meses, não consigo me lembrar. E, quando Stanislav voltou a permitir a ocupação humana, os soviéticos a repovoaram com militares e suas famílias.

Contemplei a praça à minha frente e tentei visualizá-la no verão de 1944, todas as pessoas caminhando daqui para ali de repente eliminadas da cena, e então comecei a ver os lobos trotando pela praça, movendo-se em pequenos bandos enquanto procuravam comida na cidade abandonada. Os lobos são a culminação do pesadelo, eu disse a mim mesmo, o resultado

extremo da estupidez que conduz à devastação das guerras, nesse caso três milhões de judeus assassinados naquelas terras sanguinolentas do leste, junto com incontáveis civis e soldados de outras religiões ou sem religião alguma. E, terminada a carnificina, lobos selvagens entram avidamente pelas portas da cidade. Os lobos não são apenas símbolos da guerra. São produtos da guerra e aquilo que a guerra traz para o mundo.

Não tenho dúvida de que o poeta acreditava estar me dizendo a verdade. Os lobos eram reais para ele e, devido à tranquila convicção da sua voz ao me contar a história, a aceitei também como verdadeira. Ele admitia não ter visto os lobos com seus próprios olhos, mas seu pai tinha — e por que um pai contaria tal história caso não fosse verdade? Convenci-me de que não contaria e, ao sair de Ivano-Frankivsk algum tempo depois naquela tarde, fiquei certo de que, por um breve período após os russos terem tomado o controle de Stanislav dos alemães, os lobos haviam dominado a cidade.

Nas semanas e meses seguintes, fiz o que pude para investigar o assunto com maior profundidade. Conversei com um amigo que tinha contato com historiadores na universidade de Lviv (antes conhecida como Lvov, Lwów e Lemberg), em especial uma mulher especializada na história da região. No entanto, segundo ela declarou, em nenhuma de suas pesquisas jamais encontrara qualquer referência aos lobos de Stanislav; e, realizando novas pesquisas, não encontrou uma única menção à história contada pelo poeta. O que ela achou, contudo, foi um filme curto que documentava a captura da cidade pelas tropas soviéticas em 27 de julho de 1944 e, quando me mandou um vídeo de tal filme, pude vê-lo sentado na mesma cadeira em que estava agora.

Entre cinquenta e cem soldados, em fileiras bem organizadas, entram marchando em Stanislav enquanto um pequeno grupo de cidadãos bem-vestidos e bem alimentados comemora sua chegada. A cena é repetida depois de um ângulo ligeiramente diferente, mostrando os mesmos cinquenta a cem soldados e o mesmo grupo bem-vestido e bem alimentado. O filme então exibe a imagem de uma ponte destruída e, antes de chegar a um fim pouco convincente, retorna à tomada original dos soldados e do grupo que os saúda. Os soldados poderiam ser genuínos, mas naquela oportunidade tinham sido instruídos a fazer o papel de

soldados, assim como os atores, instruídos a fazer o papel do grupo entusiasmado; eles executavam suas funções num filme de propaganda grosseiramente editado e inacabado, cuja intenção era glorificar a bondade e o valor da União Soviética.

Não é preciso dizer, nenhum lobo aparecia em qualquer parte do filme.

O que me leva de volta ao lugar em que comecei e à pergunta que não teve resposta. Em que acreditar quando você não pode ter certeza se um suposto fato é verdadeiro ou não?

Na ausência de qualquer informação que pudesse confirmar ou negar a história que ele me contou, escolhi acreditar no poeta. E, estivessem lá ou não, escolhi acreditar nos lobos.

No momento, tudo havia cessado. Baumgartner escreveu a última frase do último capítulo de *Mistérios do volante* e, durante pelo menos um mês, devia esquecer que o livro estava terminado ou que aceitara a responsabilidade de escrevê-lo. Baumgartner referia-se a esse período pós-escrita como *o colapso*, como *a bebedeira da sra. Fazpouco daquele poema de Anna* ou, ecoando o final do velho anúncio da Coca-Cola, de sua infância, *a pausa que refresca*. Tratava-se do passo fundamental rumo ao fechamento de um livro porque, depois de viver com o trabalho em progresso todos os dias e noites pelo que podia significar alguns anos ou mesmo muitos anos, ao acabar você está tão próximo dele que não é mais capaz de avaliar o que fez. Mais que isso. As palavras que escreveu são tão familiares àquela altura que morreram na página. E vê-las agora lhe causa tamanhos espasmos de nojo que você sente a tentação de destruir o manuscrito num acesso de ira ou desespero. Para sua própria sanidade, e para o bem do que possa ser salvo do desastre que provocou, você deve forçar-se a dar um passo atrás e deixar a droga do trabalho em paz até ele se tornar tão absolutamente distante de sua mente que, ao ousar pegá-lo de novo, você tenha a sensação de que o encontra pela primeira vez.

Essa era uma das muitas lições aprendidas ao longo dos anos pelo sentenciado à prisão perpétua que ainda cumpria a pena na última cela ocupada do terceiro andar do Centro Correcional no 7.

Assim, por ora, tudo havia cessado, e Baumgartner entrara num daqueles interlúdios periódicos de indolência forçada. Quase sempre tendia a usar esses vazios para executar tarefas banais e práticas, todas as cansativas obrigações da vida cotidiana que ignorava com determinação e deixava por fazer quando imerso num projeto. Por exemplo, ir ao dentista, comprar novas

roupas ou, depois de adiar por um ano e meio, telefonar para o consultório médico a fim de marcar seu atrasado check-up anual, quando não cuidar dos diversos problemas caseiros, como o expurgo pós-kierkegaardiano que enfim eliminou a bagunça na varanda dos fundos quando ele contratou um sujeito da vizinhança conhecido como Homem da Van para levar seus livros não desejados à biblioteca pública — o conteúdo de quatrocentos e doze embrulhos de papelão entregues a ele pela valente Molly, o ser luminoso que havia durado mais que todas as mulheres que entraram e saíram de sua vida nos últimos dez anos.

No entanto, dessa vez era diferente de todas as outras, e Baumgartner estava transbordando de planos, ousados planos que iam bem além das atividades costumeiras de fazer uma limpeza nos dentes ou comprar um par de sapatos. Quatro dias haviam se passado desde que escrevera a última frase do livro. Imediatamente depois, imprimiu uma cópia das duzentas e sessenta e uma páginas do manuscrito e guardou numa gaveta da escrivaninha, dizendo a si mesmo que não a visse de novo por um mês ou seis semanas, isto é, até meados ou o fim de novembro. Então, dois dias mais tarde (17 de outubro de 2019), apenas dois dias atrás, algo inesperado aconteceu e, com base nisso, um entusiasmado e mais uma vez inspirado Baumgartner arregaçou as mangas e mergulhou na tarefa de vencer o desafio que lhe era imposto.

A surpresa chegou na forma de uma carta enviada de Ann Arbor, Michigan. Carta formal de duas páginas datilografadas com espaço um e enviada diretamente ao endereço da Poe Road num envelope comercial comum por uma pessoa chamada Beatrix Coen. *Caro professor Baumgartner*, começava, seguindo-se um parágrafo de abertura que explicava como tal pessoa tinha seu endereço particular, que lhe havia sido dado pelo amigo comum Tom Nozwitzski, seu conselheiro no programa de graduação em literatura inglesa e comparada na Universidade de Michigan. O velho e querido Tom, de cabelos crespos e barriguinha acentuada, Baumgartner disse com seus botões, o companheiro falastrão dos dias da New School no final da década de 1970 e começo da de 1980. Um pouco mais jovem e meio apaixonado por Anna, um paquerador incansável e inofensivo, mas sempre afiado, com ele se podia ter uma conversa intensa e revigorante, um homem dedicado à poesia norte-americana — coisas contemporâneas, os renegados e

marginais do grupo Black Mountain, a New York School e todo o resto —, que foi para Ann Arbor mais ou menos na mesma época em que Baumgartner e Anna se mudaram para Princeton. Autor da mais longa, profunda e entusiástica resenha do livro de Anna. Tom Nozwitzski, que vez por outra ainda mantinha contato e nunca deixava de telefonar para Baumgartner quando ia a Nova York. E que lhe enviara um e-mail na semana anterior atestando quem era a srta. Coen e lhe avisando que a carta dela chegaria em breve; Baumgartner, porém, não havia lido a mensagem em meio ao monte delas na caixa de entrada, inúmeras comunicações não lidas e esquecidas que empurrara para os limites sombrios da consciência ao avançar pelo último capítulo do livro. Por isso leu a carta da srta. Coen antes de ler o que Tom tinha a dizer sobre ela (uma moça brilhante... minha melhor aluna em anos... uma bela pensadora e escritora que adora os poemas de Anna e — não acha isso estranho? — às vezes me faz pensar na própria Anna...), mas a verdade é que a carta era suficientemente forte para servir como seu próprio endosso. E, ao ler a última frase, soube que precisava responder de imediato.

Ela esperava basear sua tese na obra de Anna, mas, como o trabalho teria a ver somente com um livro de cento e doze páginas, duvidava que a comissão aceitaria a proposta. Isso explicava por que escrevia a Baumgartner: para descobrir se havia mais poemas além dos oitenta e oito publicados em *Léxico*. Mais poemas para começar, mas também qualquer material em prosa seria útil: cartas, algum tipo de diário, cadernos de anotações, revisões ou qualquer coisa inédita que a levasse a um entendimento mais completo da *genialidade desconcertante de Anna Blume*. Baumgartner sorriu ao ler essas palavras. Depois deu um tapa na mesa da cozinha e deixou a carta por alguns instantes a fim de exultar. Aquela moça era séria, ele disse a si mesmo, e estava fazendo todas as perguntas certas. Caso de fato existissem manuscritos não publicados, ela continuava, desejava saber se ele tinha mandado o material para algum arquivo ou (como Tom Nozwitzski suspeitava) guardava ainda os papéis em sua casa na Poe Road. Caso lá estivessem, perguntava se permitiria que ela fizesse uma visita e permanecesse o tempo necessário para examinar tudo que ele possuía — presumindo que tal coisa pudesse ser feita numa única visita. Obviamente, ela cuidaria de suas acomodações e seguiria quaisquer regras que lhe fossem impostas: por exemplo, tantas horas por dia e a que horas ele estaria disposto a responder a suas perguntas, de modo a não

interferir em seu trabalho ou se transformar num incômodo.

Houve muitas cartas desde que o livro de Anna foi publicado, mas nenhuma como aquela, que não consistia no pedido de uma antologia, numa pergunta sobre tradução ou na manifestação emocional de uma fã que não passava de uma solitária aluna do ensino médio em Massachusetts ou Nebraska, e sim na promessa de um compromisso de vários anos por parte de uma jovem e talentosa intelectual interessada em escrever o primeiro estudo de grande fôlego sobre a mente blumiana em todas as suas encarnações. Baumgartner ficou extremamente tocado por aquilo. Era mais que felicidade, ele se deu conta, mais que uma justa causa para comemorar: um sentimento de destino realizado, como se, de algum modo, sem jamais sabê-lo conscientemente, ele estivesse esperando por tal carta desde que a Redwing publicou o livro de Anna nove anos antes. Talvez não esperando ativamente, porém com a esperança de que havia alguém lá fora, no vasto mistério dos outros seres humanos, que se importaria suficientemente com o que Anna dera ao mundo para sentar-se e escrever uma carta para ele. Agora a carta chegara, e Baumgartner não apenas compreendeu que sua existência vazia e sem Judith do último ano em breve terminaria, mas que quase tudo mais em sua vida estava prestes a mudar também.

Não era preciso dizer que havia grandes volumes de material não publicado para Beatrix Coen estudar, nem que Baumgartner tinha a mais absoluta intenção de convidá-la para sua casa e permitir que *zanzasse* em sua presença pelo tempo que quisesse ou precisasse. Ao mesmo tempo, começou a se preocupar com o fato de que a estudante de pós-graduação de vinte e sete anos não seria capaz de arcar com o custo das pousadas, hotéis e *bed and breakfasts* sofisticados em Princeton e redondezas. E, quando considerou a alternativa dos horríveis hotéis nas barulhentas e movimentadas estradas da região, concluiu que seria melhor para o bolso dela e para a tranquilidade mental dele que a moça acampasse ali. No entanto, não na casa, porque só tinha três quartos no segundo andar: um servia como seu quarto de dormir, o outro tinha sido transformado em escritório e o terceiro era um pequeno quarto de hóspedes contíguo ao seu, gerando uma proximidade que causaria muito embaraço e mal-estar para a visitante, sem falar para ele mesmo: dois estranhos dividindo um único banheiro e forçados a se deitar todas as noites a um metro e oitenta um do outro, separados por fina parede. Se Baumgartner

rolasse de costas em algum momento durante a noite, inevitavelmente iria roncar, e quem sabe se a jovem srta. Coen também não roncava? Por outro lado, havia um apartamento sobre a garagem para dois carros, um pequeno e simpático espaço capaz de abrigar duas pessoas, com uma cama, uma cômoda, um armário, uma pequena cozinha, um banheiro com chuveiro e um enorme aquecedor elétrico. Ele e Anna costumavam alugá-lo para alunos de pós-graduação nos primeiros cinco ou seis anos em que moraram lá e, quando não mais precisavam do dinheiro extra, o deixaram disponível para visitas mais longas ou de fim de semana dos amigos de Nova York. Desde a morte de Anna, Baumgartner havia mais ou menos esquecido do apartamento e, não fosse pela conscienciosa sra. Flores, que insistia em fazer todos os anos faxinas rigorosas de primavera e outono, o sôtão outrora atraente teria se transformado num império de morcegos, aranhas e poeira. A rigor, algumas semanas de cuidados e reparos seriam suficientes para pô-lo de novo em boa forma. E, em 17 de outubro, cerca de seis horas após terminar de ler a carta de Beatrix Coen, Baumgartner contratou o sr. Flores e sua equipe para fazerem o trabalho. A ser seguido por um segundo trabalho dentro da casa, depois de findo o primeiro: dismantelar a velha escada que levava ao porão e construir outra do zero. Finalmente.

Naquele mesmo dia, telefonou para Tom Nozowszki em Ann Arbor. Vencidos os obrigatórios cumprimentos e cortesias, Baumgartner disse: Me conte alguma coisa mais sobre Beatrix Coen. Entendo de sua mensagem que ela é excepcionalmente bem-dotada e promissora, mas estou pensando em convidá-la para ficar aqui no que pode se tornar uma longa visita. Preciso saber se ela é uma pessoa estável e bem-comportada, que não vai causar um desastre e trazer sofrimento para minha casa. Há uma tonelada de material que estou disposto a compartilhar com ela, mas, se for doidinha, especialmente difícil ou demasiado tímida, falastrona, exigente ou sei lá o quê, altero meus planos e arranjo outra maneira de lidar com ela. Presumindo que eu queira mesmo lidar com ela.

Tom riu. Não se preocupe, Sy. É uma moça estável. Inteligentíssima, boa companhia, serena. *Um de nós*, como o Conrad costumava dizer. Eu a conheço há três anos e sempre demonstrou ser equilibrada, séria e trabalhadora, mas também engraçada quando está com vontade, brincalhona como Anna podia ser quando dava a louca, motivo pelo qual às vezes penso

nela se Bebe está por perto.

Bebe?

É assim que todo mundo a chama. E, creia em mim, ela não é uma norteamericana típica. Metade judia, um quarto de brancos anglo-saxões protestantes e um quarto negra. A avó materna foi uma das primeiras médicas negras na Filadélfia. Do outro lado, a avó paterna foi a primeira judia a trabalhar no departamento de física da Columbia. Que tal em matéria de pedigree, hein? Grandes cérebros dos dois lados, mas Bebe gosta de se referir a si própria como uma vira-lata ou, como certo dia me falou, *um alguém fantasiado de todo mundo*. O que mais? A mãe é historiadora da arte e o pai, bioquímico, ambos professores na Universidade de Chicago, e uns irmãos circulando pelos Estados Unidos ou pela Europa ou pelos dois lugares. Além disso, só para tranquilizá-lo, ela leu a maioria dos seus livros ou talvez todos, e acha que você é o que há de melhor desde a invenção do cereal Wheaties.

Aquele do anúncio do café da manhã dos campeões?

Essa era a implicação, embora ela não tivesse dito com todas as letras.

Após a conversa com Tom, Baumgartner enviou a resposta a Ann Arbor, a partir da qual começaram a planejar a visita de Beatrix Coen e os muitos dias, semanas ou mesmo meses que ela levaria para estudar as mil e duzentas páginas dos manuscritos inéditos e cartas de Anna. O homem idoso estava imensamente grato à mulher jovem por seu apaixonado interesse pela obra de Anna, e a mulher jovem estava imensamente grata ao homem idoso pela generosidade em apoiar seus esforços e por se dar ao incrível trabalho e ridícula despesa de reformar o apartamento de hóspedes acima da garagem para que o usasse. E tão profunda era a gratidão mútua que, no fluxo inicial de mensagens, cartas e cartões-postais trocados entre eles, alguém podia imaginar que fossem membros da corte de Luís XIV em Versalhes no século XVIII, e não um par de plebeus no século XXI que habitavam as ásperas terras em desintegração do Novo Mundo, pois, naquele intercâmbio por escrito, o grau de *cortesia* era desconhecido no lugar e no tempo em que viviam. No entanto, pouco a pouco as manifestações grandiosas foram moduladas numa linguagem mais chã, uma fala mais direta, e os dois se estabilizaram no que parecia caminhar rumo a uma sólida amizade. Baumgartner estava excitado.

Como ela tinha obrigações acadêmicas até o fim do semestre e planejava visitar os pais no Natal, combinaram que iria para Nova Jersey nos primeiros

dias no novo ano, um período de dois meses e meio que daria a Baumgartner tempo de finalizar os reparos na casa, começar a voltar a se familiarizar com os manuscritos de Anna e depois, durante cerca de um mês, ler o manuscrito de *Mistérios do volante*, fazendo as revisões eventualmente necessárias e mandando a obra para sua agente, Maddy Lifton, que então a enviaria por e-mail para os editores norte-americanos, Heller Books, a empresa que Anna ajudara a fundar em 1972 e que vinha publicando seus livros por quase quarenta anos.

Agora que a visita estava acertada, agora que o sr. Flores e sua equipe haviam iniciado os trabalhos no apartamento da garagem, Baumgartner decidiu que alguma coisa devia ser feita também no quintal, onde os canteiros nus tinham se transformado em tristes depósitos de ervas daninhas e arbustos decrépitos depois de onze anos de abandono. Ao longo de todo esse tempo, ele nada fizera senão contratar uma sucessão de estudantes de ensino médio para cortar a grama durante a primavera e o verão com a antiga e crescentemente enferrujada máquina manual que ele e Anna haviam herdado dos proprietários anteriores da casa. Todavia, com Bebe Coen prestes a se tornar uma residente temporária da Poe Road, seu futuro anfitrião caiu sob o feitiço de um intenso anseio pela horticultura. No passado remoto, quando Anna era responsável por dirigir a casa, o quintal exibia flores e arbustos, nada complexo ou exigente demais, mas uma pequena área bem agradável, com uma variedade de cores brilhantes, formatos contrastantes e numerosos tons de verde. Como agora, meados de outubro, era a melhor hora para plantar arbustos e bulbos, Baumgartner tencionava partir para o ataque e arrancar todos os caules murchos e plantas mortas, refazendo o jardim arruinado antes que o solo congelasse com a chegada do inverno.

O que traz Ed Papadopoulos de volta à história após uma ausência de vários capítulos, o leitor de registros e ex-jogador de beisebol que se revelou tão bondoso com Baumgartner no dia em que ele caiu escada abaixo, o fortão piedoso e de bom coração que voltou a casa depois do trabalho como tinha prometido, armado com uma sacola grande de gelo para seu joelho e um suprimento de lâmpadas para o porão, terminando por preparar um jantar para o dono da casa e limpar a cozinha no final. No ano e meio que se seguiu, os dois tinham ficado amigos, e na primavera Baumgartner tinha comparecido no casamento dele com uma exuberante loira, agente de

viagens, chamada Mitzi. Desde então, ele tinha convidado os recém-casados para jantar nos melhores restaurantes de comida chinesa, mexicana e italiana da região, apoiando a decisão de Ed de largar a companhia de eletricidade e trabalhar para a empresa de jardinagem do seu pai, apesar de os dois terem um relacionamento algo conturbado. Porém, àquela altura, se tornara claro para Baumgartner que Ed, gentil e altamente sensível, era dotado de um sentimento instintivo com relação a todas as coisas vivas e que passar seus dias trabalhando em jardins, cuidando de plantas, flores e árvores, seria uma forma compensadora de ganhar a vida, com a satisfação resultante mais que compensando um ocasional entrevero com o pai ranzinza e agressivo. Ed assim estava por quase um ano e, com Baumgartner de repente necessitando de sua ajuda profissional, ele e dois jovens aprendizes passaram a ir lá todas as manhãs, a fim de restaurar o quintal e dar ao jardim o brilho de outrora. Esta agora era a rotina: o sr. Flores e seus homens entrando e saindo da garagem o dia todo, enquanto Ed e seus homens labutavam no quintal, e, como os locais de trabalho eram bem próximos, os dois grupos com frequência se misturavam ao circular por seus territórios superpostos: um composto de três homens que falavam espanhol entre si, o outro de três homens que conversavam em inglês. Nenhum conjunto dos trabalhadores era capaz de se comunicar com o outro, mas lá estava Ed Papadopoulos, o ex-lançador da segunda liga, que tratou de aprender espanhol para se relacionar com os companheiros latino-americanos. Eram rapazes desnorteados, vindos da República Dominicana, México, Panamá e Venezuela, trazidos à Gringolândia sem saber uma palavra de inglês. E, quando Ed falava com Angel Flores e seus dois subordinados na língua materna deles, pela primeira vez em todos os anos que o conhecera, Baumgartner viu o introspectivo e frequentemente casmurro sr. Flores sorrir e até gargalhar. Ele entendia o suficiente de espanhol para saber que o jardineiro e o carpinteiro, nascido e criado na República Dominicana, falavam quase sempre sobre beisebol. E como era notável, pensava Baumgartner, o grandalhão e desajeitado Ed, um dos homens menos notáveis do mundo, ter o dom de espalhar alegria aonde quer que fosse.

Enquanto isso, Baumgartner reunira todos os papéis de Anna e os examinava de novo pela primeira vez em anos. Depois de escolher os poemas que deveriam ser incluídos em *Léxico*, ele havia parado de pensar nos

rejeitados, convencido de que não estavam à altura dos outros e provavelmente não deveriam ser publicados. Mas... e se estivesse errado, se os padrões que se impusera tivessem sido severos demais ou concebidos de forma estreita? Tinha desejado que o livro de Anna causasse impacto e, por isso, se limitara aos poemas que considerava obras-primas, os melhores oitenta e oito dos duzentos e dezesseis que encontrara. E o livro de fato tivera impacto e continuava a ter entre o número crescente de novos leitores. Porém nem os maiores poetas são capazes de só compor obras-primas e talvez ele tivesse feito um desserviço a Anna ao adotar abordagem tão rígida. Agora, ao se curvar sobre os cento e vinte e oito poemas descartados, que correspondiam a quase duzentas e cinquenta páginas de trabalhos invisíveis e desconhecidos, ele os lia através dos olhos de Beatrix Coen, imaginando como ela iria reagir a essas coisas menos que perfeitas mas frequentemente magníficas. Vivia assim a experiência vicária de se pôr na pele dela e sentir sua excitação ao descobrir o que sem dúvida lhe parecerá um imenso tesouro de esplendor turbulento e incandescente. Ele era um tremendo idiota, Baumgartner disse a si mesmo: em que diabos estava pensando ao não publicar uma segunda coletânea depois de *Léxico*? Uns setenta ou oitenta daqueles poemas deviam ser oferecidos de imediato ao mundo, senão todos os cento e vinte e oito. E, em algum momento nos anos seguintes, os dois livros deveriam ser combinados e reconfigurados num único volume — um monumento de páginas cantantes que quebraria o silêncio no túmulo de Anna.

Contudo, havia mais, muito mais. Não apenas as anotações autobiográficas de Anna, mas as traduções de oitenta e sete poemas franceses, espanhóis e portugueses que nunca chegaram a aparecer em letra de imprensa, bem como três montanhas de manuscritos a lápis, a caneta ou datilografados de quase todos os poemas, manuscritos de versões alternativas, a maioria em folhas de vinte e dois centímetros por vinte e oito, mas também em páginas soltas arrancadas de cadernos, livros em branco e blocos pautados de várias dimensões, aqueles norte-americanos e ingleses de linhas horizontais ou os quadriculados *cahiers* e *cuadernos* da França e da Espanha. Ademais, havia poemas ou partes de poemas garatujados no verso de envelopes, em contas de eletricidade, em listas de compras, na fatura de um consertador de telhados e uma nota de agradecimento eloquente e profundamente sentida do editor

que publicou sua tradução da coletânea de Lorca *Um poeta em Nova York*. Mais ainda: manuscritos de uma dezena de resenhas de livros e exemplares das revistas semanais ou mensais em que apareceram; cinco contos inéditos e duzentas e trinta e seis páginas dos dois romances abandonados de Anna — todos eles recursos cruciais para a tese de Beatrix Coen (caso lhe permitissem escrevê-la), mas provavelmente não merecedores de publicação, uma vez que foram deixados inacabados e os contos somavam apenas trinta páginas. As traduções podiam ser reunidas num livro, ele assim achava, bem como os catorze textos autobiográficos (cento e setenta e uma páginas), porém Baumgartner decidiu não decidir ainda. E, mais tarde, quando voltasse a pensar no assunto, agiria ou não só depois de consultar outras pessoas porque temia ser levado pelo entusiasmo e não desejava tomar uma decisão errada que causasse mais mal que bem a Anna e à sua obra.

Além de avançar com os poemas, a única coisa que o deixava confortável era tentar publicar sua correspondência com Anna de meados de 1969 a meados de 1971, os dois longos e desoladores anos em que estavam isolados nas margens opostas do Atlântico e precisavam se manter em contato através das cartas ou se afastar de vez. Nessa época eram muito jovens — dezenove e vinte e um anos — e nada de sólido havia sido estabelecido entre eles, exceto talvez a esperança de que a pequena coisa que tinham iniciado juntos cresceria com o tempo e quem sabe se tornaria algo monumental, embora nenhum dos dois ousasse expressar tal esperança quando a separação teve início. Antes disso, tinha ocorrido o primeiro e frustrado encontro na loja da Goodwill Mission em setembro, que poderia ter representado o fim da história. Muito provavelmente teria sido, porém oito meses depois eles tiveram uma nova chance, pois, contrariando o que eminentes racionalistas vêm nos dizendo há anos, os deuses são mais felizes e mais autênticos quando jogam dados com o universo. E certa tarde no fim de maio, Baumgartner por acaso se sentou numa mesa junto da ocupada por Anna na Hungarian Pastry Shop da Amsterdam Avenue, não porque a reconhecesse (seu rosto estava obscurecido pelo livro que lia), mas porque era o único lugar vago quando entrou. Anna descreveu esse segundo encontro em outro de seus relatos autobiográficos, “Primeiros tempos”:

Tão logo se acomodou na cadeira, o jovem homem olhou para mim e perguntou: “Conheço você de algum lugar, não?”.

“Conhecer pode ser um exagero”, respondi, “mas já nos vimos faz muitos meses numa loja de artigos de segunda mão a uns dez quarteirões daqui. Se me lembro bem, você estava enfiado até os joelhos no meio de um monte de painéis.”

“É isso aí!”, ele disse. “Aquele loja de quinquilharias velhas na esquina da Amsterdam e da rua 98! Trocamos um sorriso, não foi?”

Imediatamente depois que pronunciou a palavra “sorriso”, seu rosto formou outro ainda maior que aquele que me dera no outono e, quando reagi com um sorriso ainda maior, senti que alguma coisa estranha havia acabado de acontecer. Não os sorrisos, ao menos não em si mesmos, mas o fato estranho é que ambos devêssemos recordar um pequeno e fugidio momento ocorrido muitos meses antes, e o fato duplamente estranho de que, como consequência de nossa recordação compartilhada daquele instante, os dois estivéssemos agindo como se aquilo houvesse criado uma conexão entre nós, quando na verdade ainda nada sabíamos um sobre o outro. Um sorrisinho no outono, uma segunda oportunidade de encontro na primavera, e agora um grande sorriso — isso era tudo que havia acontecido conosco até então — e, não obstante, era como se já nos conhecêssemos havia algum tempo e talvez assim fosse, porque era óbvio que um havia continuado a pensar no outro de vez em quando ao longo de todos aqueles meses. E, agora que o destino nos unira pela segunda vez, senti que estávamos igualmente decididos a não bobear de novo deixando a chance escapar.

O tempo era curto, mas de junho até meados de agosto eles acumularam um número suficiente de encontros, jantares, longas caminhadas, sessões de cinema, concertos, visitas a museus e noites de fazer tremer os ossos na cama, para que Baumgartner concluísse que Anna era diferente de todas as moças que tinha conhecido até então e lamentasse estar prestes a partir para um ano de cursos de filosofia no Collège de France em Paris, apesar do quanto ansiara por aquilo anteriormente. Todavia, Anna não compartilhava de suas certezas e tinha dúvidas até mesmo da intensidade da atração que sentia por ele. Isso porque Baumgartner já estava se preparando para deixar Nova York no minuto em que começaram a conversar na confeitaria naquela primeira tarde e certamente a esqueceria por completo na hora que entrasse no avião. Metade dela estava apaixonada por ele, embora a outra metade soubesse que

não estava preparada para um amor total e cataclísmico, sobretudo porque ainda sofria os abalos secundários do corpo de Frankie Boyle eternamente explodindo e do caixão quase vazio que continha seus restos mortais. Baumgartner a adorava demais para forçá-la a fazer declarações que não estivesse pronta para fazer. E, na despedida do último dia, se conteve para não fazer declarações grandiloquentes. Àquela altura, ele não estava mais preparado que Anna para dar o Grande Passo, porém secretamente estava mais confiante que ela a respeito do longo prazo, uma vez que já sabia que não teria uma vida futura a menos que pudesse dividi-la com Anna. Ela, contudo, não tinha igual fé e, na última hora que passaram juntos, chegou mesmo a insultá-lo. Você é mesmo um escrotinho, Sy, ela disse. Parte para o ataque com um pé já na porta e, depois de se divertir, dá um “adeuzinho, querida, vou ver você nos meus sonhos”.

Mais que isso, disse Baumgartner, também vou lhe escrever todos os dias. E é melhor que responda, senão...

Senão o quê?

Vou pôr você para fora dos meus sonhos aos pontapés.

Escreva e eu vou responder. Mas você não vai escrever nunca, por isso não preciso mesmo me preocupar.

Não tenha tanta certeza, senhorita Sabichona. Se eu fosse você, começaria a me preocupar agora mesmo.

Ele não escreveu todos os dias, mas, quando Anna foi a Paris para uma curta visita em junho de 1970, os dois haviam trocado mais de cem cartas de cada lado, nenhuma das quais uma carta de amor no sentido clássico da expressão, embora vez por outra se referissem às horas que tinham passado juntos na cama durante o verão anterior e como desejavam queimar os lençóis de novo. Isso de fato aconteceu ao longo da reunião elétrica de duas semanas que tiveram em Paris; depois, Anna seguiu para um programa de verão em Madri e, ao voltar a Paris em agosto para um ano na Sorbonne, Baumgartner fazia as malas e se preparava para retornar a Nova York. Má sorte, timing errado, mas de qualquer modo uma série bizarra de oportunidades perdidas. E com Anna regressando a Madri para um segundo verão em 1971, outro ano inteiro transcorreu com um oceano os separando. Nada a fazer senão continuar a escrever cartas, entre cento e vinte e cento e quarenta por parte de cada um no período final de doze meses. Algumas

eram divertidas (relatos de acontecimentos curiosos da vida cotidiana), outras cáusticas e até amargas (arengas políticas contra Nixon, Kissinger e a guerra em curso), porém a maioria um registro elaborado de duas mentes jovens em processo de transição. As da meticulosa e extrovertida Anna contendo com frequência comentários surpreendentes sobre poetas mortos e vivos que estava lendo quando começou a encontrar a linguagem demótica e despojada de seu estilo inicial. Por seu lado, Baumgartner, após muitas lutas, por fim chegava às primeiras articulações claras de suas ideias acerca da consciência como parte integrante do corpo e da duplicidade do ser, as quais continuariam a persegui-lo pelos cinquenta anos seguintes. E, à medida que a intimidade entre eles crescia, junto com a confiança mútua, cartas inteiras eram dedicadas às dúvidas e aos temores mais profundos sobre si próprios, que nenhum dos dois antes compartilhara com alguém. Todavia, por mais que tivessem passado a depender um do outro, por mais que sem dúvida se amassem, aquelas não eram cartas de amor, e sim uma correspondência entre camaradas intelectuais e espirituais, almas irmãs que sabiamente tinham feito um pacto no início da separação a fim de ignorar as absurdas exigências que um voto de celibato lhes teria imposto. De maneira que um Baumgartner sem culpa teve numerosos casos inconsequentes em Paris e Nova York enquanto Anna se encontrava em Nova York e Paris, esperando que ela fizesse o mesmo nas cidades onde residira durante o tempo que estiveram afastados. O curioso é que ele nunca chegou a lhe perguntar se teve ou não, uma vez que acreditava firmemente que o que ela fazia com seu corpo era assunto só dela e consequentemente nada que lhe dissesse respeito; e Anna, que também sabia que as coisas dele não lhe diziam respeito, nunca se deu ao trabalho de lhe perguntar.

No dia 2 de novembro, quadragésimo sétimo aniversário do encontro de Anna com a morte na Claremont Avenue, as duas equipes de trabalhadores tinham terminado seus serviços e partido, Flores e Papadopoulos plenamente remunerados. Baumgartner refletiu sobre o longo ensaio autobiográfico acerca de Anna que planejava escrever como introdução ao livro das cartas, porém entendeu que estava pensando no novo projeto como forma de evitar ser arrastado de volta ao *Mistérios do volante*. Devia começar a ler agora para decidir se necessitava de mais trabalho, porque, se esse fosse o caso, teria de andar depressa e finalizar as revisões antes que Beatrix Coen chegasse em 5

de janeiro. Não porque houvesse algum prazo fatal ou porque não pudesse continuar a mexer no texto por mais um ano se quisesse, mas porque estava *decidido a remover todos os empecilhos* antes que ela desembarcasse em Princeton, de maneira a se colocar inteiramente a seu dispor no curso da visita, que seria toda sobre Anna e sua obra e nada mais que Anna e sua obra. Para saborear a experiência tão completamente quanto desejava, Baumgartner não podia estar empacado ao mesmo tempo em seu próprio trabalho.

Por sorte, o livro não era a droga absoluta que ele temia. Na verdade, não era nada mau e podia até ser considerado bom por almas generosas. Mas, se você decidiu fazer um trabalho que beira o ridículo e todas as frases estão carregadas de ironias autodepreciativas e de duplo sentido, é melhor tratar de não derrapar e perder o tom em nenhum momento do texto, porque um passo em falso iria sabotar as intenções mortalmente sérias que se escondem sob as piadas e faria com que a coisa toda desabasse num precipício de linguagem sem nexo. Tanto quanto Baumgartner podia dizer, ele só tinha derrapado em três ou quatro lugares, cada um facilmente solucionado mediante a remoção da passagem. Por isso, Baumgartner ficou mais ou menos aliviado, mais ou menos não tão desgostoso consigo mesmo, muito embora o livro fosse doidão pra caralho a ponto de não poder mais compreender como conseguira escrevê-lo.

Ele se recordava vagamente da Introdução à Filosofia, um curso que frequentou como aluno do primeiro ano na Oberlin, em que leu alguma coisa escrita por Aristóteles ou referente a ele, que comparava o corpo a um barco e a alma ao seu capitão, coisa que o divertiu muito na época, pois achou impossível não ver o capitão-alma sem corpo na figura de um capitão de carne e osso atrás do timão de seu barco humano e o guiando nas águas traiçoeiras dos mares da China. Obviamente não fazia sentido que uma coisa sem substância (a alma) fosse dotada de substância (o corpo) e ainda assim ser chamada de alma. No entanto, se o ser aristotélico era uma combinação de matéria e não matéria, isto é, um corpo visível dirigido por uma alma invisível, como seria interessante estender tal metáfora e pôr a combinação de capitão-alma e barco-corpo de um ser humano verdadeiro atrás do volante de uma forma motorizada de transporte, por exemplo um carro do século xx, quando então o capitão-alma no comando do barco-corpo ainda estaria

operando como pura alma insubstancial guiando um puro carro físico em seu trajeto no espaço. Mas, como os seres humanos não são nem puras almas nem puros corpos, e sim uma combinação dos dois, o motorista do carro seria necessariamente uma alma dotada de um corpo, algo que nenhum dualista de carteirinha aprovaria mesmo se tal fato fosse repetido milhões de vezes por dia em milhões de estradas em todas as partes do mundo. Baumgartner tinha acabado de fazer dezessete anos e se deliciava em inventar disparates desse tipo, uma vez que seu principal objetivo na vida como primeiranista espertinho consistia em questionar as coisas que lia e ridicularizá-las tanto quanto podia. No entanto, seu pai caiu duro três meses mais tarde e, ao retornar de Newark, Baumgartner parou de jogar dardos em Aristóteles e cuidou de outras coisas.

Não obstante, ele tinha carregado aquelas estranhas imagens na cabeça ao longo dos anos, milhões e mais milhões de almas-corpos dirigindo seus carros por imensas estradas e rodovias interconectadas. Cada pessoa atrás de um volante, uma mônada de tamanho humano aprisionada dentro de uma carapaça de metal num carro semelhante a um inseto, cada homem ou mulher da numerosa turba a sós no meio do tráfego em constante movimento e com frequência perigoso. E o corpo atrás do volante, que é também uma mente, ou uma alma, ou uma inteligência, é responsável por tomar grandes e pequenas decisões a fim de pilotar o carro com segurança até seu destino. Evitar tomar a direção errada, driblar buracos e objetos espalhados pela estrada, e nunca, em caso algum, assumir um risco impulsivo que poderia levar à colisão com outro carro. Afinal de contas, as batidas podem ser fatais e, uma vez morto, você continua assim pelo resto dos tempos.

Baumgartner acreditava que foi assim que o livro começou a nascer, a partir de uma visão corrosiva da vida humana como um vale-tudo de carros descontrolados percorrendo velozmente as autoestradas da solidão e da morte em potencial. Mas, só quando passou a pensar sobre a palavra “automóvel” é que suas ideias se cristalizaram no que viria a ser o livro *Mistérios do volante*. Automóvel: um composto híbrido do grego antigo (*autos*), do latim (*mobilis*) e do francês do século XIX (*mobile*), que significa *semovente* e é o termo formal para designar aquilo a que geralmente nos referimos como *carro*. Ao mesmo tempo, também é possível pensar nos seres humanos como criaturas semoventes e, juntando esses dois pensamentos desconectados e criando uma

noção excêntrica e flagrantemente absurda, Baumgartner havia encontrado a máquina metafórica capaz de impulsionar seu livro. O carro como pessoa, a pessoa como carro, ambos intercambiáveis ao longo de um discurso sinuoso e pseudofilosófico no estilo de Swift, Kierkegaard e outros intelectuais brincalhões que puseram o mundo de cabeça para baixo e tentaram reimaginá-lo como se estivesse na posição correta. O piadista Baumgartner. Tristemente, aqueles não eram tempos propícios para a sátira, e caberia ver se alguém ia achar graça.

O livro estava dividido em quatro seções, cada uma com sessenta a setenta páginas: “Introdução à mecânica automobilística”, “Pane no motor”, “Dérbi de demolição” e “O mito do carro de direção autônoma”. Cada um tratava simultaneamente da vida humana individual e coletiva e do papel que os carros podem desempenhar nessa vida. Cada capítulo começava com um ensaio seco e fingidamente sério sobre o assunto em pauta, seguindo-se histórias, quinze ou vinte narrativas curtas que iam de ficções inventadas a relatórios de eventos reais, fábulas, parábolas e enigmas filosóficos. Por exemplo, em “Introdução à mecânica automobilística” se referia tanto ao eu humano (auto) quanto ao aprendizado de como dirigir e respeitar as regras de trânsito, tendo Baumgartner conseguido mesclar de alguma maneira a luta de alguém para se tornar uma pessoa moralmente correta e o esforço para se tornar um bom motorista. “Pane no motor” tinha a ver com o corpo humano em vários estágios de crise (doenças, ossos fraturados, epidemias), bem como com as dificuldades mecânicas que todos os carros apresentam em determinado momento (pneus furados, velas de ignição defeituosas, carburadores estragados). “Dérbi de demolição” relatava o que acontece a uma sociedade quando os motoristas deixam de cumprir as regras de trânsito e afirmam seu *direito constitucional concedido por Deus* de exercer a liberdade pessoal desrespeitando sinalizações e sinais vermelhos, atropelando pedestres que estão no caminho. Nenhuma palavra sobre os milhões que se escondem sob o slogan de Trump “Make America Great Again” ou a ameaça que nos espreita da Casa Branca, mas as intenções de Baumgartner eram bem claras e careciam de comentários adicionais. Vinham depois outros exemplos de locais imaginários que se assemelhavam a Belfast, Sarajevo e Ruanda, embora nunca identificados como tal. Para encerrar, “O mito do carro de condução autônoma” tratava de um futuro em que amplos

segmentos da população tinham renunciado voluntariamente à sua autonomia como indivíduos com liberdade de pensamento e depositavam sua fé num poder superior (números), uma força pitagórica sem corpo que necessariamente escapava à compreensão humana e só era inteligível pelas máquinas movidas a números que aos poucos haviam assumido o controle da indústria automobilística. Baumgartner terminava o livro contando o espetacular choque no Texas em que quatro carros de condução autônoma, ocupados por donos que dormiam, convergiram numa encruzilhada a cento e quarenta quilômetros por hora e explodiram, pegando fogo e matando todos os quatro ocupantes, que tinham se esquecido de programar os carros antes de marcar um encontro com a morte. Nas últimas frases, Baumgartner anunciava que o relatório oficial da polícia, a ser divulgado em breve, identificaria a causa da catástrofe como *erro humano*.

Enviou o manuscrito para Maddy Lifton em 25 de novembro, a segunda-feira antes do Dia de Ação de Graças. Descrevendo o livro como *mingau de baboseira*, a alertou para o fato de que Morris Heller e seu filho Miles provavelmente o rejeitariam como impublicável. No entanto, por incrível que pareça, eles não rejeitaram e, em meados de dezembro, os empecilhos tinham sido removidos e Baumgartner pôde finalmente fixar seus pensamentos por inteiro em Bebe Coen.

Uma absoluta estranha para ele apenas dois meses antes, ela agora se transformara na pessoa mais importante em sua vida. Ainda não haviam se encontrado, só se visto em fotografias e telas digitais, porém a verdade é que Baumgartner já amava Beatrix Coen como a filha que ele e Anna teriam feito juntos caso isso houvesse sido possível. Tom Nozwitzki não se enganara. De inúmeras maneiras, pequenas mas indeléveis, Bebe se parecia com Anna. Talvez não traço por traço, mas em espírito, no tipo de corpo, na energia que irradiava na presença de outros. Bebe era quem havia acolhido a obra de Anna com mais intensidade que qualquer outra pessoa. Somente por esse motivo merecia um lugar de honra em seu Hall das Amadas. Contudo, tendo se correspondido com ela quase diariamente desde meados de outubro, tendo conversado pelo telefone ou pela internet, ele havia testemunhado sua mente em operação e visto também como era brilhante. No entanto, ainda mais que isso, ele simplesmente gostava dela e não podia esperar que aparecesse em 5 de janeiro, dentro de vinte e um dias. Três semanas intermináveis, três curtas

semanas, não sabia mais como definir, mas em breve não haveria semanas e Baumgartner se encontrava num estado de tremenda excitação, como um impaciente menininho contando os dias que faltavam para o início das férias de verão.

Mas havia um problema. Bebe planejava dirigir de Ann Arbor a Princeton e, por cinquenta e sete diferentes razões, Baumgartner estava alarmado. Michigan, Ohio e Pensilvânia podem ser lugares pavorosos no início de janeiro, e tendo de cobrir quase mil quilômetros numa viagem que exigiria umas nove horas e meia na estrada, havia uma grande probabilidade de que o lago Erie despejasse uma de suas tempestades de neve ou de gelo ou ainda uma chuva gelada sobre seu pequeno Toyota Camry com dez anos de uso, transformando o trajeto numa longa zona de perigo. Ademais, havia sua insistência em vir sozinha, sem um amigo ou companheiro que pudesse fazer um rodízio com ela ao volante ou ajudá-la numa emergência. Baumgartner sugeriu que repensasse o plano e viajasse de trem, porém Bebe argumentou que precisaria do carro ao chegar a Nova Jersey. Nada disso, respondeu Baumgartner, pois ficaria feliz em emprestar seu carro sempre que ela pedisse, mas Bebe retrucou que jamais pensaria em incomodá-lo dessa forma. A isso ele respondeu: Bobagem! Se não quer pedir meu carro emprestado, alugo um para seu uso durante a visita. Que tal? Fora de questão, ela respondeu. Ele já havia gastado muito dinheiro com ela e não poderia nunca aceitar mais alguma coisa de sua parte. Baumgartner reagiu imediatamente: Esqueça o dinheiro. Tenho condições de gastá-lo. Doze segundos depois chegou a resposta: Não posso me esquecer disso!

Eles se viram diante de uma situação sem saída, um típico “impasse mexicano”. A doce e amigável Beatrix Coen havia se revelado uma pessoa que não podia ser forçada a fazer nada, e pobre de quem ousasse questionar sua autoridade sobre si própria ou ter a presunção de dobrar sua vontade. De tempos em tempos, ao longo dos anos, ele tivera os mesmos tipos de conflito com Anna, que o surpreendia com alguma queixa indignada que escapara à atenção dele e partia para o ataque, fustigando-o raivosamente até ele por fim ceder e lhe conceder a vitória. Não importava se ela estava certa ou errada, uma vez que sempre estava certa mesmo quando errada. E Baumgartner bem cedo entendeu que a capitulação era a única defesa razoável, pois, tendo se rendido, a disputa terminava, era varrida da memória numa questão de

segundos. Seria esse o curso de ação que ele deveria adotar com Bebe Coen — simplesmente ceder e deixar que ela fizesse o que bem entendesse? Sim, o tempo seria adverso nos dias 4 e 5 de janeiro, com péssimas condições de tráfego ao longo de todo o trajeto, mas havia uma probabilidade de que ela seguiria rumo ao leste debaixo de céus amenos desde a partida até chegar à casa dele na noite seguinte. Impossível saber, impossível saber qualquer coisa, mas, acima de tudo, ele não queria insistir demais com ela e arriscar-se a estragar a visita. Baumgartner deu-se conta de que isso o deixaria arrasado porque nada tinha maior importância para ele que os dias, semanas ou meses que passariam juntos em sua casa, onde morava por mais anos que ela tinha de vida. Sendo assim, antes do Natal, Baumgartner recuou, lhe disse para fazer o que quisesse e desejou boa sorte na viagem. Como a astuta srta. Coen já havia entendido que fora adotada por Baumgartner como sua filha imaginária e que ele a via como a segunda vinda da esposa morta, assumiu um tom quase de quem pede desculpa ao reagir àquela mudança de opinião. Porém, como acontecia com Anna nos velhos tempos, a mesma coisa se dava agora com a moça do Michigan: o conflito foi esquecido e a amizade reposta nos trilhos.

Entretanto, Baumgartner continuou a se preocupar em silêncio. Afinal, havia algo mais que as condições meteorológicas, uma vez que acidentes podem igualmente acontecer em estradas secas, molhadas ou cobertas de gelo. E, com quase mil quilômetros a serem percorridos, qualquer uma de dez mil coisas podia ocorrer a ela em qualquer ponto do trajeto. O Natal veio e se foi. No dia 27 ou 28, Baumgartner tinha atingido um tal estado de ansiedade que corria o risco de entrar em pânico total. Tinha pouca dúvida de que o livro *Mistérios do volante* era em parte responsável pela agitação que crescia dentro dele. Porém, o que mais era de se esperar depois de dois anos de obsessiva imersão em tudo que se relacionava com carros, carros como tal mas também carros como representações do ser humano e carros percorrendo vastas redes conectadas de autoestradas interestaduais com milhões de outros carros dirigidos por milhões de pessoas solitárias seguindo velozes noite adentro — em suma, a sociedade norte-americana, a Terra dos Homens Livres correndo desembestada ao longo de faixas de asfalto negro entre bordas de linhas brancas, enquanto números crescentes de pessoas trelouçadas e raivas abandonavam as regras de trânsito a fim de participar

de um perpétuo dérbí de demolição, o principal esporte destruidor da New Age. Essa era a metáfora central do livro de Baumgartner, porém, agora que Bebe Coen estava prestes a cruzar um quinto do continente norte-americano num carro de verdade numa série de estradas de verdade entre Michigan e Nova Jersey, o homem idoso que aguardava sua chegada no dia 5 de janeiro havia sido derrubado por um soco inesperado dado pela sua própria imaginação, sentindo-se incapaz de não amplificar e mesmo distorcer a gravidade dos perigos que ela enfrentaria. Não que estivesse necessariamente errado em imaginar os piores desfechos possíveis, mas os acidentes fatais são estatisticamente raros quando se considera o número total de quilômetros percorridos pelos muitos milhões de carros nas estradas. E, caso Baumgartner estivesse pensando com maior clareza, compreenderia que seu pânico transformara numa certeza a baixíssima possibilidade de que Bebe morresse na autoestrada 80, no centro da Pensilvânia. Contudo, ele não estava pensando com clareza e, por conseguinte, as horas em que passava acordado eram vividas num estado contínuo de pavor.

Sobretudo o livro, talvez, mas não apenas, pois Baumgartner sabia que a morte de Anna também estava misturada com aquilo: o último dia na praia de Cape Cod quando ela correu para a água antes que ele tivesse alguma chance de fazê-la parar. Anna já estava de pé ao anunciar que ia dar *um último mergulho*, enquanto Baumgartner continuava esparramado em cima de uma toalha lendo um livro. No entanto, apesar de lhe dizer que estava ficando tarde e que deviam voltar para casa, ela riu e já partira correndo quando ele conseguiu se pôr de pé, Anna já tão distante que não havia a menor possibilidade de alcançá-la. Não havia tempo suficiente. Porém, com Bebe tinha havido tempo bastante, mais que um mês para convencê-la a deixar o carro em Michigan e pegar o trem. Entretanto, malgrado todos os seus esforços, ele não conseguira demovê-la e agora era tarde demais. Se alguma coisa lhe acontecesse na estrada, Baumgartner sentiu que isso o mataria também. Nunca tivera igual pensamento em toda a vida, mas, a menos que Bebe Coen chegasse sã e salva à sua casa, ele estava convencido de que morreria.

Tiveram uma longa conversa ao telefone no dia 3. Baumgartner fez o possível para ocultar seus temores e manter a voz sob controle, pois Bebe exibia naquela tarde um excelente estado de espírito, tudo pronto para pegar

a estrada pela manhã. E a última coisa que ele desejava era contaminar essa felicidade com suas terríveis premonições. Em vez disso, lhe falou sobre a previsão favorável do tempo para o dia seguinte (uns dois graus acima de zero, parcialmente nublado, dez por cento de possibilidade de precipitação) e perguntou a que horas ela pensava chegar a Pittsburgh, completando a primeira metade do trajeto, onde planejava passar a noite na casa de velhos amigos dos seus pais, um casal de cientistas que trabalhavam na Carnegie Mellon. Difícil dizer com certeza, explicou Bebe, porque ia jantar com um grupo de amigos naquela noite em Ann Arbor e tudo iria depender da duração do encontro. A hora em que fosse dormir determinaria a hora em que ia acordar e, conseqüentemente, quando partiria rumo a Pittsburgh. Embora engajados numa das conversas mais banais imagináveis, quanto mais Baumgartner a ouvia falar, menos ansioso se sentia sobre o amanhã e o depois de amanhã. Isso sem dúvida acontecia porque mesmo as mais simples palavras que saíam de sua boca eram impregnadas de alguma qualidade hipnotizante e transcendental que as fazia soarem tão importantes quanto um soneto de Shakespeare ou o preâmbulo da Declaração dos Direitos do Homem. Anna também possuía aquela qualidade, não somente na voz, e sim em seu poder de transformar os movimentos mais triviais do corpo em atos de sublime autoexpressão e graça, por exemplo a eloquência de seus dedos ao folhear um livro ou as imponentes rotações dos pulsos ao dobrar um guardanapo ou uma toalha — os mais simples e ordinários gestos humanos reluzindo como milagres na forja de uma personalidade incandescente. Baumgartner refletiu que Anna Blume e Beatrix Coen eram os dois suportes de livros de sua vida e, como desejava que Bebe tivesse uma viagem tranquila e sem imprevistos no dia seguinte, guardou para si a única coisa que queria desesperadamente dizer: *Dirija com cuidado, eu lhe suplico*. Fez um esforço supremo para não pronunciar tais palavras, mas foi como se Bebe de toda forma as pudesse ouvir porque, tão logo ele as suprimiu, ela começou a rir e disse: Não se preocupe, Sy, prometo que vou dirigir com cuidado.

Era uma e meia de 3 de janeiro de 2020. Baumgartner acabou de desligar o telefone e a pergunta a ser respondida agora era o que deveria fazer durante o resto do dia, para não falar também dos dois dias seguintes. Não esperava ouvir notícias dela antes que chegasse na casa dos amigos dos pais em Pittsburgh — presumindo que nada acontecesse na primeira parte do

percurso. No entanto, se tudo corresse bem como se esperava, iriam transcorrer umas boas vinte e seis a vinte e oito horas até que ela chegasse lá, e quem sabe se lembraria de contatá-lo ao chegar? Baumgartner não tinha feito planos, estava se sentindo muito aflito para voltar a examinar os papéis de Anna ou trabalhar em qualquer outra coisa. Uma caminhada poderia lhe fazer bem, assim pensou, mas o frio era tremendo e, se quisesse sair de casa e dar uma volta, a única solução confortável consistia em ir de carro. Assim farei, ele disse a si mesmo, vou dirigir até a loja de bebidas, repor o estoque e comprar uma caixa adicional de vinho. Caso não tivesse uma ideia melhor, daria uns telefonemas depois disso e veria se algum dos velhos amigos estava disponível naquela noite para jantar num restaurante.

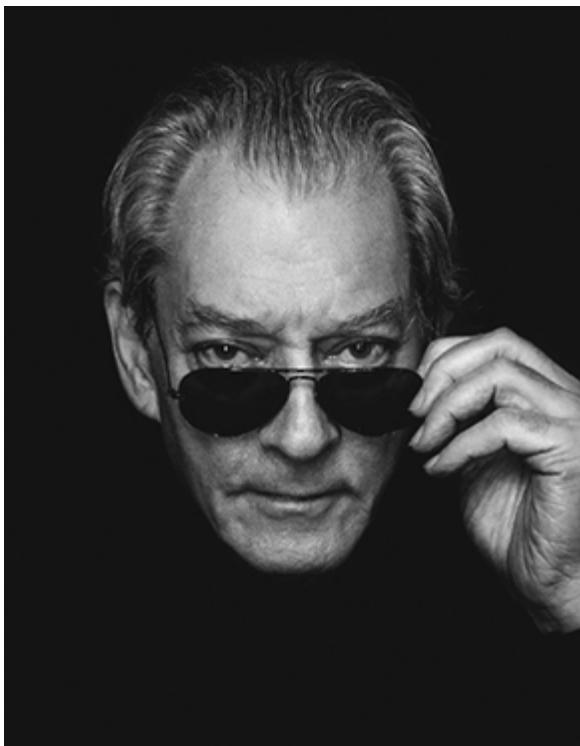
Assim, Baumgartner vestiu as roupas e o blusão mais quentes de inverno, foi até a garagem e se acomodou atrás do volante de seu Subaru Crosstrek, um modelo híbrido fabricado havia quatro anos que usava alternativamente gasolina ou eletricidade gerada por baterias. Ao ligar o motor e se afastar da casa, ele se deu conta de que não tinha o menor interesse em ir à cidade ou aumentar seus estoques de vinhos ou bebidas, além de correr o risco de encontrar algum conhecido de que não gostava e se ver obrigado a trocar insípidas cortesias por dois ou três intermináveis minutos. Por isso, em vez de rumar para o mundo bem conhecido do bairro comercial, Baumgartner tomou a direção oposta, distanciando-se das rodovias movimentadas e anúncios piscantes a caminho do campo aberto, onde havia um número cada vez menor de casas e estradas cada vez mais estreitas. Acreditou que se aproximava da área chamada Pine Barrens, porém não estava muito seguro devido aos muitos anos que haviam se passado desde que ele e Anna saíram numa tarde de domingo a fim de explorar aquele território vazio e misterioso. Não se recordava mais dos detalhes, exceto que haviam parado em algum local para fazer um piquenique e, ao abrir a toalha no solo arenoso e contemplar o rosto bonito e luminoso de Anna, ele fora invadido por um tamanho sentimento de felicidade que as lágrimas brotaram em seus olhos e dissera a si mesmo: Relembre este momento, meu amigo, relembre pelo resto da vida porque nada mais importante lhe acontecerá que o que está acontecendo neste exato instante.

Ele se recordou de lembrar o sentimento e carregá-lo dentro de si por muitos anos, porém os pormenores do lugar onde sentiu aquelas coisas

tinham desaparecido de sua mente, não podendo ter certeza se tinha retornado ao local preciso. Havia quanto tempo entrara no carro e saíra de casa? Quarenta ou cinquenta minutos, calculou, não muito mais que isso, porém a luz tinha começado a mudar uma vez que aquelas eram as semanas que se seguiam ao solstício de inverno e os dias ainda eram curtos, sempre tão curtos. Ao dobrar à direita numa estreita estradinha que cortava uma profusão de pinheiros, viu algo pelo canto do olho esquerdo e, bingo, era um veado saindo aos saltos da margem esquerda. E num átimo, sem um momento de hesitação, Baumgartner instintivamente deu uma guinada para a esquerda e evitou atingir o veado, que já atravessara a estrada e desaparecia entre as árvores do outro lado. Ele parou o carro para se recuperar depois de ter evitado o acidente por tão pouco, maravilhando-se com a rapidez de seus reflexos aos setenta e dois anos, mas, apesar disso, ficou abalado com a natureza repentina do acontecimento, que não teria durado mais de três ou quatro segundos do começo ao fim. Passado algum tempo, ligou o carro de novo e foi adiante, passando em frente de uma casa e, algumas centenas de metros depois, de outra. Contudo, por mais que sentisse que era hora de começar a voltar para casa, ainda não tinha chegado a uma encruzilhada que lhe permitisse virar à esquerda ou à direita e, com isso, iniciar a mudança de rumo em direção ao norte. Desse modo, foi em frente, procurando uma pequena abertura nas margens da estradinha a fim de dar meia-volta e retornar na direção oposta à que viera. Todavia, antes que pudesse enxergar alguma brecha entre os pinheiros, outro veado surgiu saltitando do bosque, dessa vez pela direita. E, como se desse uma guinada para a esquerda Baumgartner colidiria com o animal, ele deu a guinada para a direita e evitou bater no veado, mas saiu da estrada e bateu numa árvore. Vinha dirigindo devagar, a uns quarenta e cinco quilômetros por hora, porém o impacto foi abrupto e violento. Embora estivesse usando o cinto de segurança, foi jogado para a frente e bateu com a testa no volante com força suficiente para cortar a pele e gerar um filete de sangue que desceu para o olho direito. Por alguma razão, o airbag não havia funcionado. Talvez um defeito ou, quem sabe, o choque do carro contra a árvore não fora forte o bastante para acionar o mecanismo.

Baumgartner estava consciente e não sentia dor alguma. Porém ficou chocado com o que acabara de ocorrer e, ao limpar o sangue com o lenço, se

sentiu encantado com o fato de que um corte que havia produzido tanto sangue doesse tão pouco — de fato, não doesse nada. Durante alguns minutos permaneceu no assento do motorista sem se mexer, pensando no que devia fazer a seguir. Primeiro examinar o carro, decidiu, e, caso não houvesse nenhuma avaria séria e ele ainda estivesse funcionando, entraria outra vez no veículo, daria meia-volta e retornaria a Princeton. Desceu no ar gélido e descobriu que a grade da frente estava bem amassada. Não o bastante para causar alguma dificuldade mecânica, ele imaginou, mas, ao voltar para o carro e apertar o botão da ignição, nada aconteceu. Silêncio na bateria, silêncio no motor, talvez uma pane permanente no coração do automóvel. E, como Baumgartner não entendia patavina de mecânica automobilística e seria incapaz de resolver o problema, concluiu que nada havia a fazer senão levantar a gola do blusão, enfiar as mãos nos bolsos e começar a caminhar, na tênue luz de inverno, em direção às casas pelas quais passara antes. E assim, com o vento batendo na cara e o sangue ainda escorrendo da ferida na testa, nosso herói partiu em busca de ajuda. Ao chegar à primeira casa e bater à porta, o capítulo final da saga de S.T. Baumgartner começará.



SPENCER OSTRANDER

PAUL AUSTER nasceu em Newark, Nova Jersey, em 1947. Escritor, roteirista e poeta, estudou literaturas inglesa, francesa e italiana na Universidade Columbia. Após concluir os estudos, mudou-se para Paris, onde trabalhou como tradutor. Estreou na literatura em 1982 com *A invenção da solidão* e ganhou fama internacional com *A trilogia de Nova York*, de 1987. Sua obra foi traduzida para mais de quarenta idiomas. Morreu em 2024, aos 77 anos, em decorrência de um câncer, em Nova York.

Copyright © 2023 by Paul Auster

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Baumgartner

Capa

Elisa von Randow

Foto de capa

© Elliott Erwitt/ Magnum Photos/ Fotoarena

Preparação

Ana Alvares

Revisão

Carmen T. S. Costa

Érika Nogueira Vieira

Versão digital

Rafael Alt

ISBN 978-85-3593-899-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

x.com/cialetras